BIZZ

THRASH ESPECIAL!

entrevistas com
SLAYER
Megadeth + Testament

CUIDADO!
você vai entrar
nos bastidores dos
PIXIES

O ROCK IN RIO
que ninguém viu

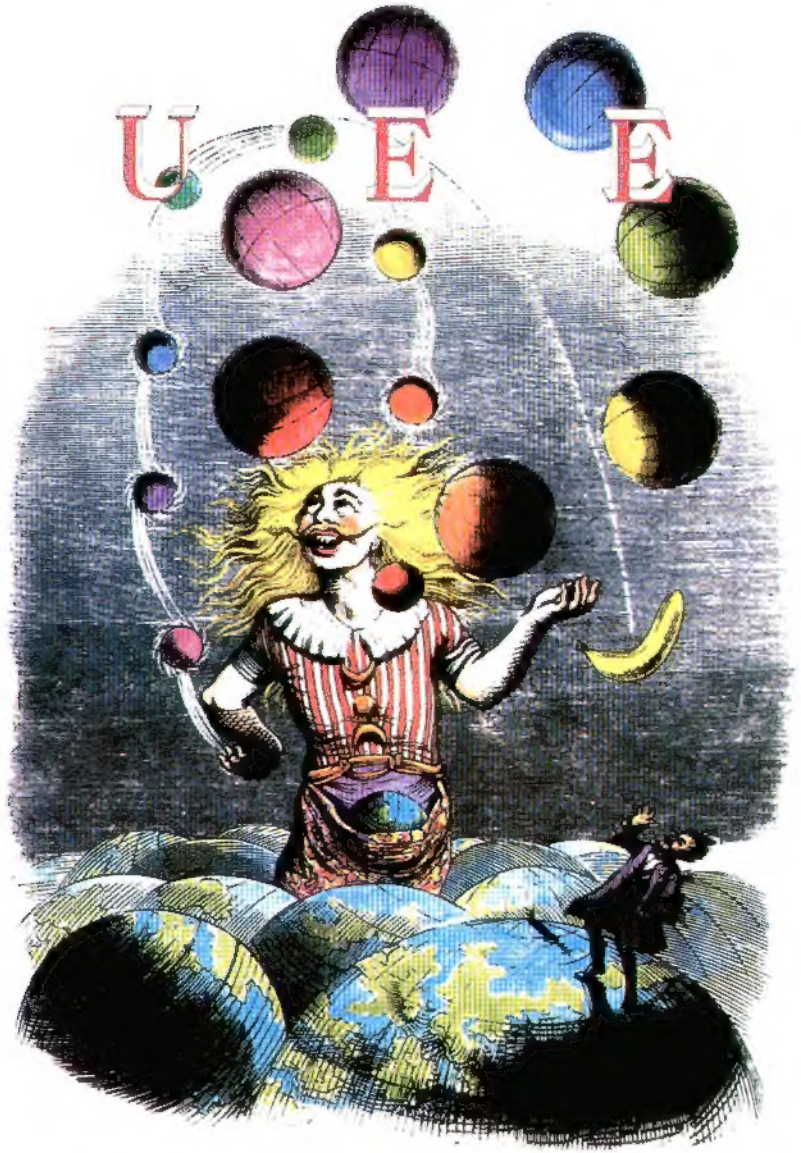
MARISA MONTE

RENASCE UMA ESTRELA

PRÊMIO BIZZ
MELHORES DO ANO
conheça os indicados

DEEP PURPLE ★ A HISTÓRIA DA HOUSE ★ PARALAMAS
AO VIVO: GUNS N'ROSES ★ FAITH NO MORE ★ GEORGE MICHAEL

QUEEN



INNUENDO

LANÇAMENTO MUNDIAL SIMULTÂNEO
EM LP, K7 E CD

EMI

Já dá até para ouvir alguns caras tendo ataques histéricos: "O quê? Marisa Monte na capa da BIZZ? Onde é que esses caras estão com a cabeça?"

A cabeça está onde sempre esteve, caríssimo leitor: cercada de headphones, tentando descobrir o que há de mais novo e legal rolando por aí. Justamente por isso é que Marisa Monte foi parar na nossa capa: seu novo disco é um passo de sete léguas em relação ao primeiro, simultaneamente mais pop e mais elaborado. Se você é do tipo que exige credenciais respeitáveis, preste atenção: o álbum foi produzido por Arto Lindsay, traz oito novas composições do pessoal dos Titãs e participações de Ryuichi Sakamoto e John Zorn.

PÁG. 42

Ed Sirrs/Retna

Do outro lado do ringue, esta edição traz um especial de thrash metal: entrevistas exclusivas com Megadeth, Testament e Slayer, três dos monstros reunidos recentemente na turnê *Clash Of The Titans*. No recheio, você encontra uma entrevista com uma das melhores bandas do rock americano, os Pixies, mais a segunda e última parte da história dos Paralamas.

Tem ainda a história da house, um papo com o novo cantor do Deep Purple, música afro-baiana, os patriarcas do blues, nossa cobertura do Rock In Rio e os artistas que você indicou para o prêmio *BIZZ Melhores do Ano*. O resultado final sai mês que vem. Até lá.

PÁGS. 12 E 52

Jorge Rosenberg/Arte

PÁG. 24

Fotos da Capa: Ary Diesendruck (Marisa Monte); Magnusson/Vidda (Slayer)

INDICE

4 **SHOWBIZZ**
U2 em estúdio, Rock In Rio II

14 **FAST FORWARD**
Deep Purple, a história da house

30 **SLAYER, MEGADETH, TESTAMENT**
Thrash em dose tripla

36 **PARALAMAS II**
A história, segunda parte

47 **JUKEBOX**
P.J. Proby

48 **DANCE MUSIC**
Soul II Soul, a explosão *tecno*

50 **CONEXÃO BRASIL**
Cogumelo Discos, fanzines

52 **AO VIVO**
Rock In Rio, Ramones, Revenge

57 **DISCOS**
Red, Hot + Blue, Soup Dragons

66 **LETRAS**
"Lived In Splendour...", Pop Will Eat Itself

68 **PARADA**
A-ha chega na frente

70 **CARTAS**
Engenheiros, Que Fim Levou Robin?

74 **DISCOTECA BÁSICA**
Metal Box (79), Public Image Limited

SHOWBIZZ

PRINCE RAPTA SINÉAD

Prince ficou histérico e disse que ia me prender para sempre em sua fazenda." A declaração bombástica foi feita por **Sinéad O'Connor**, após uma visitinha ao autor do hit "Nothing Compares 2U". A irlandesa afirmou que foi obrigada a escalar os muros da casa para fugir às ameaças de Prince. "Ele disse que ia me bater."

Para Sinéad, a causa de tanta irritação foi o sucesso de "Nothing...". "Ele está com ciúme e disse que eu nunca deveria ter gravado a música. Mas a verdade é que eu o salvei de graves problemas financeiros."

Prince desmentiu veementemente as acusações. "Isso nunca aconteceu", disse ele. "Não tenho a menor idéia sobre o que ela está falando."

MICK DÁ BAIXARIA

Mick Hucknall, vocalista do Simply Red, visitou incógnito o Brasil no mês de dezembro. Ele ficou hospedado na casa de seu guitarrista, Heitor T.P., em Itacoatiara (Niterói), e andou aprontando das suas. Desfilando vermelhíssimas *dreadlocks*, o ferruginoso cantor deu uma canja num show do baixista Arthur Maia; vomitou numa mesa da discoteca Hippopotamus (RJ), depois de beber três garrafas de champanhe, e foi pego em pleno ato sexual com uma garota de programa no banheiro da boate Dr. Smith, no Rio.

TELEVISION RELIGADO

Um dos mais significativos grupos dos anos 70 ameaça voltar à ativa em 91. O **Television**, um dos precursores do movimento punk em Nova York, estaria prestes a se reunir para shows e um novo LP. Tom Verlaine (vocais, guitarra), Richard Lloyd (guitarra), Fred Smith (baixo) e Billy Ficca (bateria) já teriam realizado vários encontros.

Em sua curta existência — 75 a 78 —, o grupo lançou dois LPs: o clássico *Marquee Moon* (ver Discoteca Básica, BIZZ 22) e *Adventure*. Desde então, Lloyd e Verlaine têm desenvolvido carreiras solo, sem sucesso comercial.

U2 ABANDONA O ROCK

Se você também está curioso para saber como vai ser o novo disco do **U2**, aqui vão algumas pistas. Youth, produtor que remixou o último promo do grupo ("Night And Day"), garante que o maior interesse da banda, no momento, é a dance music. A imprensa inglesa reforça a tese informando que o U2 tem sido visto com regularidade no Wah Wah Club, o *point* dançante mais quente de Dublin.

Em entrevista a *Propaganda*, o fanzine oficial do grupo, Bono Vox colocou mais lenha na fogueira dizendo que o grupo está interessado em tornar sua música mais rítmica. "Acho que 'God Part II', de *Rattle And Hum*, é um bom exemplo da dinâmica do novo som do U2." O novo disco deve ter ainda "guitarras bem agressivas", segundo o vocalista. "No momento, Edge está parecendo um maníaco". O LP tem lançamento previsto para o final deste ano.

OS MAIS CHATOS

Chatos e mal vestidos. Foi assim que os pop stars se apresentaram em 90, na opinião de alguns especialistas. Sinéad O'Connor, por exemplo, faturou o primeiro posto na lista das dez mulheres mais deselegantes, elaborada anualmente pelo estilista norte-americano Richard Blackwell. Em segundo lugar, veio Ivana Trump, ex-esposa do magnata Donald Trump.

Na categoria "chatice", a campeã foi Madonna, segundo o Boring Institute of Maplewood, sediado em Nova Jersey. Na lista dos "pentelhos", está ainda o já citado Donald Trump, os New Kids On The Block, 2 Live Crew e — adivinhe quem! — Sinéad O'Connor....

NEW KIDS ON THE BLOCK

PAULA ABDUL SOFRE ACIDENTE

Um acidente de carro deve deixar Paula Abdul fora de circulação durante um bom tempo. Depois de bater com seu Jaguar na traseira de outro carro, em dezembro, a cantora passou a sofrer fortes dores na coluna e nas pernas. Agora, ela se submete a intensivo tratamento médico, que deve se estender até julho. Se não funcionar, Paula pode ser obrigada a parar de dançar.

LOS ANGELES

Está cada vez mais difícil para as bandas alternativas de rock e rap fazerem shows nos Estados Unidos. Invocando "níveis crescentes de violência", as companhias seguradoras que emitem apólices protetoras a favor das casas de espetáculos — para cobrir possíveis prejuízos com arruaças — estão aumentando em até cinqüenta por cento o preço que cobram por cada apólice. Dessa forma, os custos ficam inviáveis para os pequenos, e somente os "tiros certos" têm trabalho garantido na estrada • De volta aos Estados Unidos após uma breve estadia no Brasil para o Rock In Rio, o **INXS** voltou às raízes. O grupo australiano faz várias apresentações em pequeninos *nightclubs* de Los Angeles e Nova York • A *Dublê De Corpo* **Melanie Griffith** participa do novo clip de Gordon **Sting** Summer, "All This Time" • Estatísticas I: os lojistas norte-americanos computaram as vendas dos caixotes lançados no fim do ano passado para descobrir o campeão de popularidade: deu **Led Zeppelin** na cabeça, com *Remasters* • Estatísticas II: enquanto isso, um grupo seleto formado por críticos, DJs, executivos da indústria fonográfica e fissuradinhos em geral elegeu "as maiores porcarias de 90" **Vanilla Ice** na cabeça. • Mike Patton, vocalista do Faith No More, está se apresentando numa série de shows com sua antiga banda, **Mr. Bungle**. Trata-se de uma *trupe* que mistura rock, teatro e vaudeville no mesmo estilo do Oingo Boingo de início de carreira • O velho homem do rock — **Alice Cooper** — faz uma breve aparição no novo *A Hora Do Pesadelo 6*. Desta vez, garante a produção, Freddy Krueger morre mesmo.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

OS INDICADOS

Na próxima edição, você ficará sabendo quem são os vencedores da votação dos leitores para o PRÊMIO BIZZ MELHORES DO ANO, além de conferir a opinião da crítica. Aqui, os indicados em cada categoria, de acordo com uma prévia baseada nas primeiros cédulas que chegaram à redação.

INTERNACIONAL

CLIP
Blaze Of Glory Jon Bon Jovi
Epic Faith No More
Vogue Madonna

BAIXISTA
Duff McKagan (Guns N'Roses)
Kim Deal (Pixies)
Steve Harris (Iron Maiden)

GUITARRISTA
Eric Clapton
Slash (Guns N'Roses)
Mark Knopfler (Notting Hillbillies)

VOCALISTA
Sinéad O'Connor
Axl Rose
Jon Bon Jovi

LP
Blue Sky Mining Midnight Oil
The Real Thing Faith No More
No Prayer For The Dying Iron Maiden

© De Estas Un

MÚSICA
"Blaze Of Glory" Jon Bon Jovi
"(Knockin' On) Heaven's Door" Guns N'Roses
"Nothing Compares 2 U" Sinéad O'Connor

Ricardo Siqueira/Azul

REVELAÇÃO
Stone Roses
Faith No More
Deee-Lite

Reina

BATERISTA
Sterling Campbell (DuranDuran)
Nicko McBrian (Iron Maiden)
Steven Adler (Guns N'Roses)

CAPA
Brain Drain Ramones
The Stone Roses
Violator Depeche Mode

LFI

GRUPO
Iron Maiden
Bon Jovi
Guns N'Roses

SHOW
Bon Jovi
Oingo Boingo
Bo Diddley

OUTROS INSTRUMENTOS
Martin Gore (teclados, Depeche Mode)
Chris Lowe (teclados, Pet Shop Boys)
Jo Bogaert (Technotronic)

NACIONAL

Ricardo Siqueira/Azul

WEA

CLIP
Deus E O Diabo... Titãs
Era Um Garoto... Engenheiros do Hawaii
O Poeta Está Vivo Barão Vermelho

SHOW
Titãs
Legião Urbano
Sepultura

LP
Vivo Lobão
O Papa É Pop Engenheiros do Hawaii
Na Calada Da Noite Barão Vermelho

GUITARRISTA
Frejat (Barão Vermelho)
Augusto Licks (Engenheiros do Hawaii)
Wander Taffo (Taffo)

MÚSICA
"O Pulso" Titãs
"Pais E Filhos" Legião Urbana
"Era Um Garoto..." Engenheiros do Hawaii

REVELAÇÃO
Cássia Eller
Taffo
Fernanda Abreu

Jorge Rosenberg Azul

CAPA
O Papa É Pop Engenheiros do Hawaii
Sia Radical Dance Disco Club Fernanda Abreu
Na Calada Da Noite Barão Vermelho

GRUPO
Sepultura
Legião Urbana
Engenheiros do Hawaii

BAIXISTA
Thedy Corrêa (Nenhum De Nós)
Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)
Dadi (Barão Vermelho)

VOCALISTA
Renato Russo
Frejat
Humberto Gessinger

LETRISTA
Edgard Scandurra
Renato Russo
Humberto Gessinger

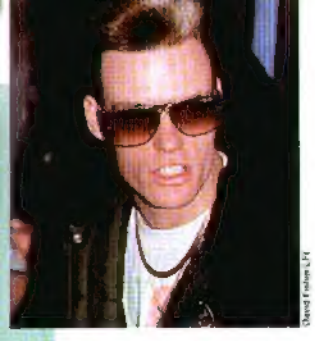
OUTROS INSTRUMENTOS
Léo Gandelman (sax)
Peninha (percussão, Barão Vermelho)
Bozo Barretti (teclados, Capital Inicial)

BATERISTA
Carlos Maltz (Engenheiros do Hawaii)
André Jung (Ira!)
Guto Goffi (Barão Vermelho)

NOVA HOT TAPE BASF
HOT...HOT...HOT...

You love it Hot. Hot Tape. Hot music. Hot sound. Nova Hot Tape Basf.
Cassete transparente, alta precisão mecânica com a tecnologia Basf que você já está acostumado.
Design totalmente novo, por dentro e por fora. Óxido de ferro LD que elimina quase todo o ruído de fundo. Mais graves...mais agudos...Hot music. Hot feelings. Hot dreams. Nova Hot Tape Basf.
A Ferro Extra I internacional da Basf para um som extra extra extra Hot.

A FITA INTERNACIONAL
BASF



RAP SABOR BAUNILHA

Ele já foi descrito como uma mistura de Schwarzenegger com Elvis Presley, ou Dolph Lundgren com James Dean. Seu single de estréia levou poucas semanas para atingir o primeiro posto da parada americana. O primeiro LP, *To The Extreme*, já vendeu cinco milhões de cópias. Em breve, estréia no cinema, interpretando um rapper em *The Secret Of The Ooze*, a seqüência milionária de *As Tartarugas Ninjas*.

Vanilla Ice é o segundo rapper a conquistar o mercado norte-americano na nova década. Somente ele foi capaz de derrubar do topo da parada o outro rapper: MC Hammer, que ocupou o posto durante vinte e uma semanas.

Depois que "Ice Ice Baby" chegou ao topo da parada, a gravadora retirou o compacto das lojas — obrigando os fãs a comprarem o LP. Resultado: *To The Extreme* se transformou no álbum de vendagem mais rápida da história da música pop.

No momento, Vanilla Ice tem apenas um problema: o processo movido por David Bowie e Queen pela utilização do riff de "Under Pressure" no megahit "Ice Ice Baby". Seus planos para o futuro são bem modestos: "Muitos primeiros lugares, muitos discos, papéis no cinema... Adoro esse negócio, é como motocross. Adoro competição".

ASTROS DO REGGAE VÊM AO BRASIL

O reggae está em alta neste início de ano. Os Wailers, que já andaram tocando por aqui no ano passado, voltam ao Brasil neste mês para uma turnê maior, ao lado do ótimo Yellowman. As datas são as seguintes:
6 e 7/03 — Somente Yellowman, no Projeto SP
9/03 — Praça da Apoteose (RJ)
10/03 — Clube Baiano de Tênis (Salvador)
12/03 — Geraldão (Recife)
14/03 — São Luís (local a confirmar)
16 e 17/03 — Somente Wailers, no Projeto SP

Em abril, é a vez do trio Aswad. Datas confirmadas:
3 e 4/04 — Olympia (SP)
6 e 7/04 — Cine Imperador (RJ)
9/04 — Curitiba (local a confirmar)
11/04 — Porto Alegre (idem)

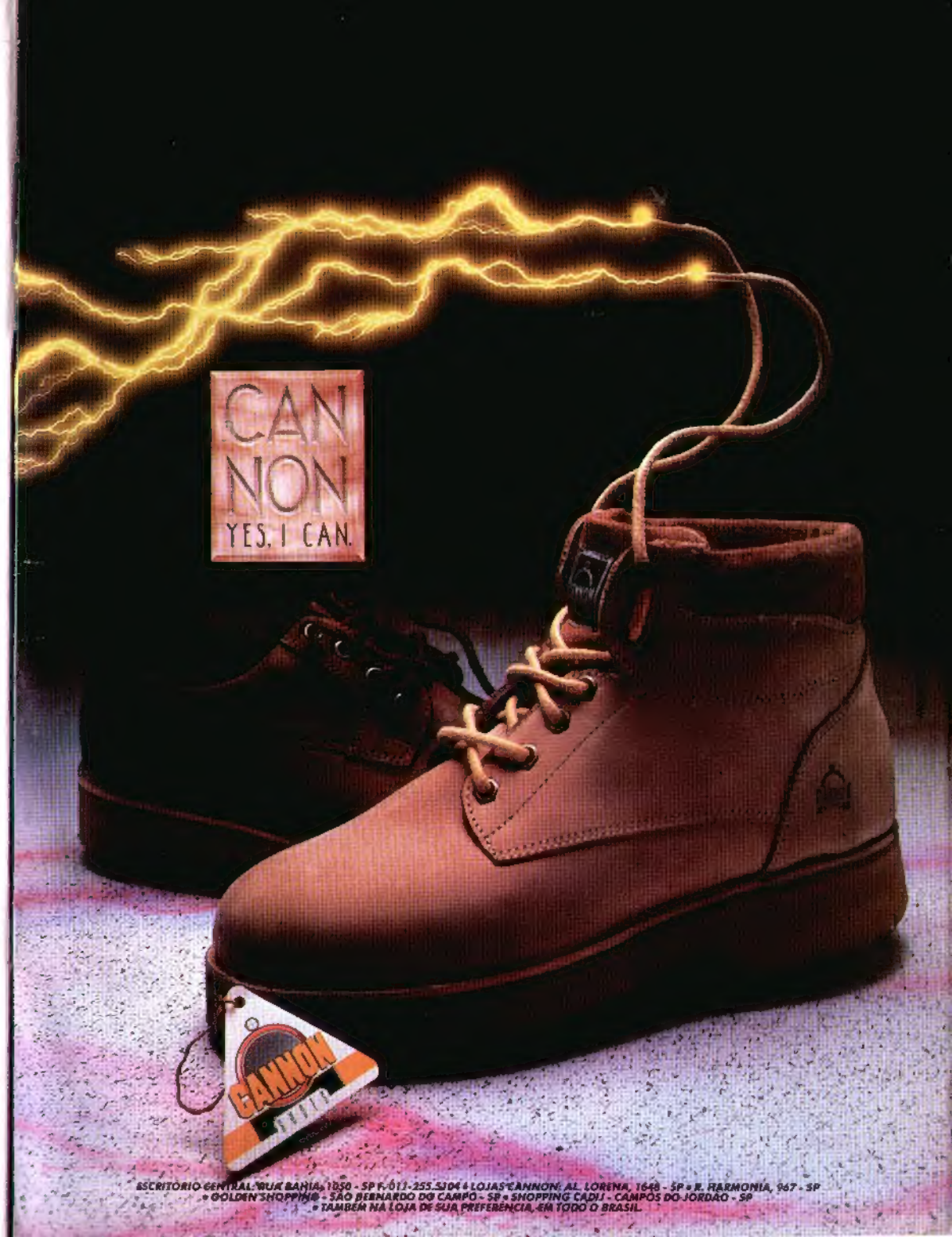
RÁPIDO & RASTEIRO

• *Pais E Filhos* João Barone, dos Paralamas, já é papai. O nome do bebê é Clara.
• *Sem Cura* Laurence Tolhurst, aquele tecladista que foi expulso do Cure, está de banda nova. Chama-se Presence.
• *Vida Nova* Rod Stewart casou-se em dezembro com a modelo neozelandesa Rachel Hunter, de 21 anos.
• *Anti-Semitismo* Uma organização hebraica dos EUA está acusando Madonna de compor uma canção anti-semita. Segundo a organização, "Justify My Love" traz uma citação bíblica usada na Idade Média para alimentar o ódio dos cristãos contra os hebreus.
• *Duelo De Titãs* Os New Kids On The Block participam de uma faixa do próximo LP de Frank Sinatra. Explica-se: o produtor do disco é Maurice Starr, tutor dos meninos.
• *Let's Paint* David Bowie colaborou com duas pinturas para a exibição *Twice Gifted*, em Nova York. Na mostra, estavam apenas telas de celebridades em outras áreas.

LONDRES

Foram anunciados planos para um megafestival, nos moldes do *Live Aid*, ainda este ano, na Jamaica. O evento homenageará **Bob Marley** no décimo aniversário de sua morte. Entre os convidados, ainda sem confirmação, estão o U2, Tracy Chapman, Sting e Stevie Wonder • **Sinéad O'Connor** está processando seu colega **George Michael** pela sampleagem de um riff de violino. O riff, registrado originalmente na faixa "Stretched On Your Grave", de Sinéad, foi utilizado por George em seu single mais recente, "Freedom" • Quem se decepcionou com o LP solo de **Ian McCulloch** pode começar a esperar: Ian está enfurnado no estúdio, preparando seu segundo álbum. Fontes próximas juram que ele será bem superior a *Candleland* • Continuam a todo as especulações quanto à reunião do **Led Zeppelin**. Nem mesmo o cancelamento dos três shows pré-natalinos de Robert Plant no Town And Country Club — que prometiam contar com as participações de John Paul Jones e Jimmy Page — conseguiu esfriar a boataria • O grupo de heavy metal americano **Deicide** não gostou nada de sua primeira visita à Inglaterra. Não só perderam uma guitarra — misteriosamente desaparecida — como foram atacados por um grupo de cristãos militantes • O cantor de reggae **Shabba Ranks** teve um pequeno problema com a famosa pontualidade britânica: ao chegar atrasado para uma sessão de autógrafos na Tower Records, em Londres, Shabba provocou o maior rebuliço. Fãs impacientes resolveram, enquanto esperavam, encher os bolsos de fitas e CDs. Tudo acabou em pancadaria.

ANAMARIA G. DE LEMOS



ESCRITÓRIO CENTRAL: RUA BAHIA, 1050 - SP • 011-255.5304 • LOJAS CANNON: AL. LORENA, 1648 - SP • R. HARMONIA, 967 - SP
• GOLDEN SHOPPING - SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP • SHOPPING CADIJ - CAMPOS DO JORDÃO - SP
• TAMBÉM NA LOJA DE SUA PREFERÊNCIA, EM TODO O BRASIL.

DEF LEPPARD PERDE GUITARRISTA

Steve Clark, guitarrista, compositor e líder do Def Leppard, foi encontrado morto em sua casa no dia oito de janeiro, em Londres. Causa provável da morte: overdose alcoólica.

Steve foi um dos fundadores da banda, em que tocava desde 79. Nos últimos anos, freqüentava uma associação de alcoólatras anônimos. Recentemente, participou das gravações do novo LP do Def Leppard, que sucederá o milionário *Hysteria*.

MULTIMADONNA

MADONNA: THE ULTIMATE COLLECTION (Warner Video, 1990, 60 min.) Nos anos 50 e começo dos 60, o rock era tocado em clubes pequenos e underground. No final dos 60 e começo dos 70, atingiu os grandes estádios. Após um breve reinado do punk, veio a era da MTV. Nos anos 80, o pop se tornou um produto de massa em escala planetária.

Madonna representa o auge desse processo, em que o mais importante não é o talento ou mensagem, mas a empatia e o carisma no vídeo e na TV. Sua grande vantagem sobre os concorrentes é reconhecer suas limitações e trabalhar dentro das suas possibilidades. O melhor exemplo é "Like A Prayer", que concentra numa pílula de quatro minutos emoções fortes a respeito da sensualidade, religião, racismo e solidariedade.

Madonna é hoje um dos raríssimos mega-astros a investir em vídeos que desafiam o conservadorismo religioso e sexual dos nossos tempos. E consegue fazer isso com um toque de alegria e bom humor — o que é um alívio nos dias em que vivemos.

DILÚVIO DE VÍDEOS

Seguindo o bom exemplo da CBS (agora Sony), a BMG decidiu investir no mercado de vídeos musicais. Estão sendo lançados este mês: *Jimi Hendrix In The Isle Of Wight; Wild!*, do Erasure; *All Around The World*, de Lisa Stansfield; e *Kenny G. Live*. Para um futuro próximo, estão previstas fitas de Depeche Mode, Simple Minds, Human League, Grateful Dead e James Brown, além do vídeo do projeto *Red, Hot And Blue*.

No catálogo da BMG Vídeo estão ainda duas revistas em vídeo: a *Metal Magazine* e a *Dance International*, ambas com três volumes já lançados lá fora. Ainda este ano, a BMG deve iniciar a produção de seus próprios vídeos, com artistas do *cast* da gravadora.

A CBS Music Video, por sua vez, coloca mais quatro fitas nas locadoras: *Hangin' Tough*, do New Kids On The Block; *George Michael; Trashes In The World*, de Alice Cooper; e *Black Rain Falls*, do Midnight Oil.

ARNALDO EM VÍDEO

Maldito Popular Brasileiro é o nome do vídeo que conta um pouco da trajetória do ex-Mutante Arnaldo Baptista. O vídeo tem vinte minutos e foi dirigido por Patrícia Moran, que reuniu imagens dos festivais e diversos programas de TV dos anos 60 para ilustrar sua narrativa. Lançado em Belo Horizonte, em dezembro, será exibido brevemente em vários salas especiais — como o Magnetoscópio, no Rio, e a Cinemateca Brasileira, em São Paulo.

OS MELHORES DE 90

A imprensa inglesa publicou suas listas com os melhores lançamentos em vinil do ano passado. Aqui, você confere algumas dessas votações:

MELODY MAKER

LPs

1. PILLS'N'THRILLS AND BELLYACHES — Happy Mondays
2. WORLD CLIQUE — Deee-Lite
3. SONGS FOR DRELLA — Lou Reed/John Cale
4. HEAVEN OR LAS VEGAS — Cocteau Twins
5. RAGGED GLORY — Neil Young And Crazy Horse

NEW MUSICAL EXPRESS

LPs

1. PILLS'N'THRILLS AND BELLYACHES — Happy Mondays
2. I DO NOT WANT... — Sinéad O'Connor
3. FEAR OF A BLACK PLANET — Public Enemy
4. RAGGED GLORY — Neil Young And Crazy Horse
5. GOLD MOTHER — James

FACE

LPs

1. WORLD CLIQUE — Deee-Lite
2. FLOATING INTO THE NIGHT — Julee Cruise
3. PEOPLE'S INSTINCTIVE TRAVELS... — A Tribe Called Quest
4. DONE BY THE FORCE OF NATURE — Jungle Brothers
5. HAPPINESS — Beloved

MONDO MÍDIA

• *The Death Of Elvis: What Really Happened* traz uma nova tese sobre a morte do mito. Segundo os autores do livro, James Cole e Charles Thompson, Elvis morreu por alergia à codeína, elemento presente em vários remédios que tomava diariamente.

• Diante dos protestos dos ecológicos Sting, Peter Gabriel e U2, algumas gravadoras já pensam em acabar com as caixas de papelão que abrigam vários lançamentos em CD lá fora.

• Mais uma figurinha do pop se arrisca na arte literária: Fausto Fawcett lançou seu primeiro livro. É uma ficção científica chamada *Santa Clara Poltergeist*.

• Biografia nacional do mês: *Noel Rosa*, de João Máximo e Carlos Didier.

• Importado obrigatório: o livro *The Billboard Book Of One-Hit Wonders*, de Wayne Jancik.

• Vem aí uma nova estrela para a música pop: já está em gravação o primeiro LP de Barbie. Ela mesma, a boneca. Não se sabe quem é a cantora, mas a Billboard já sugeriu um produtor: Frank Farian, do Milli Vanilli.

BERLIM

Se uma cidade se duplica da noite para o dia, o mesmo acontece com seus problemas. É o que estão descobrindo os berlinenses — do leste e do oeste —, às voltas com pacotes econômicos e uma grande insegurança social. Para os que estão chegando do lado de lá, a situação não poderia ser pior: concorrência até então desconhecida, medo, confusão e anarquia • No caso das bandas, a frustração é geral. Tudo aquilo que elas haviam conquistado com o tempo — a maioria, graças à conivência com o regime comunista, que lhes garantia um contrato com a gravadora estatal Amiga — caiu por terra. Agora, enfrentam a dura concorrência das *west bands* — muito mais estruturadas e sintonizadas com os novos tempos. Estas, por sinal, faturam muitas marcas em suas turnês pelo lado oriental • O underground de West-Berlim está para perder uma importante aliada. A rádio *Humbert* — única privada-coletiva com programação alternativa — irradia seus últimos sinais. A emissora trabalhava há tempos no vermelho, vítima do turbulento processo de mudanças que abalou o país O Quartier Latin, que durante mais de duas décadas foi uma parada obrigatória na noite berlinense, ameaçou fechar suas portas aos shows e à dance music para dedicar-se apenas a espetáculos de variedades. A investida não deu certo: voltaram os concertos e o DJ West Bam, o melhor da cidade — para felicidade dos jovens berlinenses...

MASSILON CROTOLO

O ROCK IN RIO QUE NINGUÉM VIU

It was the best of times, it was the worst of times... Quando um empresário carioca megalô com evidentes ambições políticas resolve fazer o maior festival de pop-rock do mundo, abre o olho: a diversão é garantida, mas o preço que você vai pagar também.

Musicalmente, foi uma maratona — 49 shows, dezenas de horas que, justiça seja feita, serviram como panorama justo do que rola no mundo. Tinha para todos os gostos, de Megadeth a New Kids. Apesar do aperto, da violência insana dos seguranças da Protege, da chuva, dos banheiros imundos, do cheiro de mijo, da comida fria e o chopp quente, dos cancelamentos de última hora, do preço inflacionado de tudo, da overdose de cobertura da imprensa, do besteirol publicitário da Globo e do *O Globo*; apesar de parte razoável dos espectadores ser desprovida de senso crítico (que nesses festivais macro geralmente já é bastante esmagador), apesar, finalmente, do som estar quase sempre uma droga, o Rock In Rio rendeu alguns bons shows e vários passáveis. Mais detalhes no *Ao Vivo* desta edição.

Mas música, oli — por incrível que pareça —, era só a cobertura do bolo. O buraco era mais embaixo — a saber, uma operação projetada para inflar nosso machucado ego brasileirinho, cansado de tanto desgraceira. Falta de perspectivas e, principalmente, de grana, deixam um gostinho ruim na boca da juventude varonil deste Brasil. Por isso é que periodicamente se faz necessário um evento mega-máxi-super, nos relembrando que continuamos a ser os maiores, deitados eternamente em berço esplêndido, cheios de amor para dar.

Esta atitude utópico-megalomaníaco-depressiva causou gafes horrendas, boatos infindos, fofocaria interminável. Quando o circo do rock'n'roll desce do Olimpo e aterrissa aqui na fazenda, nós, o capiauzada corrente, ficamos deslumbrados. Nestas páginas, você descobre um pouco do Rock In Rio que ninguém viu.

ANDRÉ FORASTIERI

NÚMEROS

- Público total do festival: 750 mil pessoas
- Maior público: 117 mil pessoas, no dia 20, show do Guns N'Roses
- Menor público: 50 mil pessoas, no dia 24
- Cachês pagos aos artistas (em dólares):

Prince e Guns N'Roses, 500 mil
George Michael e New Kids On The Block, 250 mil
INXS, 200 mil
A-ha, 150 mil
Joe Cocker, 125 mil
Billy Idol e Debbie Gibson, 100 mil
Santana, 90 mil
Judas Priest, 75 mil
Information Society, Queenryche e Run DMC, 50 mil
Lisa Stansfield, 35 mil
Colin Hay, Deee-Lite e Megadeth, 25 mil
Faith No More, 20 mil

- Toneladas de lixo retiradas do gramado diariamente: 250
- Tempo mínimo para comprar um chopp: uma hora
- Preço do chopp: de 250 a 400 cruzeiros
- Show mais longo: INXS (2 horas e 20 minutos)
- Show mais curto: Lobão (cerca de 6 minutos)
- Mortes: três — uma por overdose, uma acidental (queda do portão do Maracanã) e uma por tiros
- Estupros: um, no dia 24. Vítima: uma secretária de 28 anos. Acusados: 4 PMs
- Desistências: 4 (Barão Vermelho, Gal Costa, Robert Plant, Gilberto Gil)
- Menor cachê do Rock In Rio: 1 200 cruzeiros, para os varredores do gramado, por um turno de doze horas

BARRADOS NO BAILE

- Billy Idol, na festa de inauguração da casa noturna Resumo da Ópera
- Prince, que não foi reconhecido na porta da boate Trap 571
- Supla, que não pôde entrar no camarim de Billy Idol
- Duas mil pessoas com ingresso na mão, que não puderam entrar no Maracanã, dia 20
- Lobão, barrado pelo público do Rock In Rio no dia 23

CELEBRIDADES INSTANTÂNEAS

- *Marianne Cotrin* Depois que Prince a convidou para sua mesa, no Resumo da Ópera, a modelo de dezesseis anos da agência Class (que forneceu vários convidados para a festa do cantor) ganhou destaque em várias publicações
- *Márcia Bulcão* A ex-companheira de Fernanda Abreu na Blitz foi a mais ousada das tietes puxadas ao palco por Prince, ensaiando uma coreografia com ele e dançando à vontade em cima do seu piano de cauda

BASTIDORES

- Em entrevista à Folha de São Paulo, Shaun Ryder, do Happy Mondays, disse que traria ao Brasil mil tabletes de ecstasy. Um fax da gravadora o preveniu, reduzindo drasticamente a quantidade de droga trazida pela banda
- O DJ Towa Towa, do Deee-Lite, sofreu duas quedas, nas duas vezes em que o grupo se apresentou. Segundo Pedro Bial, apresentador da Globo, ele estaria sofrendo de "desmaios". Mas, segundo os médicos, Towa caiu ao tropeçar numa corda quando deixava o palco
- George Michael foi o pop star que se mostrou mais animado em sua própria festa. Ela aconteceu no boate Trap, dia 27, e terminou às sete e quinze da manhã. George, além de dançar muito, atacou de DJ por mais de uma hora, botando na pista discos de Madonna ("Vogue"), James Brown ("Sex Machine"), Prince ("Kiss"), Snap ("The Power") e Adamski ("Killer")
- Ao embarcar para o Rio, Morten, do A-ha, se esqueceu de incluir na bagagem seu calção de banho. Pelo menos foi o que deu a entender sua decisão de tomar sol na piscina do Rio Palace trajando uma simples cueca
- Slash confirmou sua paixão por cobras — ele tem dez na sua casa — fazendo uma visita ao Instituto Butantã, em São Paulo. Funcionários de lá disseram que ele saca tudo de cobras — reconheceu várias

OS MAIS PENTELHOS

- Prince ganhou disparado. Recusou-se a falar com a imprensa e com quase todo mundo — suas mensagens eram sempre transmitidas pelo empresário Paul Silveira. Uma de suas exigências — não atendida — é de que não fossem vendidas bebidas alcoólicas no Maracanã.

A sauna do hotel foi esvaziada para que o cantor a usasse. Nas casas noturnas, banheiros eram inspecionados pelos seguranças, que cercavam o cantor na pista de dança.

- Axl conseguiu um modesto segundo lugar. Logo de saída desapareceu, dando um baile nos fãs e não comparecendo à coletiva. No dia da passagem de som, foi "esquecido" pela banda e, irritado, disparou palavrões contra fotógrafos. Estes, a exemplo dos fãs, foram sempre enxotados pelos seguranças. As garotas que se postaram à frente do Rio Palace tiveram mais sorte: Axl jogava para elas palhetas, bilhetinhos e até fitas. Quando começaram a gritar pedindo seu telefone, o vocalista não pensou duas vezes: arrancou o aparelho da parede e o jogou para elas — da janela do décimo sexto andar

PÉROLAS

"Nove dias de música e paz."
Slogan do Rock In Rio

"Passinho para trás, por favor."
Coordenador de palco, para a platéia do primeiro show do Guns N'Roses

"Não estou a fim de experimentar as prisões brasileiras."
Shaun Ryder, explicando por que não trouxe mil tabletes de ecstasy para o Brasil

"Falta espaço e mulheres bonitas."
Prince, sobre as casas noturnas cariocas

"Eu estou pagando o Rock In Rio, eu estou pagando o Prince, eu estou pagando o Roberto Medina!"
Boni, ao ser barrado na festa de Prince no Resumo da Ópera

"Estamos aqui em busca de diversão e dinheiro: este é o significado do festival."
Mike Patton, Faith No More, sobre os pedidos de paz no Rock In Rio

"Confesso que me senti constrangida. Às vezes acho ele liberado demais. Eu certamente nunca ensinei aquelas coisas para ele."
A sexóloga Marta Suplicy, sobre a performance do filho Supla no Rock In Rio

"O George Michael cobrou o cachê mais caro para fazer um show vagabundo. Eu tenho muito mais hits do que ele."
Léo Jaime

"Qualquer festival de rock tem dessas coisas. Não quero falar sobre isso, senão vou acabar me irritando."
Medina, sobre as mortes no festival

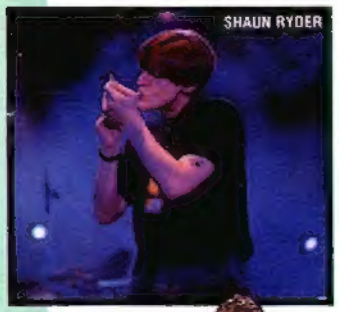
"Seqüestra e mata!"
Coro entoado pelo público impedido de entrar no Maracanã no dia 20, dirigido ao organizador do festival

GEORGE MICHAEL E ANDREW RIDGELEY

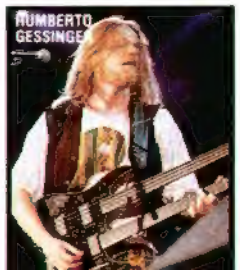
JUNGLE DJ TOWA TOWA

MICHAEL HUTCHENCE

Foto: Jorge Rosenberg Azar


SHAUN RYDER

LOBÃO


HUMBERTO GESSINGER

SUPLA

FAST FORWARD

ONTEM CHICAGO, HOJE O MUNDO

O nascimento da house music descrito por quem estava na sala de parto

Prova. Assunto: house music. Quais foram os principais datos na história dessa corrente musical?

Novembro de 1990, sai o divisor de águas do Deee-Lite, o LP *World Clique*; fevereiro de 1990, "Pump Up The Jam" chega ao N.º 1 nos EUA, a primeira house a fazê-lo; o lançamento de "Ride On Time" do Black Box, em setembro de 1989, misturando tudo que já havia sido feito; "Big Fun" do Inner City, o primeiro house crossover; S'Express e Bomb The Bass na divisão de frente do dance music inglesa, em 1988; a febre do acid house, em 1988, e das rave parties a partir de 1989; 1987, o mundo conhece "Pump Up The Volume" do MARRS; Chicago se mostra ao mundo com "Jack Your Body" e "Move Your Body", de Steve "Silk" Hurley e Marshall Jefferson, em 1986.

Até aí todo mundo sabe. Mas, e antes? Como começou o último grande desdobramento da música negra urbana dos EUA, aquele que se apresentou como a verdadeira síntese futurista de tudo que veio antes: blues (piano), funk (groove), soul (vocais), disco (batida), hip hop (samples-agens e efeitos eletrônicos)?

BIZZ destrinchou a verdade com Wayne O. Williams, que esteve em São Paulo na comitiva de Mr. Lee, quando este se apresentou no Dance Music Fest. Nunca ouviu falar? Nem nós, até o dia em que o descobrimos por acaso. Perguntei a Mr. Lee sobre os primórdios da house, afinal Lee é da velha guarda. Ele respondeu que o mais indicado para responder minha pergunta seria o simpático trintão, alto, branco e de rabo-de-cavalo que acompanhava a entrevista. Williams atualmente trabalha no departamento artístico da Jive Records em Chicago, mas foi em 1983 que ele e seu irmão, Jessie Saunders, fizeram o que foi considerado as duas primeiras faixas de house da história.

Para entender como surgiu esse disco, lançado em 1983, temos de voltar até o ano de 1977, quando o DJ nova-iorquino Frankie Knuckles foi contratado pelo Warehouse, um clube gay underground de Chicago. A lenda conta que a mistura da melhor *disco* do momento — catálogos das gravadoras Salsoul, Prelude, TK, Philadelphia International e obscuras faixas de euro-disco — com o clima de altíssimo astral e de dança non-stop até altas horas da manhã, garantiu o extraordinário sucesso do lugar.

Segundo Williams, o Warehouse ficava no lado norte de Chicago, e por ser essencialmente negro e gay, a garotada mais careta, "*straight*", do lado sul, não tinha coragem de ir lá.

"Eu e meu irmão começamos a trabalhar como DJs por volta de 1975, no lado sul, promovendo festas. Passamos a ir ao Warehouse e ficamos impressionados com a música e a vibração do lugar. Era muito bom. Então começamos a introduzir em nossas festas os hits *disco* do Warehouse. A garotada que ainda estava curtindo muito o R & B e soul estranhou. Surgiu então o termo house: as pessoas diziam, pejorativamente, 'lá vem aquele DJ com aquela música de bicha, aquela música do Warehouse', o que logo foi encurtado para 'música do House' (em inglês, exatamente 'house music')."

As opiniões mudaram rapidamente e o aceitação do novo som cresceu, invertendo a conotação do termo. Williams e Saunders de repente se viram à frente da concorrência, no lado sul da cidade, em termos de som — afinal só eles tinham os *grooves* do Warehouse em primeira mão. Williams conta que outros DJs começaram então a tomar coragem para atravessar a cidade e ir até a lendária casa noturna. Por volta de 1982, Chicago toda estava contaminada pelo som de Frankie Knuckles e o moçada invadia as lojas à procura de "house music".

Knuckles ganhou um programa de rádio no qual levava ao ar suas mixagens tecnicamente perfeitas com uma seleção impecável. Com o rádio, ser DJ virou moda em Chicago.

Nesse meio tempo, Williams e seu irmão já estavam partindo para outra.

"Meu irmão havia comprado uma bateria eletrônica Roland 808 e estava inventado seqüências nela. Um dia conectamos a bateria na aparelhagem de som e começamos a tocar um desses instrumentais rítmicos para a pista. Era só uma batida 'tum-tum-tshh-tshh', mas a molecada enlouqueceu e a faixa ficou muito popular."

"Alguém sugeriu que deviamos prensar a faixa, afinal era muito popular. Jessie montou seu selo, Jes Say Records, e prensou a faixa, chamada apropriadamente de 'On And On' (convite à repetição ininterrupta)." Williams logo gravou a sua com o nome de Dr. Derelict. "Undercover", a primeira a usar a palavra "jack".

Em pouco tempo para ser cool em Chicago, não bastava ser apenas um bom DJ, era preciso gravar um disco também. E foi o que começaram a fazer Farley "Jackmaster" Funk, Steve "Silk" Hurley, J.M. Silk, Larry Heard, Adonis e Virgo. Todos eles DJs que inventavam faixas mixando elementos de suas músicas preferidas. Roubar em Chicago, dita o senso comum, é pegar a idéia de alguém e lançar primeiro.

Os primeiros selos se formaram: além do já citado Jes Say: Trax e DJ International. Por volta de 1986, este último contava com mais de cem nomes no seu catálogo de artistas, a grande maioria envolvida com house.

A mensagem seguia três linhas básicas: palavras-chave repetidas várias vezes, conclamando à dança ("Jack your body"); letras positivas de esperança e amor, na tradição do gospel ("Love Can't Turn Around", Farley Funk); e explicitamente eróticas ("Baby Wants To Ride", Jamie Principle e Frankie Knuckles).

Foi então que os DJs ingleses descobriram a House, a imprensa seguindo logo atrás com o *hype*. "Jack Your Body" atingiu o primeiro lugar na parada britânica em outubro de 1986 e o resto é história.

E Williams fazia idéia do que havia detonado o partir daquele fatídico "On And On"?

"Nada! Para mim e Jessie havíamos apenas criado um som rítmico que fez sucesso e decidimos tirar proveito disso comercializando."

CAMILO G. ROCHA

A REDAÇÃO RECOMENDA

ALTA ROTAÇÃO

DANCIN' YEARS Clássicos funk e disco, com enfoque na fase 70 da Motown. Inclui "Upside Down" (Diana Ross), "Got To Give It Up" (Marvin Gaye) e "Shame" (Evelyn King). Obrigatório. **C.G.R.**

Como os Irmãos Winter, dois sulistas branquelos com muito rock e blues nas veias, **Stevie Ray Vaughan** já partiu num vôo sem volta. Mas este **Family Style**, ao lado do mano **Jimmy**, mantêm a música no ar. **A.C.M.**

ELECTRIC LADYLAND, The Jimi Hendrix Experience (CD) "Você já esteve na terra das mulheres elétricas? O tapete mágico te espera, portanto não se atrase". Boa viagem! **C.P.**

Não é uma droga e nem causa dependência. **HIP HOP NA VEIA** é apenas o melhor lançamento brasileiro do género. Sem qualquer conotação sexual: **Thaide** e **DJ Hum** formam um casal perfeito. **C.M.**

Betty Boo é irretocável. Pop como eram pop os Supremes, o B-52's, o Bananarama. O disco de estréia, **BOOMANIA**, tem uma sensibilidade *Avengers*/Perdidos no Espaço. É puro *bubblegum* sessentista, revisado para os 90. O disco de festa que faltava na sua vida. **A.F.**

RAGGED GLORY, Neil Young Depois da suavidade de *Freedom*, ele ataca com uma festa de guitarras distorcidas em verdadeiras *jams* no estúdio. Mais um LP brilhante. **M.A.G.**

Uma nova voz para o dinossauro heavy

Joe Lynn Turner revela como pretende fazer o Deep Purple reviver as glórias do passado

JOE, O NOVO CANTOR DO DEEP PURPLE

Me conte um pouco o que você fez antes do Deep Purple.

Eu tinha uma banda chamada Fandango, muito pouco conhecida. Tínhamos um "contrato-de-prateleira" com a RCA, fazíamos turnês, gravávamos discos, mas eles nunca foram lançados, ficavam na prateleira. Eles descontavam do Imposto de Renda *(risos)*.

Que tipo de banda era?

Era tipo Eagles, com jazz e country e também rock. Éramos muito ecléticos, e muito adiante do nosso tempo. Depois deste grupo, eu entrei no Rainbow... Depois do Rainbow fiz um disco para o Elektra, mas não recebi promoção ou divulgação nenhuma, então saí. Foi então que o PolyGram entrou em contato comigo, para cantar no disco do Yngwie Malmsteen. Eu estava super-relutante, mas acabei aceitando. No final, o que aconteceu foi que nos separamos por motivos religiosos: ele achava que era Deus, e eu não concordava *(risos)*. Ele é tão... bem, eu espero que ele encontre o que está procurando, ele é um maníaco. Depois do Malmsteen, estava tentando conseguir um contrato, e foi então que recebi um telefonema do Deep Purple e fui ver qual que era. Cantei, eles gostaram, eu gostei.

É claro que você já havia trabalhado com o Ritchie Blackmore e o Roger Glover no Rainbow.

É, isso tornou tudo mais fácil. Mas a energia desta banda é muito melhor do que a que existia no Rainbow. É mais natural. Esses caras do Purple têm a química perfeita. Eu sempre fui fã da Purple, e mesmo assim fiquei surpreso com eles. Cresci ouvindo Purple, e cantei muitas músicas deles em bandas de covers ou senão tentei imitá-los. Por isso, estava bem familiarizado com o material deles, e com a atitude deles. As pessoas me perguntam sobre o Ian Gillan, e eu digo que sempre gostei da voz dele, mas a minha voz não é como a dele, e a dele não é como a minha.

Mas seu estilo neste álbum, Slaves And Masters, me surpreendeu bastante, pois achei-o diferente dos seus vocais no Rainbow ou mesmo com Malmsteen. Está mais para Paul Rodgers...

É, muitas pessoas me disseram que o estilo está diferente. Paul Rodgers é meu cantor predileto. Sempre cantei nesse estilo, só que nunca havia tido a oportunidade de gravar assim, pois faltava a banda certa. Se você ouvisse minhas demos... Inclusive, o Paul Rodgers ia gravar duas músicas minhas, antes de eu entrar para o Rainbow. Adoro esse estilo bem rico, bem blues. Não tentei copiá-lo. Minha maior influência é Otis Redding, e o do Paul também.

Apesar de muita gente tentar imitar o Paul Rodgers, poucos conseguem fazê-lo.

É verdade. Espero não soar como se eu o estivesse copiando. É como toda essa gente que quer imitar o Robert Plant. Ele é um grande modelo no qual se basear, mas já temos um Robert Plant e não precisamos de outro.

Como foi que vocês compuseram as músicas para *Slaves And Masters*?

O Purple é uma banda de jams. Nós tocamos e gravamos tudo, e depois ouvimos as fitas e decidimos no que vamos trabalhar. É uma atitude muito solta, muito vamos-ver-no-que-dá. Aliás, o single "King Of Dreams" foi uma jam. Quando o ouvimos três semanas depois, ficamos surpresos. Juro que só tocamos a música uma vez, e ela estava pronta, escrita!

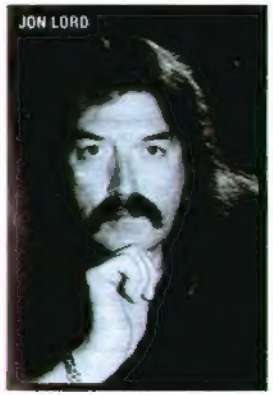
É importante manter a espontaneidade?

Muito. Eles tinham algumas idéias da época em que Gillan estava na banda, mas mudamos essas idéias, viramos no avesso, criamos novas idéias etc. É assim: montamos a aparelhagem, tocamos, saímos para jogar futebol, aí voltamos e ouvimos as fitas *(risos)*.

RITCHIE BLACKMORE

ROGER GLOVER

IAN PAICE


JON LORD

Como você vê o papel do Deep Purple no rock?

Lendário. Formativo. Original. Acho que eles começaram o "três acordes básicos", que mais tarde virou heavy metal. O Deep Purple não é uma banda de metal, é hard rock e blues, com melodias. Eles escrevem músicas, sempre escreveram. "Machine Head" é uma das maiores músicas que já ouvi. Foram eles que começaram tudo. Você pode entrar numa loja de discos em qualquer parte do mundo, que vai ouvir "duh, duh, duh, duh, duh-duh" *(canto riff de "Smoke On The Water")*. É o riff de três acordes, pura simplicidade. O Purple é um grupo lendário, sempre pensei neles nesses termos e, para mim, cantar com eles é puro êxtase. Incrível.

Eu me lembro bem da época em que ou você gostava do Led Zeppelin ou do Deep Purple. Era a maior guerra!

É, só existiam duas bandas naquela época, o Led Zeppelin e o Purple, se você não contar o Cream, é claro.

> *"Sempre fui fã da banda. Cantar com eles é puro êxtase"*

Você insiste em dizer que o Purple é hard rock e não metal. Quem, a seus olhos, seria heavy metal?

Judas Priest! Eu sei que bandas como Bon Jovi às vezes são chamados de metal, mas eles são pop. O Jon é meu amigo, nós dois somos de Nova Jersey, e ele é um cara muito esperto, sabe o que está fazendo e é sincero. Mas ele não é metal! Todo mundo quer rotular tudo, e não vejo a necessidade disso. O que é o Metallica, por exemplo? Para mim, é metal, uma forma de metal. Mas o Bon Jovi não! Os Guns N'Roses também não são metal, têm influências country, urbana, são híbridos. O Motley Crue... originalmente, eles queriam tocar metal, mas acabaram se tornando uma banda pop.

Falando a respeito do disco novo, Roger Glover disse que houve uma mudança dramática de direção.

Não concordo, a não ser que isso queira dizer que o Purple tenha voltado ao lugar de onde veio. Essa foi a mudança de direção. E há também um som dos anos 90 que foi por insistência minha. Mas acho que as raízes hard rock e r'n'b continuam as mesmas. Faixas como "Fire In The Basement" soam como "Lazy", só que modernizados, com uma atitude mais irônica.

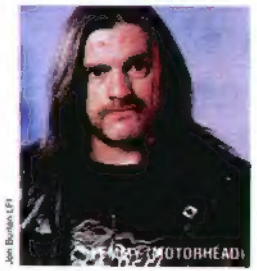
Deve ser duro ser uma lenda, sempre vivendo com sua própria sombra...

Sim. Você está certo. Há sempre uma nuvem sobre você, e as pessoas sempre vêm dizer: "Bem, o Purple nunca vai ser o que era". Os outros caras do Purple ficam embaraçados quando vêem que há garotas de catorze anos que não conhecem o grupo *(risos)*, porque eles gostariam de atingir um público maior. E as pessoas vêm e apontam e os chamam de dinossauros. Isso machuca!

ANAMARIA G. DE LEMOS

METAL

hard • heavy • thrash


Jon Bunker EFI

O próximo **Castle Donnington Festival**, que será realizado em setembro, contará com a presença do AC/DC e Skid Row • Está previsto para junho o novo álbum de Ozzy Osbourne • Em seu último disco, **Dweezil Zappa** (filho de Frank) teve a participação de Zak Wilde (guitarra do Ozzy) e dos Frank Zappa Band Scot Tunis (baixo) e Mike Kenalli (teclado) • O **Motorhead**, que em junho completa 16 anos de estrada, lançou recentemente o LP *The Birthday Party*. Gravado ao vivo no Hammersmith Odeon em junho de 1985, conta com a participação especial de Wendy O. Williams (ex-Plasmatics) do já falecido Phil Linott (Thin Lizzy) • O **Sabat** (não confundir com o grandioso Black Sabbath) teve seu disco lançado em fevereiro, com Ritchie Desmond no vocal substituindo Martin Walkier • Saiu nos EUA o álbum *Blind Apatry* do **Wench**, banda feminina nova-iorquina de trash metal • A banda inglesa **Terroriser** terá seu disco lançado este mês aqui no Brasil • Foi realizado no final de dezembro em **Jundiaí** um festival contando com a presença do Golpe De Estado, O Terço, Zenith e outros • Saiu o primeiro LP do **Executer**, *Rotten Authorities* • Também foram lançados os LPs do **Sex Trash** (banda mineira que conta com D.D.Crazy, ex-batera do Sarcófago) e do **DeFalla**, intitulado *We Give A Shit* • Neste mês, sai o LP instrumental da banda santista **Mr Green** • O **Acid Storm** e o **Zerovideo** gravaram demos novas, mês passado • O **Blezquizatsas**, banda do tecladista Fabio Ribeiro (ex-Anjos Da Noite) e do ex-guitarrista do Cavala A Vapor, Luis, está em estúdio.

PAULO DE N. CAMPOS

BOTANDO O BLOCO NO FUTURO

O Ara Ketu lança as bases da música afro-brasileira do século 21

Periperi, um bairro de cem mil habitantes incrustado no violento subúrbio de Salvador, não é o tipo de lugar onde se levam turistas que visitam a cidade. Suas praias são poluídas e a violência campeia, com total indiferença das autoridades. A qualidade de vida é baixíssima e seus habitantes, remanescentes das favelas que foram expulsas do centro de Salvador.

Paradoxalmente, em Periperi fervilha o renascimento da cultura negra baiana, graças à entidade mais representativa do comunidade: a banda-bloco carnavalesca Ara Ketu. Após uma década com presença marcante no Carnaval da Bahia e o lançamento de dois discos de distribuição sazonal, o grupo Ara Ketu resolveu virar do avesso a música de raiz negra da Bahia e experimentar fusões de novos linguagens, geralmente pouco sondadas pela maioria dos grupos congêneres. Em vez de investir na monocórdia mescla entre samba e reggae, o Ara Ketu busca inspirações em outros ritmos originários ou derivativos da tradição negra para elaborar uma nova música.

"Tudo o que se faz em matéria de música negra no Brasil já está superado na África há pelo menos trinta anos", dispara Tatau, vocalista do grupo e um dos primeiros a notar a necessidade de mudanças na postura da banda. Vera Lacerda, presidente do bloco, confirma: "Hoje o preferencial é a música negra e não a música africana tradicional. Até na África, a música popular está se universalizando, misturando no som elementos da música caribenha, européia, norte-americana. Queremos, inclusive, desmistificar esta busca das raízes africanas que alguns grupos procuram. Nem na África isso existe mais".

Toda essa revolução conceitual começou a acontecer em 89, quando Vera e o percussionista de efeitos, Jorjão Bafafé, participaram da Semana do Memorial de Salvaguarda da Ilha de Gorê, no Senegal. Lá, eles conheceram de perto a nova música africana, que desde os anos 60 tem produzido um consistente hibridismo estético entre a música tribal e o instrumental eletrônico de ponto.

Como a música de percussão já não satisfazia plenamente a sonoridade da banda, o Ara Ketu resolveu mudar. E a primeira atitude foi a seleção de novos músicos para o grupo — todos dominando o instrumental eletrônico. Dessa forma, foram convocados o baixista e arranjador Zéo Góes, que havia atuado na Banda Da Furta Cor; o guitarrista Birro Pacheco, também ex-Furta Cor e Bahia Bossa; o guitarrista-base Roberval, ex-grupo Auto Reverso; o tecladista Henrique, para pilotar sintetizadores e samplers; e o saxofonista e pesquisador Bentes. Ficaram os músicos de base que já vinham atuando constantemente na banda, como o baterista Gil Rezende, os percussionistas Jorjão Bafafé, Walter, Marão, Lelé e Edilson; e a vocalista e um dos principais compositores Tatau. "Todos foram escolhidos a partir da identificação com o trabalho. Existe entre nós uma grande similaridade de idéias e isso é o que faz o som da banda ser tão forte", define Jorjão Bafafé.

Os primeiros sinais dessa virada conceitual estão cristalizados nas apresentações que o grupo vem fazendo por todo o país e no novo disco, que será lançado no primeiro semestre de 91 no mercado brasileiro e terá distribuição internacional. O primeiro grande hit deste novo som foi a música "África", que rodou nas rádios de Salvador a partir de uma *demo tape* e chegou a alcançar os primeiros lugares na parada local — invariavelmente dominada por frágeis grupos de rock ou aguado pop afro-baiano. A música é emblemática: mistura ritmos extraídos do candomblé com *afrikan pop* e arranjos que propõem uma nova timbragem para a música negra.

É esta nova sonoridade que vem atraindo gente importante como o talking head David Byrne, que entrevistou o grupo para um documentário de TV sobre música africana, apresentado *coast to coast* nos Estados Unidos. Foi a partir dela, também, que a banda chamou a atenção dos organizadores do Festival de Música Negra de Caiena, na Guiana Francesa. Foi o único representante brasileiro num evento que reuniu nomes importantes da música negra mundial.

A fórmula dessa música é complexa. Une ritmos tradicionais extraídos do candomblé e até então não tocados por outros grupos (como o aguarê, angola, ketu e o caboclo, além do já conhecido ijexá), que são misturados com rock, funk, jazz, soca, calipso e peul (uma espécie de hip hop senegalês). Diz o percussionista Jorjão Bafafé: "Temos os nossos próprios ritmos tradicionais e os instrumentos primitivos — que vêm do candomblé e do samba. O que fizemos foi mesclar tudo isso à eletrônica, como os africanos modernos, e pesquisar em cima".

Ara Ketu já lançou dois discos. Ambos ainda calcados no som tradicional, repleto de percussão sincopada. O primeiro, *Ara Ketu* (Continental/87), foi uma produção apressada. O segundo, *Contos de Benin* (Continental/88), já mostrou mais qualidade, ainda que calcado no samba-reggae acústico. Desses dois trabalhos, o que se conserva na nova música do Ara Ketu é o filosofia básica da banda e os temas explorados nas letras. Política social, poesia lírica de tradição africana e elevação dos valores da cultura afro compõem o espectro pelo qual navega a banda. Tudo sem ressentimento e revanchismo. "Queremos romper as barreiras da lamentação. Falamos de coisas importantes, tocantes a todos, mas ligados no presente e no futuro, esquecendo um pouco o passado sofrido. Esta visão só persiste no Brasil", afirma Vera Lacerda. E vai mais além: "Nossa intenção é valorizar a cultura negra para que as suas cumplicidades sejam ressaltadas. Não estamos preocupados com a epidermização, pois mesmo um homem branco pode ser muito negro. Também não alimentamos o sentimento de vítimas — os 'coitadinhos' que apanharam na escravidão e não fizeram nada para reverter a situação. Não concordamos com quem se acomoda".

LUIS CARLOS GARRIDO

PULSO

reggae • world beat

Nas prateleiras de world music lá de fora você encontra os **Paralamas Do Sucesso.** O LP de melhores momentos, *Arquivo* (EMI), é rock para a gente, mas world para eles • Agora, reggae: o décimo LP do banda inglesa **Aswad,** *Too Wicked* (Mango/PolyGram), tem participações dos produtores Gussie Clark e Steely & Clevie — os mais da Jamaica atualmente. Tem rap de Shabba Ranks — o MC Hammer do reggae — na faixa "Next To You". Reggae para as pistas. Batidas contagiantes cruzando barreiras e entrando nas paradas pop, dance e world music • Outro artista que transita entre vários rótulos é **Michael Rose** — ex-cantor principal do Black Uhuru. Rose saiu do Uhuru depois que a banda ganhou o primeiro

Grammy dado para um LP reggae, *Anthem* (Island), em 84. Era na linha raízes, com os *reggae riddims* famecidos por Sly & Robbie, bateria e baixo. No novo LP, *Proud*, lançado aqui pela RCA/BMG, Rose juntou vários produtores e programadores do último safra de dance music para fazer um LP da pesada • O rapper inglês **Merlin** (que fez o "Megablast Rap" no LP *Into The Dragon*, do Bomb The Bass) participa numa estrondosa versão de "Mother And Child Reunion", de Paul Simon. É porrado. A faixa já foi remixada e reeditada por Paul Shabbaz (entre outros), que já trabalhou com Niggers With Attitude e Public Enemy • Curiosidade: um crítico norte-americano escreveu na revista *The Beat* que os arranjos de Gerônimo lembram os de Jorge Benjor — mixagem poderosa de ritmo e melodia. "Abre a boca e fecha os olhos".

JAN FJELD

OS PATRIARCAS DO BLUES

O pianista Memphis Slim (à direita) e o gaitista Sonny Boy Williamson, juntos a Big Bill Broonzy num registro histórico de 1946

A essência do estilo com a reunião de três lendas no LP Blues In The Mississippi Night

Tudo começou com uma proposta do folclorista Alan Lomax a três *bluesmen* que estavam de passagem por Nova York numa noite de 1946: Memphis Slim, Big Bill Broonzy e Sonny Boy Williamson. "Olha, vocês viveram o blues a vida toda", disse Lomax, "mas ninguém entende o que isso é ainda. Me digam: qual é a do blues?"

A resposta foi dada num domingo, dentro de um estúdio vazio da Decca. Lomax acionou seu gravador Presto — que não usava fitas, registrando os sons direto no acetato — e os três músicos passaram a conversar e tocar, relatando a jornada do blues com casos, anedotas e canções. O resultado dessa sessão talvez seja o documento mais completo e fascinante que os interessados em conhecer as origens e o desenvolvimento do blues podem esperar encontrar.

Batizado *Blues In The Mississippi Night*, o álbum era de conteúdo tão potente que seus realizadores preferiram não revelar suas identidades quando o disco foi lançado nos anos 50. Conforme explica Lomax no volumoso libreto que acompanha a atual reedição do LP (Ivo Ryko disc), ali estavam, "pela primeira vez, operanos negros falando com franqueza, sagacidade e profunda mágoa a respeito da desigualdade do sistema sulista americano de segregação e exploração (dos negros)". Slim, Broonzy e Williamson se apavoraram com a possibilidade de verem seus nomes associados ao projeto, porque "os pessoas iam se vingar da nossa gente; iam incendiar tudo mundo!". A opção foi inventar nomes fictícios para os três.

A história que eles contaram aqui é a dos caminhos que o blues tomou através dos anos, em suas inúmeras encarnações: canções de dor-de-cotovelo, de sofrimento nas plantações de algodão do Delta do Mississippi e para aliviar a dor na prisão. Cada um dos músicos deu sua definição pessoal do estilo: "Algumas pessoas dizem que o blues é uma vaca com saudade do bezerro", conta Bill Broonzy. "Acho que não", remenda, "creio que é um homem que foi recusado pela companheira." "Quando estou com problemas", contra-argumenta Memphis Slim, "é a única coisa que me consola." E depois recorda: "Tinha um amigo meu que trabalhava construindo linhos férreas. Ele era proibido de falar com os capatazes e o trabalho fazia com que ficasse triste. Como não podia dizer o que estava sentindo, fazia uma canção a respeito daquilo e então cantava".

Aos poucos, casos como esses vão delineando a herança do blues e a história do desenvolvimento da tradição negra numa região radicalmente hostil. Uma história de resistência e teimosia, com contornos trágicos e brutais. Memphis Slim conta, por exemplo, que era preciso ter escondido os jornais feitos por negros — sempre nos fundos de um botequim, com um vigia atento à chegada de um branco. Era uma época em que até os companheiros negros tinham liberdade para portar armas, desde que os alvos de seus disparos fossem outros negros.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

91'S ALRIGHT!

Free Jazz e Blues Festival prometem boas temporadas e anunciam as feras

Preparem seus ouvidos, blueseiros brasileiros. Apesar das poucas atrações realmente definidas para as edições de 91 do *Blues Festival* e do *Free Jazz Festival*, as que foram acertadas já animam: *bluesmen* de peso devem aportar por aqui.

O começo não poderia ser mais propício: ainda este mês, entre os dias 19 e 28, é a vez de John Hammond, Jr. se apresentar (em locais não acertados até o fechamento desta edição) no Rio e em São Paulo. Pela boa receptividade de seu show acústico na última edição do *Blues Festival*, pode-se esperar um som de primeira linha.

Quanto à versão 91 do *Blues Festival*, que será realizada de 9 a 12 de maio no ginásio do Ibirapuera (SP), praticamente tudo é mistério. Segundo seu organizador, Cesar Castanho, "a única presença confirmada é a de Albert Collins", um dos grandes destaques da primeira edição do evento. A estratégia, segundo Castanho, serve para "evitar especulações e falsas expectativas a respeito de quem irá ser convidado". Vamos aguardar a relação final para ver se os outros nomes trazidos têm o mesmo porte.

Já o *Free Jazz Festival* vai ocorrer de 16 a 22 de setembro, em São Paulo (Palace) e no Rio (teatro do Hotel Nacional). As atrações já anunciadas merecem ser conferidas, sem sombra de dúvida, desde o *big jazz* de Dizzy Gillespie & United Nations Orchestra até o show vocal *a capella* do Take Six. Mas imperdível mesmo para o aficionado do blues e r&b são as apresentações do *guitar man* Albert King e do piano cheio de mandingas e vodu do feiticeiro Dr. John.

CELSO PUCCI

PRESENÇAS CONFIRMADAS

John Hammond, Jr.: Filho do lendário produtor John Hammond, ele é um *bluesman* branco nova-iorquino que toca violão (e também *bottleneck*) como poucos. Desde 63 vem acumulando uma discografia de mais de vinte álbuns (em grande parte compostos de blues acústicos, entre versões de clássicos e canções de sua autoria) e trabalhos com os Hawks (antes de se tornarem The Band), Jimi Hendrix, Duane Allman e muitos outros.

Jorge Rosenberg Azul

Jorge Rosenberg Azul

Albert Collins: Este texano aprendeu os rudimentos da guitarra com seu primo, Sam "Lightnin'" Hopkins. Herdou dele a afinação em ré menor e as notas agudas sustentadas, que depois viriam a ser as principais características de seu estilo na Telecaster — definido como *cold blues*. Além de ter uma sólida carreira solo, já tocou com Clarence "Gatemouth" Brown, Little Richard, Big Mama Thornton e Johnny "Guitar" Watson.

Albert King: O rotundo guitarrista de 67 anos é — ao lado de B.B. e Freddie — um dos três "Kings" do blues (apesar de não serem parentes). Canhoto, seu estilo é influenciado diretamente pelo toque agressivo do pioneiro T-Bone Walker. Suas proezas musicais incluem gravações com Booker T. & The MG's, The Staple Singers, The Bar-Kays e até apresentações com a St. Louis Symphony Orchestra (de 87 membros!).

Mauricio Valladares Azul

Ron Wolfson (LF)

Dr. John: Nome de guerra do pianista e vocalista Malcolm "Mac" Rebennack, um dos principais expoentes do r&b de New Orleans e o primeiro músico branco a se projetar no circuito local. Desde meados dos anos 50 é um requisitado *sessionman* (professor Longhair, Joe Tex, Phil Spector, Aretha Franklin), além de ter uma profícua carreira solo e participações em trabalhos de Mike Bloomfield, John Hammond, Jr. e The Band.

RAIZ

country • folk • blues

As coisas do Chess continuam dando o que falar. Depois de Chuck Berry, Willie Dixon e Muddy Waters, chega a vez de Bo Diddley. Com o repertório centrado principalmente no período áureo de sua carreira (55 a 1) esta promete ser a edição definit

britânico Seque
ção *The Blues Gu*

uma forma ou de
tribuíram para e
tona do instrumen

Desde pianeiros como T Bo
ne Walker, Howlin' Wolf e
Muddy Waters
poentes

Clapton, Jimmy F
Green, Mick Taylor) num
abri este painel do gen
ro. • Na seção mestres
gaita, Sonny Boy Williamson
a.k.a. Rice Miller) compar
ce com *Keep It Out*
ves (Alligator), gravado
Dinamarca em 63
pont
Memphis Slim enquanto ja
ne Walker re
m a coletân
rou Go (Chess/MCA
Trata-se do primeiro disco lan
çado após sua morte em 60
e que traz gravações do pe
ríodo 52-60, com todos solo e

Muddy Waters e Bo Did
• Outra boa nova

ormidos da carreira de um
s mestres do som de New
o vocalista e o

Folha de S. Paulo. De novo, novinha em folha.

A Folha de S. Paulo resolveu renovar mais uma vez. Não só porque ela acredita que é melhor evoluir sempre, como também porque é necessário fornecer mais material de copa para sua concorrência. Enquanto os leitores vão ver que, de um modo geral, a Folha está mais dinâmica, completa e atual, os imitadores devem atentar para os mínimos detalhes. A começar pela primeira página. Uma nova programação visual, com o índice mais destacado, vai permitir ao leitor se informar mais rapidamente e selecionar os assuntos de seu maior interesse. Com este mesmo intuito, os cadernos também tiveram modificações e foram reduzidos. O primeiro caderno agora começa no primeiro caderno mesmo. Sob o título de "Brasil", ele traz todas as notícias de repercussão nacional. Seja política, econômica ou algum outro assunto de grande impacto. O segundo caderno ganhou o nome de "Mundo". Neste, o leitor tem um mundo de informações internacionais. Não só políticas e econômicas, como sociais e urbanas. O quadro de meteorologia passou para este caderno e agora está mais completo e colorido. O terceiro caderno vem com o nome de "Dinheiro" e, como o nome já insinua, fala tudo sobre economia e negócios. O quarto caderno é o "Cidades" reciclado. Com o novo nome de "Cotidiano", ele está bem mais completo e funcional tendo, inclusive, um espaço reservado para críticas sistemáticas aos serviços públicos. Em resumo, essas são as principais alterações que a Folha fez no seu jornal. Os outros cadernos continuam com os mesmos conceitos e nomes: Ilustrada, Ciência, Agrofolha, Turismo, Letras, Informática, Revista d e Classifolha. A Folha espera que essas mudanças atendam às necessidades de agilidade de seus leitores. E espera que a concorrência ache o material suficiente para poder ficar copiando durante uns 10 anos.

A Folha apresenta a nova Folha. Aguarde imitações.

FOLHA DE S.PAULO

MUDANÇA DE
Comportamento

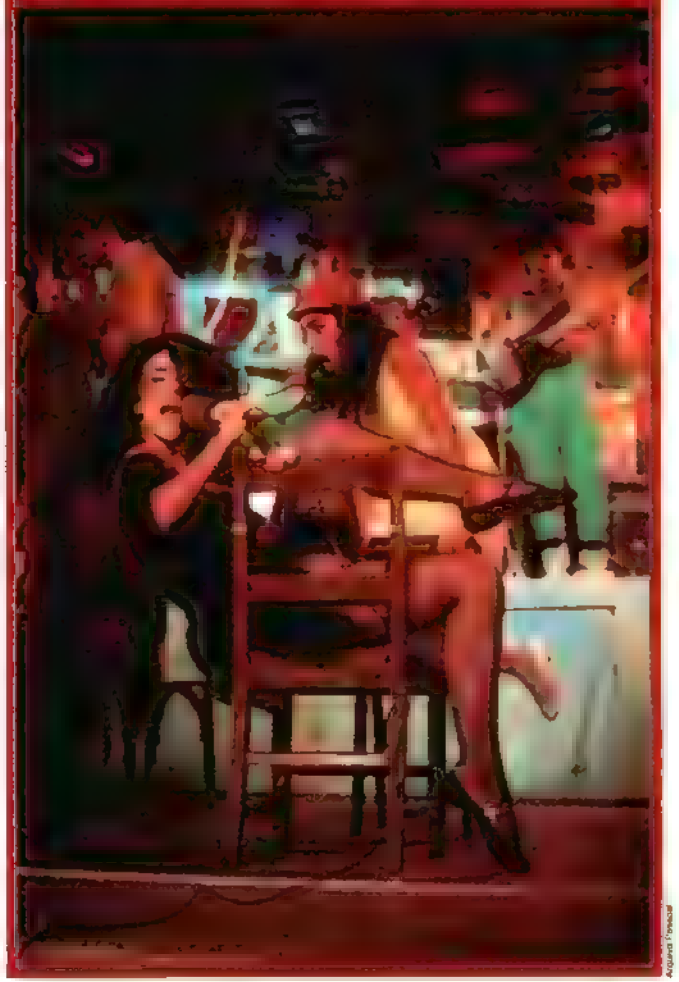
Marisa Monte

Marisa Monte odeia falar de sua vida pessoal. Explicar timtim por timtim o arranjo vocal de uma nova canção, tudo bem. Mas ousar abordar tema um pouquinho mais fútil — digamos, o batom que ela prefere para realçar sua famosa e kabukiana boca (Cassis, da Payot) —, e a casa cai. Um colega da *Veja*, ao saber que eu ia enfrentar a fera, contou que uma vez Marisa cortou uma pergunta sua dizendo "se quer falar de música, tudo bem. Se não, a entrevista acaba já".

Exatamente por causa desta e outras histórias é que a primeira pergunta seria a pipocar durante minha conversa com Marisa (logo depois do papo-furado enturmador habitual de repórter) foi: por que esse circo todo? Quem se propõe a ser popstar não tem obrigação de arcar com esse lado *Contigo* do *business*? Não é natural que as pessoas que desembolsaram a grana para comprar o disco ou ver o show queiram saber, afinal, quem é essa garota?

Não acho que faço mistério sobre minha vida. Mas o que interessa é o meu trabalho, a minha música, não com quem eu corto o cabelo." (Mais tarde, quando eu registrar meu espanto com o tempo que demora uma pessoa ser maquiada, uma hora e meia, Marisa dirá que "ser cantora é muito mais que cantar". O importante é a música, claro — mas uma boa maquiagem e saber posar como modelo profissional não atrapalha em nada.) "Não vou ficar me expondo à toa; por exemplo, não me incomodo de aparecer na televisão, mas me recuso a dublar. Não vou fazer qualquer coisa por dinheiro. Acho que quem faz, está fodido."

A estréia nos palcos, aos catorze anos, numa versão nacional para Rock Horror Show



Arquivo Pessoal

O papo ocorreu na semana do Rock In Rio, numa tarde opressivamente carioca: sol abrasivo, todo mundo lindo, queimado e com o mesmo de roupa. Logo que cheguei ao estúdio, onde iria ser feita a foto que está na capa desta revista, estava querendo ver a caveira da mulher — caramba, daqui a pouco tem show do Sepultura e eu aqui tentando decifrar essa perua.

Só que ela não é perua. É inteligente, articulada e exala aquele jeito à vontade das mulheres que sabem que são bonitas — ainda que não pelos padrões habituais, muito menos pelos cariocas. A pele, primeira surpresa, não é alva como aparece na TV ou em fotos; é só uma cor de quem nunca toma sol. O corpo, magro e forte, sugere anos de balé. A cabeleira negra e brilhante é bem cuidada e, aposto, natural.

Mas, o que sobressai é o rosto de Marisa Monte. Estático, durante a maquiagem, não tem nada demais: só se vê o nariz, a bocarra e as sobrancelhas de Monteiro Lobato. Quando em movimento, a coisa muda completamente: Marisa Monte, puta da cara com uma pergunta irritante, é uma belíssima visão. Estavam presentes ou por perto o fotógrafo da BIZZ, a secretária de Marisa, um maquiador e Nando Reis. A maioria das respostas foram dadas enquanto ela estava sendo maquiada. Fazia, como definiu a própria Marisa, "um calor do caralho".

Você é rica?

Não. Tenho que trabalhar para viver como todo mundo. Mas tive uma boa base, pude estudar em colégios bons, ler, falo quatro línguas, essas coisas. Sempre soube que nunca morreria de fome. Eu tive *base*, você entende?"

Marisa é filha da mais tradicional aristocracia carioca. Descende de Miguel Couto, aquele que virou nome de hospital. Sua família tinha uma fábrica de sal, entre outras coisas; Marisa diz "já tivemos grana, mas não temos mais". A educação de Marisa incluiu aprender a fazer tricô, crochê e bordados; a cozinhar, do trival fino a quitutes caseiros tipo pão de queijo; a tocar piano; a ser fluente em várias línguas (ela fala inglês, francês e italiano).

Aos 14 anos, começou a estudar com Alda Pereira Pinto — a professora ensinou cantores líricos brasileiros que conseguiram fama internacional, como Nelson Portella. Aos 19, se mandou para a Escola de Canto Lírico, na Itália, pronta para se tornar a nova Maria Callas (que sempre admirou obsessivamente e a quem foi comparada pela professora várias vezes). Só que não estudou coisíssima nenhuma; passou seis meses cantando na noite para fazer uma graninha (ela diria depois que "o ensino lá é muito conservador, não queria estudar só ópera"). Numa destas noites regadas a Djavan, Caetano Veloso e quetais, reencontrou Nelson Motta, já conhecido do Rio.

"Acho o Renato Russo um gênio. Eu adoraria cantar 'Pais E Filhos'"

Motta se tornou seu diretor artístico. Usou seu know-how do funcionamento da mídia para promover o nome e a imagem de Marisa. Shows, só em lugares que garantiam repercussão máxima como o Jazzmania e o Teatro Ipanema, no Rio, e o Aeroanta, em São Paulo. Logo Marisa era o must da estação — mais ou menos como acontece agora com Edson Cordeiro. Após algumas notinhas estrategicamente publicadas em jornais, o *Jornal do Brasil* fez uma matéria de capa com Marisa. Rapidinho, as gravadoras ofereceram contratos — sabiamente recusados, obedecendo à tese de que "o silêncio produz lendas".

Depois de um ano de boca a boca, refinando o show junto a platéias amigáveis e seletas, chegou o momento da superexposição: um especial para a TV Manchete, gravado ao vivo no Teatro Villa-Lobos e dirigido magistralmente por Walter Salles Jr. (diretor das séries "China" e "Japão", portanto, outro nome com trânsito garantido entre descolados em geral). O especial virou o disco *MM*. Puxado pela inclusão de "Bem Que Se Quis" numa novela das oito e seguido de uma maratona de shows — setenta, só no ano passado —, o disco chegou à marca de 350 mil cópias vendidas, das quais 22 mil em CDs (destes, três mil foram exportados). Estes números fizeram de Marisa um dos grandes vendedores de CDs do país e campeão absoluto de CDs.

Por tudo isso é que a gravadora de Marisa, a EMI-Odeon, bancou sem pestanejar a conta de seu novo LP, gravado no Rio e em Nova York. A produção ficou a cargo de Arto Lindsay, sua primeira experiência solo como produtor. Marisa diz que o escolheu "depois de ver uma sessão de estúdio dos Ambitious Lovers". As sessões americanas foram feitas pelo que ela chama singelamente de "a turma do Arto". Este grupo inclui dois nomes cultuadíssimos pelos modernos", o tecladista japonês Ryuichi Sakamoto e o saxofonista John Zorn; e alguns magos de estúdio, como o tecladista Bernie Worrel e o baixista Melvin Gibbs.

E a boa companhia em Fez Marisa Renato Russo do Rock Brasil Esta

Fabio Bier Nesmeyer-Azul

O objetivo não declarado do álbum é reposicionar Marisa no mercado: enterrar de vez as acusações de "crooner talentosa" e instituir uma cara própria e coesa para seu trabalho, um "estilo Marisa Monte". A cantora resume o processo a "procurar minha turma. Deixar de cantar tudo o que eu gosto e procurar trabalhos de gente que tenha a ver comigo, com a minha geração. Não sou compositora, estou começando agora (*em cinco faixas do novo disco*). Gosto da idéia de me ligar a compositores que me acompanhem durante toda a carreira. Como...", e a comparação é feita com uma naturalidade que desarma qualquer acusação de megalomania, "a Elis tinha o Ivan Lins e a Cal tem o Caetano".

A turma de Marisa, por enquanto, se resume aos Titãs. Das doze faixas do disco, sete têm a mão de algum integrante do grupo, com ênfase para Arnaldo Antunes e Nando Reis — este, atual namorado de Marisa e seu parceiro em três faixas. Mas o LP *não* é de rock. "As músicas do Arnaldo e do Nando que gravei nunca entraram no repertório dos Titãs, o estilo é diferente (*mais ou menos, "Eu Não Sou Da Sua Rua", de Arnaldo e a boa "Diariamente", de Nando, poderiam perfeitamente ser gravadas pelos Titãs, desde que rearranjadas*). E também... eu adoro os Titãs, mas gostaria de fazer contato com outras pessoas, com a galera da nossa geração. Tem muita gente por aí que merece ser gravada." As quatro

musicas restantes são "Rosa", de Pixinguinha, em arranjo "pacífico sul" de Ryuichi Sakamoto; "De Noite Na Cama de Caetano Veloso; "Borboleta", canção folclórica nordestina recriada pela insólita trinca Marisa-Robertinho do Recife-Naná Vasconcelos e a ótima "Ensaboa verdadeiro case de propaganda para a etno music, com sua mistura de Mestre Marçal com Sakamoto e Pastoras da Velha Guarda da Portela com Feia Kuti. No conjunto, *Mais* vai ser uma surpresa — tanto para os fãs de Marisa como para seus detratores. E simultaneamente ameaça ser um grande sucesso, já a partir da primeira música, "Beija Eu".

O disco, no entanto, é só o começo. Em março, começa a maratona de shows: devem ser oitenta até o final do ano, com direito a uma temporada européia em junho. Em agosto deve ir ao ar um segundo especial televisivo ("acho que na Manchete — adorei que o primeiro não tivesse sido na Globo. Pensei também no SBT... mas eles não tem muita experiência com esse tipo de coisa"). Se você é fã de Marisa, portanto, prepare-se para um ano cheio.

Em meio à superficialidade e à voracidade rastaqüera da vida brasileira, Marisa Monte é um estranho no ninho. Adotou uma estratégia a longo prazo, cuja pedra de toque é o cuidado extremo com cada mínimo detalhe de sua carreira. Quando a indústria fonográfica investe em intérpretes ecléticas, Marisa procura sua turma e começa a compor. Numa época em que o público devora uma moda por mês, ela afirma que só poderá julgar seu trabalho "daqui a uns vinte anos, quando eu realmente tiver uma carreira atrás de mim". A garota acha que está três jogadas na frente do resto das pessoas — e vendo o tabuleiro todo.

"Eu me sinto capaz de fazer *tudo!*" diz Marisa, interrompendo de novo o trabalho do maquiador. O rosto já sumiu debaixo do rímel, da base branquíssima e do batom, rubro. A menina já se transformou em *Marisa Monte*. "Não que eu saiba tudo. Mas sinto que posso aprender o que eu quiser, qualquer coisa.

Eu acredito. Do jeito que ela fala, não dá para duvidar.

ANDRE FORASTIERI
(Colaborou Marisa Adam Gil)

Jorge Rosenberg Azul

SOB O MICROSCÓPIO

"Acho que o meu papel foi importante, trabalhei o conceito de cantora, nos shows, no disco, no especial de televisão. Foi um trabalho completo. Eu ensinei a ela tudo que sabia. Acho que ela aprendeu bem. Mas a influência que uma pessoa tem sobre a outra é uma coisa muito subjetiva. Em última análise, a decisão final era sempre dela. A Marisa teve o melhor início de carreira que eu já vi nos meus trinta anos de música no Brasil. Teve todas as facilidades e aproveitou muito bem."

Nélson Motta

"A Marisa tem um coração roqueiro. Ela é o elo perdido entre o rock e a MPB. Ao mesmo tempo em que tem uma cultura de música popular, ela sente uma atração forte pelo rock, gosta de ouvir coisas pesadas. Acho que isso vai transparecer mais daqui para frente, esse lado roqueiro. O próximo disco é uma incógnita, mas acredito que vai ser extremamente bem produzido."

Nasi, vocalista do Ira!

"Ela consegue penetrar em diferentes regiões da voz, tem facilidade nos graves e nos agudos. Não é muito difícil passar do clássico para o popular, o contrário é que não é fácil. Mas não concordo que ela seja uma nova Maria Callas. É um pouco demais para ela."

Nancy Miranda, professora de canto que já teve como alunos Nasi (Ira!), Roger (Ultraje a Rigor), Vange, Supla, Sônia Braga e todos os VJs da MTV, entre outros

"Ela é uma ótima cantora. Eu suspeitava que, cantando daquele jeito, ela devera ser boa. Quando a conheci e começamos a trabalhar juntos, conheci seu outro lado. Ela compõe superbem, não é só uma intérprete. Gosto de algumas coisas no primeiro disco, como 'Speak Low'. Tem outras coisas que não gosto, mas é um bom LP, e foi adequado ao momento na carreira dela. O mais importante no segundo LP é que ele vai incluir composições dela, então sua personalidade musical vai ficar mais definida. A ligação da Marisa com o rock é natural. O pessoal do rock sempre foi da MPB também. O que compus com ela não é rock nem MPB. Não tem nada a ver com Titãs, é uma nova categoria."

Nando Reis, Titãs

"Talvez ela seja hoje a maior cantora do Brasil. Levei um susto quando li duas críticas tentando fingir que ela não era grande. Falar do primeiro disco, ou do show, ou do ecletismo, é secundário. O importante é que o surgimento dela provocou uma mudança no cenário. Não me importo com o Arto e o Sakamoto. O que eu quero é ouvir a voz dela."

Marina

Ela tem uma boa voz, pode progredir como cantora. O problema é que essa voz não corresponde à imagem pública que ela criou. A superprodução visual acabou ofuscando a voz. O primeiro disco dela é ruim. A banda é ruim e o ecletismo é exagerado. Esse ecletismo a afastou de um trabalho mais consistente e serviu para esconder sua imaturidade como intérprete. Isso não foi idéia dela, é coisa do Nelson Motta — tanto que ele fez a mesma coisa, depois, com a Sandra de Sá. A Marisa Monte deveria se especializar, penetrar em cada gênero, em cada contexto. A colaboração com o Arto e o Sakamoto deve melhorar o trabalho dela. Eles podem desenvolver o sentido de interpretação que está faltando. Este disco pode ser a estréia profissional dela, já que o primeiro era uma mixórdia."

Luis Antonio Giron, crítico da *Folha de S. Paulo*

SLAYER * MEGADETH * TESTAMENT

ENCONTRO DE TITÃS

Tony Mottram - Setlist

Três das principais bandas de thrash metal do planeta reuniram-se para a turnê *Clash Of The Titans*. Aqui, elas falam com exclusividade para a BIZZ

PESO É O QUE IMPORTA

O quarteto californiano SLAYER volta à carga com *Seasons In The Abyss*, o melhor LP de sua carreira

O Slayer, considerado por muitos como a melhor banda thrash da atualidade, acaba de lançar seu quinto LP, *Seasons In The Abyss*. Desde seu primeiro álbum, *Show No Mercy*, de 83, passando por *Hell Awaits*, *Reign In Blood* e *South Of Heaven*, este quarteto californiano — formado pelo baixista e vocalista Tom Araya, pelos guitarristas Kerry King e Jeff Hanneman e pelo baterista Dave Lombardo — vem fazendo uma das musicas mais violentas do planeta.

O novo álbum foi recebido com críticas gloriosas. "É realmente o melhor disco que já fizemos", me diz o guitarrista Kerry King. "Sei que todo mundo diz isso quando lança um novo disco, mas este é realmente o mais completo que já fizemos. Ele tem a agressividade do *Reign In Blood* e a melodia do *South Of Heaven*, a mistura certa. A musica está ótima, e os vocais estão ainda melhores do que os do *Reign In Blood*"

O Slayer é a banda contemporânea que melhor assimilou uma lição deixada pelo Black Sabbath ha mais de vinte anos: de que a musica mais pesada não é necessariamente aquela tocada com mais rapidez. "Quando éramos garotos o nosso objetivo era ser a banda mais rápida do mundo, e acho que conseguimos isso com o *Reign In Blood*, que é veloz sem nunca cair no ridículo. Nunca mais faremos uma coisa assim, seria besteira. Existem bandas que tocam rápido só por tocar. Para que lado irao essas bandas depois?"

De um extremo a outro: das bandas super-rápidas, o papo chega ao heavy pop: "Essas bandas nao tocam heavy metal, eles fazem rock n roll. Veja o *Headbanger's Ball*, o programa de metal da MTV, invadido por bandas como L.A. Guns e Bon Jovi. Nós é que fazemos heavy metal! Somos uma forma extrema de heavy, é verdade, mas nos encaixamos na categoria. Tem gente que distingue entre heavy, death metal, speed metal, thrash metal... Para mim é tudo a mesma coisa. Faça duas pessoas ouvirem a mesma musica, e eles te darão dois nomes diferentes para o que escutaram"

O Slayer trabalha principalmente com temas ligados ao sobrenatural e às guerras. No novo LP, uma letra chama a atenção, a de "Deadskin Mask". "É sobre Ed Gein, um assassino que matava as pessoas e trazia os corpos para sua casa, cortava suas cabeças e arrancava suas peles. Com a pele ele fazia máscaras, que colocava no rosto enquanto se olhava no espelho. O Tom Araya leu um livro sobre ele. O que deve passar pela cabeça de uma pessoa quando está fazendo uma coisa dessas?" (A história de Ed Gein também inspirou dois filmes famosos: "Psicose" e "O Massacre Da Serra Elétrica".)

Sobre o processo de composição da banda, King explica: "Neste ultimo disco eu e o Tom escrevemos as letras. O interessante é que ele escreve sobre acontecimentos verdadeiros, enquanto eu prefiro a ficção. Sempre nos perguntam o porquê dessa nossa fascinação pelo lado mais escuro do ser humano, e nunca sei o que responder. Acabo dizendo que inventei todas as letras, por isso nada tenho a dizer. As vezes as pessoas me olham como se eu fosse Sata"

A banda freqüentemente tem problemas com a censura. "A primeira coisa que me vem à mente quando se fala em censura são os adesivos nos discos, que só fazem as pessoas comprarem ainda mais. É uma minoria apenas, que acredita que a musica é a causa de diversos males. Até pensamos em encenar um enforcamento num show, mas decidimos que, se fôssemos processados, não teríamos dinheiro para as despesas. Tudo que é rebelde é bom para a garotada... Eu nunca tive isso, tive uma vida superprotegida, não sei como fui acabar no Slayer!"

A.G.L.

Jon Bartlett Jr.

CIRURGIA PLÁSTICA

Com nova formação e livre das drogas, o MEGADETH chega ao quinto LP, *Rust...*

Poucas bandas na história do metal foram tão centralizadas na mão de uma única pessoa. O Megadeth é Dave Mustaine e nada mais.

Desde sua saída do Metallica, em 84, este descendente de irlandeses vem caracterizando sua carreira por uma postura auto-suficiente, que muitos julgam arrogância. O Megadeth é hoje uma das bandas ao mesmo tempo mais amadas e odiadas do cenário thrash. Primeiro, por sua competente e facilmente distinguível sonoridade; e segundo, pela língua afiada de seu líder.

A banda acaba de lançar o seu quarto álbum, *Rust In Peace*, que sucedeu *Killing Is My Business... And Business Is Good*, *Peace Sells... But Who's Buying?* e *So Far, So Good, So What?*

"Estou muito contente com o novo álbum", disse Mustaine à BIZZ. "Acho que consegui reunir a formação ideal para a banda", referindo-se às entradas do guitarrista Marty Friedman (ex-Cacophony) no lugar de Jack Young e do baterista Nick Menza em substituição a Chuck Beeler (o membro fundador Dave Ellfson continua no baixo). "Young e Beeler eram bons músicos, mas não deram muito certo comigo, a coisa simplesmente não funcionou. Despedi os dois e acho que fui muito feliz nas novas escolhas."

Outro fator que contribuiu para a boa qualidade do novo LP foi, segundo Mustaine, o fato de ter largado as drogas. "*Rust In Peace* é o primeiro LP que gravei longe das drogas. Em 85, a Combat, nossa gravadora na época, nos deu 12 mil dólares para as despesas de estúdio de nosso primeiro LP, mas nos gastamos 8 mil comprando pó e heroína. Nos outros dois LPs também gastamos uma fortuna."

No atual cenário do heavy e do thrash, o líder do Megadeth destaca bandas que fazem uma mistura de thrash com funk e rap: "Gosto muito do Red Hot Chili Peppers. Acho o Faith No More uma boa banda, mas não gosto de seu vocalista (Mike Patton), um cretino antiprofissional que fica falando mal de todo mundo". Alguns meses antes, Patton havia arrumado uma briga com os membros do Poison, durante a turnê Monsters Of Rock. "Gosto e tenho ouvido muito também bandas como King's X e Ministry."

A invasão de bandas de *posers* no mercado merece um comentário ferino: "São um bando de gays, fazendo música sobre festinhas e carros. Esses idiotas deviam olhar no calendário e ver que não estão em 1970. O thrash não, é uma coisa séria, ofensiva e violenta, com músicas sobre a vida e a morte. Tenho orgulho de fazer isso."

Sobre o Slayer e o Testament, seus companheiros na turnê Clash Of The Titans, Mustaine diz: "Não tenho nada contra essas bandas, acho algumas coisas interessantes nelas, mas elas não me dizem nada em termos de melodias e composições."

O Megadeth excursionou pelos Estados Unidos abrindo a turnê do Judas Priest, que estava lançando seu fantástico *Painkiller*. "Gosto muito do Judas, e uma de minhas maiores influências, junto com UFO, Kiss, Black Sabbath, AC/DC e Sex Pistols. Também adoro o Alice Cooper, inclusive lançamos um single com uma cover de 'No More Mr. Nice Guy', que acabou não entrando no LP novo." Mustaine se diz curioso para conhecer o Sepultura, de quem ouviu falar muito bem.

O futuro parece não preocupá-lo muito: "Não tenho por que me preocupar. O Megadeth está indo muito bem, estamos tocando e compondo cada vez melhor e nosso público crescendo. Os outros é que têm que se preocupar conosco."

ANDRÉ BARCINSKI

Jon Bartlett Jr.

OS VICE-LÍDERES

O thrash "jornalístico" do grupo americano TESTAMENT cresce e ameaça a supremacia do Metallica

Quando me sento no sofá ao lado de Louie Clemente, baterista do Testament, meus ouvidos ainda estão zumbindo da pauleira da noite anterior, quando a turnê Clash Of The Titans chegou à cidade, trazendo, além do Testament, o Suicidal Tendencies, Megadeth e Slayer.

O Testament acaba de lançar o LP *Souls Of Black*, que, segundo Louie, é o melhor que já fizeram. A banda, formada ainda pelo vocalista Chuck Billy, os guitarristas Alex Skolnick e Eric Peterson e pelo baixista Greg Christian, começou há cerca de seis anos. Com seu primeiro LP, *Legacy*, lançado em 87, logo ameaçava tomar o lugar de Metallica como a maior banda de speed metal de São Francisco — ou do mundo. *The New Order* viu a popularidade da banda crescer, mas foi *Practice What You Preach* que finalmente levou o Testament ao resto do mundo, inclusive ao Brasil. "Adoramos o Brasil, foi um dos pontos altos da turnê. Passamos dez dias lá, e só demos dois shows. Foi como oito dias de férias. A garotada foi espetacular, uma verdadeira surpresa! Eles ainda têm aquela reação de quem não está muito acostumado a shows, e isto é muito empolgante para as bandas. O Max e os rapazes do Sepultura nos ajudaram, porque não tínhamos roadies. Eles são *cool*, muito legais. O som deles é muito agressivo e *muito* pesado (risos). Muito bom."

Clemente fala sobre a trajetória do Testament: "Eu e o Eric formamos a banda em 83 e escrevemos várias músicas. O Steve Souza, nosso vocalista, saiu e foi para o Exodus, e chamamos o Chuck para substituí-lo. *The New Order* foi composto super-rápido, pois estávamos no meio de uma turnê. O Chuck estava compondo, o Alex estava experimentando coisas novas com a guitarra. Com *Practice What You Preach* é que realmente viramos o Testament. Ano passado gravamos este *Souls Of Black*, que está mais escuro, mais pesado, mais agressivo, porque é isso que somos, é disso que gostamos. O novo álbum tem a agressividade do *Legacy*, o espírito e a batida do *The New Order* e os vocais de *Practice*. Foi algo que aconteceu muito naturalmente."

Souls Of Black foi gravado às pressas: no final da turnê do *Practice*, o Testament foi convidado a participar do *Clash Of The Titans*, mas para isso era preciso gravar e lançar um disco. "Vai ser difícil", disse o empresário da banda, "porque vocês vão ter só cinco semanas para gravar o disco". "Mas nós produzimos mais sob pressão", diz Louie. "Se nos dessem quatro meses para fazer um disco, acabaríamos deixando tudo para a última hora (*risos*). Nós aceitamos, e o resultado foi ótimo."

Sobre as letras muitas vezes irônicas

da banda, Louie explica: "O Chuck e o Alex escrevem a maioria das letras. O que gosto neles e que são sobre assuntos sérios, suicídio, o efeito-estufa etc. A música Souls Of Black é sobre o governo e pessoas más. Gosto de pensar que a garotada que não lê jornal aprende com as nossas letras.

Louie rejeita o rótulo thrash — "Somos metal. Thrash é mais pesado, como o Sepultura" — e acredita que o mercado para o metal e o hard rock esteja crescendo: "Talvez seja porque nossa juventude esteja crescendo numa sociedade em crise, com ameaças de guerras etc. Mas os jovens estão menos envolvidos com violência e drogas. O rock será sempre atraente para essa garotada, especialmente para os rebeldes, que querem ser diferentes da maioria"

ANAMARIA G. DE LEMOS

REVOLUÇÃO EM ANDAMENTO

Na mistura do thrash com outros estilos musicais, o futuro do metal

Uma rápida olhada nos últimos trabalhos das principais bandas pesadas do mundo leva a crer que o caminho a ser seguido daqui em diante é o da procura de novas influências e a fusão do thrash com outros estilos musicais.

O pioneiro nisso foi o Anthrax, a primeira banda de thrash a fazer a fusão com o rap e o hip hop. O Slayer também demonstrou desde cedo seu gosto pelo rap, com a participação do guitarrista Kerry King em "No Sleep Till Brooklyn", dos Beastie Boys. A recíproca também é verdadeira: algumas bandas de rap têm demonstrado nítido interesse pela sonoridade thrash, como o Public Enemy, que sampleou o riff de "Angel Of Death", do próprio Slayer, em seu clássico "She Watch Channel Zero?".

Um fenômeno interessante, que tem produzido alguns dos melhores álbuns dos últimos anos é o *crossover*. A lista de bandas que incorporaram elementos do thrash ao hardcore é extensa: English Dogs e Circle Jerks (que infelizmente acabaram), Prong, Ratos De Porão e mesmo veteranos como o GBH e Exploited, como atestam seus últimos LPs. Até o cultuadíssimo Suicidal Tendencies mudou um pouco o seu som: em seu último LP, o ótimo *Lights, Camera... Revolution*, chama a atenção o uso de sopros (!) e as músicas com durações maiores que a de seus primeiros trabalhos. O hardcore do Murphy's Law também deu uma guinada em direção ao thrash, incorporando até elementos de ska (isso mesmo, ska!) em seu mais recente LP.

A busca de novos horizontes musicais pelas bandas de thrash evidencia-se também pelo fato de gravarem covers de artistas não ligados ao metal. O Mordred regravou "Super Freak", de Rick James; o Anthrax foi de "Got The Time", de Joe Jackson; o M.O.D. fez sua homenagem à surf music com "Surfin USA"; e o Celtic Frost de Tom Warrior surpreendeu com covers de "Heroes", de Bowie, e "Island Earth", de Brian Ferry. Hoje, ficar parado no tempo é uma possibilidade que parece aterrorizar as bandas. Ninguém quer seguir os exemplos de Destruction, Dark Angel, Kreator e Running Wild, ou de veteranos como Dio, Black Sabbath, Deep Purple e Scorpions, que não se renovaram e acabaram atropelados pelo tempo.

Graças a Belzebu, Judas Priest e Iron Maiden conseguiram acompanhar a evolução do som e fazer novos LPs que não parecem datados ou fora de moda.

O Megadeth gravou no ano passado o seu melhor LP desde o disco de estréia, e o Testament, mistura de Metallica e Anthrax, também fez um bom disco, embora inferior a *Practice What You Preach*.

Entre as bandas grandes que lançaram LPs recentemente, o Slayer reina soberano. *Seasons In The Abyss* é um exemplo de thrash moderno, violento mas sem abusar da velocidade. Contando com o melhor baterista da história do thrash, uma monstruosidade chamada Dave Lombardo, o Slayer faz um som personalíssimo, que consegue ser sério e atual mesmo utilizando temas ligados ao sobrenatural e ao macabro.

Mas a grande novidade do cenário thrash é a banda americana Scatterbrain. Seu álbum *Here Comes Trouble*, é de longe a melhor coisa nova lançada no gênero em 1990, mistura perfeita de pancadaria e humor, rap e experimentalismo.

O thrash hoje é um fenômeno que influencia bandas como o Living Colour (*Time's Up*), o superestimado Faith No More e o subestimado Red Hot Chili Peppers (quem discorda que *Mother's Milk* é o LP mais pesado da banda?). O Jane's Addiction e o próprio Cult vem fazendo discos mais pesados a cada ano que passa. E isso não é mera coincidência.

ANDRÉ BARCINSKI

Envie carta e cheque nominal para
ESTÚDIO ELDORADO LTDA
Rua Major Quedinho, 111 12º andar
Centro - São Paulo - CEP: 01050,
fazendo seu pedido.
Permita-nos um prazo de 30 dias
para entrega em seu endereço.

BLUES ETÍLICOS
Água Mineral
BLUES ETÍLICOS
San Ho Zay
ANDRÉ CHRISTOVAM
Mandinga
ANDRÉ CHRISTOVAM
A Touch of Glass
BLUES ANYTIME
Vol. 1 & 2
BLUES ANYTIME
Vol. 3 & 4
MAGIC SLIM
Highway is my Home
JOHN HAMMOND
Mileage
MISSISSIPI BLUES FESTIVAL
Vários
ERIC CLAPTON
The Early Clapton Collection
SÁ & GUARABYRA
Vamos Por Aí
VANIA BASTOS

RATOS DE PORÃO
Anarkophobia
VOLKANA
First
SEPULTURA
Arise
KING DIAMOND
The Eye
THAÍDE & DJ HUM
Hip Hop na Veia

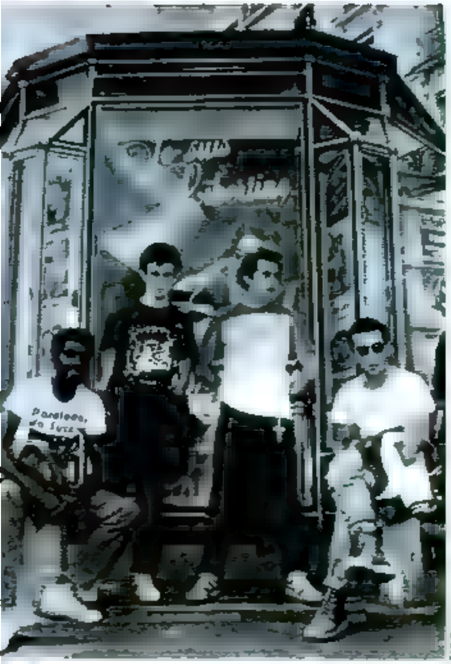
PREÇO UNITÁRIO POR LP Cr$ 2.500,00
PREÇO UNITÁRIO POR CD Cr$ 3.590,00
: SE VOCÊ PEDIR
ACIMA DE 4 UNIDADES CD Cr$ 3.090,00
LP Cr$ 1.975,00

DE OLHO NA ÁFRICA

PARALAMAS - PARTE II

Uma radiografia dos últimos anos, da gravação de Selvagem? *aos planos para o novo LP*

Maurício Valladares



O "parto" de *Selvagem?*, álbum básico para o rock brasileiro da década de 80, é um dos assuntos desta segunda parte da história dos Paralamas. Eles também lembram das polêmicas com seus colegas de rock, das experiências no exterior, do trabalho de autoprodução em *Bora Bora* e *Big Bang* e revelam um pouco dos seus planos de vôo. Com a palavra, Herbert, Bi e Barone

HERBERT Quando começamos a preparar o *Selvagem?* entramos em contato com os estudios de quatro canais. O João tinha se acidentado e engessado a perna, então, eu e o Bi começamos a experimentar em casa. Ficamos programando batidas, procurando novas sonoridades. Já tínhamos o groove de "Alagados", mas eu não sabia o que fazer com a musica. Um dia fiz a letra, mas pensando num samba, uma coisa que a gente nunca gravaria. Me lembro que certo dia eu disse, lá no estudio da Vovó: "Vou fechar os olhos e cantar, se voces acharem horrível me falem logo de cara, porque estou envergonhado". Bem, eles adoraram.

BARONE Tambem nessa época um tio do Bi mostrou uma fita do Zaire, com aquelas guitarrinhas, que adoramos. O Bi e o Herbert tambem tinham ido para a França no final de 85 e trouxeram um monte de discos de afro e a gente começou a mergulhar nessa coisa.

HERBERT A gente ficou louco, foi tão importante para nos como tinha sido a descoberta do reggae... Mas a gente tinha as bases todas de *Selvagem?* e as letras vieram aos poucos. "A Novidade", por exemplo, a gente pediu para o Gil. Falamos com ele numa manhã por telefone, ele estava em Florianópolis, e às duas da tarde ele ligou para o estudio e passou a letra.

BARONE A gente fez uma pré-produção com o Liminha, no estudio Nas Nuvens. Gravamos tudo direto, em dois canais, e ficamos um bom tempo ouvindo aquelas fitas.

HERBERT A gente viajava com aqueles gravadores grandes e me lembro que um dia cruzamos com o Cazuza no Galeão. Mostramos algumas das coisas e ele falou: "Isso é muito legal, se o disco for assim vai ser foda!" Foi a primeira pessoa de fora que deu uma força para o que viria a ser *Selvagem?*

BI A gente estava empolgado, mas muita gente achava estranho. Na gravadora, depois do *Passo do Lui*, ninguém entendeu.

HERBERT Isso me lembra outra coisa, é que nessa época as pessoas nao conheciam a gente direito e, pelos videos antigos da gente, hoje vejo que muitos tinham alguma razão. Porque a gente tinha uma carinha de babaca fudida, um jeito alegrinho demais.

BI No começo, no Circo Voador, era um contraste. Todo mundo era roqueirão mesmo, barba malfeita... E a gente com aquele visual clean, de garotos de escola.

HERBERT Era uma cara de primeiro da classe mesmo, como o Cazuza falava. E daí, com o sucesso de *Selvagem?*, todo mundo passou a mandar pau na gente. Ainda mais com o lance da imprensa, que disse: "O futuro da musica é a musica negra". Então, todo mundo que não estava no futuro ficou putaço, queria matar a gente. Mas o Cazuza, apesar de todas as pessoas falarem que a gente era caretinha e tal, sempre deu força.

BI A gente mesmo nunca falou que o futuro da musica iria ser negro, só que o pessoal se sentiu ameaçado...

HERBERT Até de amigos, de gente que voce nunca esperou, vinham tijolos.

BI Em qualquer entrevista com um grupo vinha a pergunta: "E os Paralamas, o que vocês acham deles?"

HERBERT Parecia aquelas brigas de colégio, quando voce vê que dois caras estão brigando e fica todo mundo em volta chutando, ninguem sabe quem atingiu quem... Mas hoje em dia cada um está em seu lugar e ninguem tem obrigação de se dar bem com ninguem. A gente se da bem com as pessoas que a gente gosta. Com os Titãs, por exemplo, temos uma amizade real.

BARONE Outro dia encontramos o Lobão e foi um barato, conversamos muito.

BI Cruzei com o Dinho em Belo Horizonte e conversamos umas duas horas.

BARONE Apesar do sucesso de *Selvagem?*, a gente saiu muito cedo para a turnê de lançamento. Não esperamos as musicas tocarem o suficiente para poder sair e ter uma resposta melhor do publico nos shows.

HERBERT Começou bem fraco e essa foi uma das lições. De como entrar e sair de cena na hora certa, desenvolver essa sensibilidade. Ao trabalhar com musica, alem da parte de criação, que tem que estar intocada, a maquina tambem tem que entrar na hora correta. Mas a turnê de *Selvagem?* tambem teve muitas coisas boas. Foi nela que começamos a tocar com o João Fera. A gente queria um tecladista desde o inicio. E tambem um percussionista, e ate um cantor. Acabamos como um trio por falta das pessoas certas. Na falta de um cantor, eu acabei virando. Quando decidimos por um tecladista, a gente quis alguem que visse nisso uma possibilidade de vida, não apenas um emprego.

BARONE Eu conhecia o Fera da epoca da Universidade Rural. Ele dava aula de violão, tocava órgão na igreja e em conjuntos de baile e, como pessoa, e cem por cento. Foi o primeiro que testamos e nem precisamos tentar mais ninguem. Mas a coisa de botar mais gente no grupo criou polêmicas. O proprio Ze (Fortes) falou que todo mundo estava em polvorosa, que iria acabar com a imagem do trio...

HERBERT Nessa epoca eu ainda morava com a Paula (Toller) e ela dizia: "Voces nao devem mexer, é um trio".

BI O negócio e que hoje a gente é um trio de sete...

HERBERT No Hollywood Rock de 88 colocamos os sopros na banda.

BI Já tinhamos tentado antes mas não gostamos do resultado. Aí, em cima do Hollywood, resolvemos tentar de novo e desta vez funcionou.

BARONE Bem, antes disso, durante a excursao do *Selvagem?*, nós participamos do festival de Jazz de Montreux, em julho de 87. A gente tocou "Charles, Anjo 45", do Jorge Ben. Tocamos tambem Joao Bosco, que acabou nao entrando no disco ao vivo. *D*...

HERBERT Não entrou no disco porque eu errei a letra inteira...

BARONE No disco seguinte, *Bora Bora* gravamos Jackson do Pandeiro, "Um A Um". Essa coisa de cover sempre rolou na banda.

HERBERT Mas a verdade é que aqui no Brasil nos somos muito colonizados mesmo. Pela epoca do *Selvagem?* a gente começou a perder o preconceito, passamos a ouvir tudo, com ouvidos novos, Jackson do Pandeiro, Adoniram Barbosa... O Bi e muito pesquisador, o Savalla, nosso engenheiro de som, tambem.

BI Na época do *Bora Bora* o Liminha estava morando fora e a gente nao tinha nenhum outro produtor, daí nos mesmos produzimos o disco, junto com o Savalla.

HERBERT A gente quis experimentar e saiu um disco bastante dividido, o lado 1 é bem diferente do 2. É um dos discos que mais gosto.

BI A gente quase não testou nada na estrada, foi feito quase todo no estudio.

HERBERT Apenas "O Beco" a gente chegou a tocar e tambem aquela que o Peter Metro canta ("Don't Give Me That") que era instrumental e se chamava "O Retorno de Jedi" — sabe lá Deus por quê.

BARONE Sempre foi uma experiencia difícil botar nome em disco e musica. Naquela musica "Sanfona", por exemplo, era por causa de uma sanfoninha que tinha no meio. Ainda não tinha a letra e a gente sempre se referia como aquela da sanfona, entao acabou ficando.

HERBERT Mas hoje, depois da experiência de *Bora Bora* e *Big Bang*, que produzimos com o Savalla, acho que se tivesse tido um produtor de fora esses dois discos ficariam muito melhores.

BARONE Uma coisa que foi determinante para esses dois discos terem ficado muito parecidos foi nao ter um produtor. A gente arriscou, e o resultado ficou satisfatorio. Mas hoje em dia sabemos que para o proximo disco vai ser crucial o papel de um produtor, para poder potencializar mais.

HERBERT Porque a gente não tem o distanciamento suficiente, mesmo o Savalla está muito dentro.

BARONE A gente fez *Big Bang* na estrada. Pelo menos metade das musicas já vinham sendo tocadas ao vivo.

HERBERT A gente é hipercrítico em relação ao resultado, sempre acha que poderia ter saido melhor. Exatamente por isso, no proximo trabalho queremos um tempo maior no estudio.

BI De gravar e poder regravar tudo de novo, se necessário.

BARONE Hoje não temos mais pressa para uma carreira no exterior. Logo depois do *Selvagem?* a matriz da gravadora, na Inglaterra, queria trabalhar com a gente. Seria uma coisa meio megalo, um LP com varias musicas da gente, regravadas em inglês. Aí a coisa virou um single de "Alagados", mas o Herbert quebrou o braço num acidente de moto, em maio de 89, mudando os nossos planos. O David Byrne é que produziria este disco, mas quando pudemos viajar ele estava ocupado, com o projeto do *Rei Momo*. Acabou que a gente estava em Nova York, no final de 89, para fazer o New Music Seminar, e o Herbert foi chamado pelo Byrne para participar da faixa "Office Cowboy" do LP *Rei Momo*.

HERBERT Por essa época, com o sucesso da musica "Lambada" em portugues, a gente viu que na verdade não era necessário cantar em ingles. O Arto Lindsay ate fez uma boa versao de "Alagados", que chegamos a gravar, mas ficou faltando algo, perdeu a essencia. E por causa destas coisas todas a gente acabou dedicando todo o ano de 90 ao Brasil. Agora em 91 vamos realmente nos dedicar ao exterior. Como vamos demorar um pouco ate gravar um novo disco, queremos fazer os festivais de verão na Europa, tocar bastante pela America Latina.

BI Fazendo um retrospecto do nosso trabalho no exterior, o primeiro lugar que tocamos fora foi na Argentina. Depois já passamos pelo Chile, Uruguai, Paraguai, Portugal, Espanha, França, Suiça, Estados Unidos... Nos Estados Unidos tocamos várias vezes: no Danceteria, em 83, em 86 no S.O.B. (tres noites) e, no meio de 89, fizemos Filadélfia, Boston, Nova Jersey, Nova York.

BARONE Quando tocamos em Montreux pela primeira vez, foi editada uma coletânea na Espanha, Portugal, Escandinavia, mas não aconteceu muita coisa.

HERBERT Agora o *Bora Bora* foi muito bem recebido pela critica. Saiu em quase

todo mundo: Estados Unidos, Japão, diversos países da Europa... E no exterior aliás, nos somos conhecidos apenas como Paralamas.

BARONE A gente dá cada vez mais valor ao nosso tempo. Daí a importância da coletânea *Arquivo*, que funciona para darmos uma respirada. Como também funcionou o disco ao vivo *D*.

HERBERT E o futuro do grupo? O futuro começou ontem (risos)... aqui em cima, na casa do Bi, a gente colocou um gravador de quatro canais para começar a rascunhar o próximo disco. Na verdade eu tive um ano fértil de composição, já estou com oito músicas "presidenciáveis" concorrendo para um novo álbum. E, dessas músicas, umas duas ou três já chegamos a um consenso de que serão utilizadas...

BARONE Para variar já vieram prontas.

DISCOGRAFIA (Vendagem):
Cinema Mudo, 83 (85 mil)/ *O Passo do Lui*, 84 (245 mil)/ *Selvagem?* 86 (590 mil)/ *D*, 87 (210 mil)/ *Bora Bora*, 88 (240 mil)/ *Big Bang*, 89 (242 mil)/ *Arquivo*, 90 (tiragem inicial de 135 mil)

porque o Herbert vomita tudo certinho.

Bi Não temos data para o novo disco, só deve sair no segundo semestre do ano. Até lá deveremos tocar no exterior, compor e gravar. Estamos abertos para o exterior.

HERBERT O Zé Fortes começou este trabalho de contatos. No exterior nossos discos são lançados agora por um selo da Alemanha, Intuition, que trabalha muito com reggae, música africana, e que vai tentar nos colocar dentro deste circuito. Vamos ver se em 91 a gente começa a colher, porque desde 1986 a gente vem plantando.

ANTONIO CARLOS MIGUEL

Mais do que um grupo, os Paralamas do Sucesso são uma confraria, com um séquito de amigos e auxiliares que os acompanham desde o início. O empresário do trio, José Fortes, o fotógrafo "oficial" Maurício Valladares, o técnico de som Carlos Savalla e o tecladista João Fera são os principais candidatos ao posto de "quarto" Paralamas. Nos palcos, desde a turnê de *Bora Bora*, em 1988, o som da banda tem sido reforçado por um naipe de metais. Mestre Sena (trombone), Demetrio Bezerra (trompete) e Monteiro (sax).

JOSÉ FORTES

Sócio de Herbert, Bi e João na firma "Os Quatro Produções Artísticas", Zé assistiu de perto o nascimento dos Paralamas. Ele era colega de Herbert na Faculdade de Arquitetura e a paixão pela música os aproximou. "O rock and roll que me ligou realmente. Eu escutei muito Hendrix, Cream, Led Zeppelin, mas no período progressivo me afastei um pouco, passando a curtir também a nossa música", conta Fortes.

Trinta anos — ele nasceu em março de 1961 — Zé chegou a completar o curso de Arquitetura, mas não exerceu a profissão. Hoje, além dos PDS, a firma "Os Quatro" também empresaria a cantora Fernanda Abreu: "Mais por amizade, porque não tenho nenhuma vontade de criar uma agência, ter um grande cast", explica Zé.

CARLOS S

O técnico de som dos Paralamas está com o grupo desde 1983. Tem 32 anos e já tinha trabalhado com Erasmo Carlos e Djavan. Mais do que um trabalho, Savalla vê nos Paralamas uma família: "Eu os conheci meninos e a gente cresceu juntos. Hoje estamos unindo o útil ao agradável, trabalho e amizade". Beatlemaníaco — "tenho mais de 120 discos piratas deles", Savalla é também um fanático colecionador — sua discoteca tem mais de 16 mil títulos.

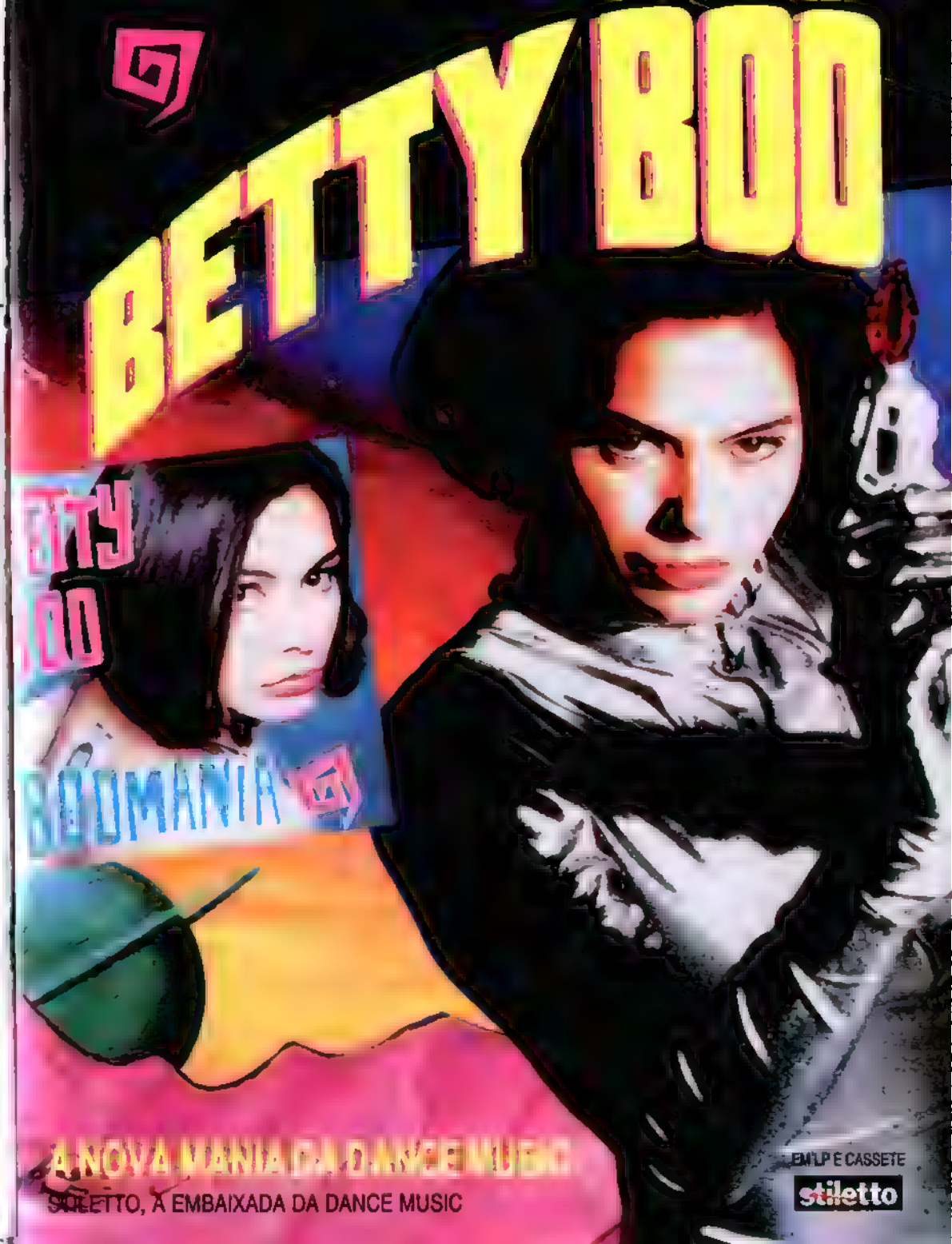
O tecladista se juntou ao trio em 1986, para a turnê de *Selvagem?*, mas conhece Barone desde garoto. Suas famílias moravam no mesmo bairro, perto da Universidade Rural, em Campo Grande (Zona Oeste do Rio) e Fera foi professor de violão de João.

O vovô da turma, com 37 anos, ele começou fazendo bailes, inicialmente como guitarrista. Em 1978 surgiu uma vaga de tecladista num grupo conhecido no circuito de bailes do Rio, os Cry Babies, e Fera trocou de instrumento, aprendendo os 54 músicas do repertório de sucessos da banda em uma semana. Em 1982 ele seria convocado para o grupo de Wando, até ser lembrado por Barone para os Paralamas.

MAURICIO VALLADAR

Fotógrafo, jornalista, radialista, Maurício Valladares, 37 anos, foi quem colocou a fita demo dos Paralamas do Sucesso na programação da Rádio Fluminense FM. Isto aconteceu no final de 1982 e logo a seguir ele levaria o trio para a EMI-Odeon. Desde então, vem acompanhando o PDS passo a passo, como profissional e amigo. É dele as fotos de todos os discos do grupo e, esporadicamente, também já assumiu o baixo em alguns shows — enquanto Bi cantava "Melô do Marinheiro", na turnê de *Selvagem?*. Seu programa radiofônico *Ronca Tripa*, na Panorama FM (ao vivo, todas as 2ª feiras, das 22 hs à meia-noite) é um dos musts nas noites cariocas dos últimos dois anos.

Maurício Valladares Arq.



Os Pixies são a melhor banda do planeta. A tese é discutível.

Ou não? Faz dez semanas que estou a par da verdade. Desde que os Pixies subiram ao palco, tarde da noite, no último dia do festival de Reading — e fizeram tremer o chão sob os pés de 30 000 indivíduos pasmados —, eu me dei conta do seu status. Eles fizeram o céu vir abaixo, ao mesmo tempo em que promoviam um terremoto no palco. Os Pixies enviaram uma puta mensagem excitante. Nem um outro sequer chegou a seus pés.

Quando críticos a Bossanova sugeriam que eles não tinham mais fôlego, os Pixies provaram que ainda são estrelas, que ainda são os mestres.

Mas Reading foi uma coisa. Excursionar é um negócio bem diferente. Poderiam os Pixies manter seu instigante estilo e sua cruel intensidade, numa cansativa atividade noite após noite, em que o tédio incessante e as viagens deixam suas marcas? Quando eu encontro Black Francis, Kim Deal, Joey Santiago e David Lovering em Dublin, cinco semanas depois de Reading, eles já estão fatigados e abatidos.

Talvez o problema seja a intensidade. Os Pixies nunca são descartáveis. Sua atitude desencanada no palco é enganosa. Sua força peculiar exige trabalho duro. Os Pixies, fora do palco, podem ser caras surpreendentemente doces e comuns, mas nos shows eles trabalham como demônios e não existe qualquer tentativa de diminuir essa carga. Quando os Pixies, a melhor banda de rock do planeta, excursiona, é um processo que suga, pesado, doloroso e essencialmente sério. Ou não?

Black Francis está estirado de costas, no chão de um hall em Belfast, Irlanda do Norte, com os olhos fechados. Kim, Joey, David, os Pale Saints (a banda que está abrindo para os Pixies na excursão) e eu estamos de pé, em volta do cantor prostrado no chão, olhando para ele. Kim gentilmente nos induz a ficarmos de joelhos.

"Agora", ela nos informa, "vamos todos levitar o Charles (Black Francis) com o poder do pensamento. Todos coloquem dois dedos embaixo dele, depois repitam comigo."

Dedos deslizam sob o grande corpo de Charles. Kim dá início à litania.

"Ele parece leve como uma pluma", ela recita. Sete vozes repetem a frase. Ninguém acredita que isso vai funcionar.

"Ele é leve como um pluma," exalta Kim. Todos pronunciamos as palavras. Kim solta uma risadinha. "Vocês são tão místicos quanto a minha bunda", murmura um Pale Saint. Ela franze a testa e pisca. Todos continuamos fazendo força.

"Ele é uma pluma!", conclui Kim, triunfante. "Agora levantem-no!" Todos exercemos pressão mínima no corpo do cantor. Por incrível que pareça, Charles levanta e permanece suspenso a seis polegadas do chão, apenas com o nosso esforço simbólico. Embora relutando, estamos todos impressionados. Até Kim parece surpresa.

Tentamos de novo, alguns segundos depois, sem as frases místicas. Infelizmente funcionou do mesmo jeito. Pause. Foi uma brincadeira divertida por algum tempo. Na estrada há três meses, os Pixies perceberam que brincadeiras são indispensáveis.

Vamos voltar um pouco no tempo. Na noite antes de Belfast, os Pixies tocaram num buraco infernal em Dublin chamado National Stadium, um nome equivocado porque o lugar parece mais uma casinha pré-fabricada. Quando The

Edge chega e se encaminha para seu lugar de visão privilegiada, metade do público tem que se levantar para dar passagem. E os Pixies estão espetacularmente energicos. Se este é o inferno, os Pixies são a banda da casa. Eles soam em estado de verdadeira turbulencia. Detonam primeiro "Velouria", uma canção de amor em uma cena acochoada, o surf-pop mais sujo e sorumbatico já feito.

Está claro o gênio que é Joey Santiago. E muito fácil ignorar sua contribuição em meio à loucura que é a louvação a Charles. Esta noite, seus ataques ásperos e sacanamente dilacerantes na guitarra estão indoceis e fazem cada musica soar como um percurso de motocross. Mais uma vez os Pixies são movimento perpetuo. Charles está possuido, se atirando no ar a cada nota.

O camarim é só suor e exaustão, e os Pixies estão acabados. Eles precisam de algo que os levante e, por sorte, logo aparece. Um mensageiro, cujas maneiras sugerem que ele foi mandado pela família real, entrega um bilhete. Eles o abrem e Kim lê:

Continuem procurando por fogo, caras. Nos amamos voces. Bono."

Nossa! Quanto você precisa ser importante para começar a mandar bilhetes para as pessoas em vez de falar com elas?", divaga Charles. Ele está realmente confuso. Ele é tambem uma alma sensivel. Uma hora depois, quando todos embarcamos noite adentro, bebendo, ele abotoa seu comprido sobretudo cinza, se despede e vai para a cama. Ele conhece as durezas da estrada.

"Qual é a facilidade de escrever uma canção dos Pixies?" (Charles pergunta)

"Eu não sei. Por um lado é muito facil. Mas eu não gostaria que alguem dissesse que simplesmente sai tudo de uma so tacada. Eu gasto tempo nelas, sento com elas até acabar. Compor uma canção é como fazer palavras cruzadas. Havia garotos na escola que sempre curtiam matemática, certo? Eu sempre odiei matematica, mas compor canções é como resolver um problema matematico. Eu tenho que achar a solução.

Lá fora chove torrencialmente. E mais um cansativo dia de excursão. Estamos passando pela região da fronteira (Irlanda com Irlanda no Norte), numa viagem de ônibus de Dublin para Belfast. Black Francis, olhando concentradamente para a chuva, esta tentando descobrir por que ele escreve as canções dos Pixies. E uma pergunta importante, a mais importante e que o intriga incessantemente.

Eu não sei até que ponto eu sou emocional com as canções dos Pixies", ele decide, "Realmente não sei. Acho difícil passar por cima disso. E tão abstrato para mim fazer a ligação da emoção com uma caneta e um pedaço de papel. Pô, escrever uma canção é uma coisa esquisita de se fazer! Eu adoro, mas é esquisito. Tudo que faço é ficar reduzindo.

Você traz alguns elementos estranhos para suas musicas, Charles. Algumas coisas estranhas. Voce já parou para imaginar de onde seu cerebro tira toda essa esquisitice?

"Nao. Quem disse que vem da minha mente? Todo mundo tem um certo vocabulario e habilidade para escrever. Então, todo mundo acha que uma canção vem da mente das pessoas. Bom, eu acho que canções vêm do ar. Elas apenas fluem através de sua mente e lá são formuladas."

"Você tem o poder de uma caneta e um papel em branco — você pode criar a porra que quiser!", ele continua. "Mas quem pode dizer se uma parte disso vem do seu cerebro ou do seu coração? Ou da sua alma? Nos podemos conversar a noite inteira sobre a alma, se ela existe ou não.

Então você não pode explicar mais sobre as canções dos Pixies do que eu?

"Não muita coisa. Existe essa ideia romântica das pessoas que analisam musica, uma pintura ou um filme, que de alguma forma isso seria um reflexo da alma do artista ou de sua experiencia, quando na verdade nao passa de uma caneta e um pedaço de papel. E como aqueles caras que prendem explosivos ao corpo ou que decapitam ratos com os dentes. Eu acho divertido ler sobre essas coisas, mas não levo os caras nem um pouco a serio. O que eu quero dizer é — e daí? Não é um grande feito. Se cortar inteiro não significa que você seja violento. Qualquer um pode fazer isso, até um garotinho com uma lamina de barbear.

Eu ainda acho que suas canções vem mais da sua cabeça do que de qualquer outro lugar. As canções dos Pixies se desenvolvem como um processo de pensamento, ainda que fragmentado.

"Certo, isso pode ser", diz Francis. Eu, com certeza, penso duma maneira extremamente, *extremamente* fragmentada. Pense apenas na maneira como voce e eu nos comunicamos um com o outro e depois, se formos ao cinema, a maneira como o filme se comunica conosco. Aí compare isso com o que vagueia dentro da sua cabeça! São mundos diferentes. O ser humano é um incrivel computador cujo objetivo principal é a disseminação de informação e a organização de pensamentos.

E quanto ao cinema? De alguma forma influencia as sua letras?

"Eu vejo filmes de vez em quando. Mas, repito, parecem muito distantes para mim. Pagar cinco dolares e sentar ali no cinema para assistir a um filme parece tao distante de sentar com a minha guitarra tentando compor uma musica! Eu simplesmente não vejo como uma coisa pode estar ligada à outra.

Bom, sem querer ser muito obvio, existe "Debaser", que você compos depois de ver um filme de Buñuel.

"E, claro", Charles sorri cinicamente. "OK, então a minha teoria não é convincente.

O tempo passa devagar durante uma turne. Cada hora pode durar um dia. Para ocupar o tempo, Joey nos diz como hipnotizar uma galinha.

"E fácil. Você desenha uma linha vermelha no chao e espera a galinhar vir. Quando ela chega, põe o bico exatamente em cima da linha e está hipnotizada!"

Bom, acho que assim se passaram alguns minutos.

Kim Deal é um raio de sol dos mais legais. É divertido estar com ela, e o que quer que ela pense, ela diz. Ela é a Pixie que bebe, que fuma, que dança, aquela que mantem o moral elevado. Ela e tambem a unica pessoa no mundo que consegue enrolar baseados piores que os meus.

E verdade, sou sempre eu quem fala com o publico, nao e?", ela da um sorriso largo. "Eu nao sei por que faço isso, não sei por que é assim. Não penso no que digo, não sou sozinha um show completo. Eu apenas saio e fico vagando. Charles nunca fala, e Joey não tem microfone.

Você está gostando muito dos Pixies atualmente, Kim?

Com certeza. É divertido. Eu gostaria de cantar mais. Isso seria legal. Mas eu comecei os Breeders (grupo de Kim com Tanya Donnely, dos Throwing Muses) para provar que posso fazer isso. Se eu escrevo o mesmo tipo de musicas que o Charles? Não! Sai fora! Eu não ligo para a Bíblia! Eu nao ligo para OVNIs! Quem quer saber sobre essas coisas? Nao, estou brincando, as musicas de Charles são boas.

No que você pensa enquanto olha para a platéia?

Ah, só penso que é estranho. E ótimo! De um palco, você pode ver como as pessoas são estranhas. Eu adoro quando pessoas vem nos ver. É compa-

nheirismo. Somos como uma grande fogueira em volta da qual eles podem se sentar."

Depois da excursão Kim se muda, de volta para Ohio, para ficar junto de sua irmã gemea. Alguns anos atras, as duas eram as primeirissimas Breeders. Sera que Miss Deal n.º 2 entrara de novo na banda?

Espero que sim", diz Kim. "Vou tentar fazê-la largar seu emprego para tocar no proximo LP das *Breeders* (pandeiras). Ela pode tocar pandeiro, talvez. Seria muito louco. Gemeas identicas na mesma banda! E muito carnavalesco, não e?

Nos terminamos nossa entrevista quando David começa a tocar sua fita do Billy Joel de 1979. Foi por pouco.

Encolhido num canto do ônibus da excursão, Black Francis pensa sobre rock n roll.

E isso que nós somos", ele proclama. E isso que excursionar prova para mim, nosso negocio é cantar e tocar. Essa é a conclusão. Ninguém liga a mínima para letras. Algumas pessoas ligam, os criticos ligam, mas no rock a maioria das pessoas so quer escutar a musica. Quando eu era garoto, nunca curti letras, só queria saber se a musica era boa ou não. Sempre se retoma a essa questão."

Cantar junto é que é o negocio. Isso costumava me incomodar, agora não, eu gosto. Para os fãs não importa se as musicas tem conteudo ou não. Se tem conteudo, voce ganha alguns isqueiros acesos a mais no show, mais algumas garotas com olhos umedecidos. Mas se não tiver conteudo, poucas pessoas se importarão.

"Nossas musicas nao tem proposito", continua Charles. "Assim como o Led Zeppelin, sobre o que eles falavam? Nada! Mas quantos garotos sabem acompanhar as letras de cada musica do Led Zeppelin? Ou dos Beatles? Rock n roll ao vivo e repetição. Garotos gostam de repetir o que conhecem, é assim que eu me sinto quando vou ver uma banda!

Então não faz sentido pegar as letras dos Pixies fora do contexto e submete-las à analise?

"Faz, claro", ele concede. "Eu gosto que as pessoas façam isso. Vejo ideias voltando a acontecer. Adoraria ver alguem fazer sua tese de doutorado sobre os Pixies. Então nos talvez possamos descobrir algo... É possivel extrair informação antropológica e sociologica de tudo no mundo. Eu adoro sentar e analisar alguma coisa até a morte, nunca e perda de tempo. Mas não adianta falar com a fonte. Não me pergunte! Eu não sei! Eu estou apenas escrevendo musicas!

Você nao acha um absurdo o fato de que os Pixies, uma banda completamente radical, agora lotam grandes casas de shows?

Acho que sim. As pessoas dizem que somos um banda peculiar. Mas você não precisa ser "in" para gostar da nossa banda. É facil! Ha ganchos suficientes acontecendo. Voce pode ser um debiloide total e ainda gostar da gente. Captar o que há para se captar. Não e tão surpreendente que somos um sucesso. É natural que as pessoas gostem da gente.

A que ponto os Pixies sao peculiares, Charles?

Acredito que sempre nos achamos muito mais normais do que realmente somos. Eu sempre acho que somos terrivelmente normais. Mas comparando com a competição, vejo que nao somos. Todo mundo quer ser totalmente enlouquecido, fazer tudo de maneira peculiar. Mas, no fim das contas, todos eles estao fazendo discos e turnes, como nos!

"Pelo menos nos alcançamos a classificação de 'peculiar'. Mas realmente não fizemos nada de diferente. Atendemos toda a imprensa, queremos ganhar dinheiro com o que fazemos. Não queremos ser obscuros só por ser, isso é fácil para caralho de fazer.

E Black Francis está feliz hoje em dia?

Estou. Eu gosto de falar, de fazer coisas. E esse negocio de rock — é a primeira vez que tenho um hobby ao qual posso me aplicar bastante. A unica coisa que estou tentando descobrir agora e como conseguir tempo para me aplicar mais. Isso é tudo o que importa. Você pode achar que me aplico constantemente mas ai tem tudo isso (Charles acena para o ônibus, para a estrada lá fora e para a chuva de Belfast...).

"As vezes eu me sinto como uma porra de caminhoneiro!

Qual é o seu momento mais feliz, Charles?

"Quando estou chegando ao orgasmo.

E o mais infeliz?

"Imediatamente depois!", ele diz, sorrindo. "Não, isso não é verdade. Nessa hora tambem fico bem feliz.

Otimo. Ah, e uma última pergunta. Os Pixies são a melhor banda do planeta?

"Não! Que é isso!!!"

Esse cara nao sabe de nada.

IAN GITTINS

(traduzido por Camilo G. Rocha)

SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

LONDON CALLING
DISCO E CD's

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA

DANCE-MUSIC- ROCK - NEW BEAT- POP- ETC...

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS

FONE: (011) 223-5584

APOIO TRANSAMÉRICA

R. 24 DE MAIO Nº 116 — RUA ALTA — LOJA 15
CEP. 01040 — CENTRO — SP

AGORA VOCÊ NÃO PRECISA VIR À MELHOR LOJA DE ACESSÓRIOS E INSTRUMENTOS, PARA FAZER SUAS COMPRAS.

ENVIE CORRESPONDÊNCIA PARA
CX. POSTAL 41508 CEP 05499
QUERO RECEBER, SEM QUALQUER CUSTO, O CATÁLOGO GANG DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS, NACIONAIS E IMPORTADOS.

NOME:
END.
CEP:
CIDADE EST.

GANG

GANG Rua Teodoro Sampaio, 926
NEW GANG Rua Cristiano Viana, 608
Fone: 883 1873 e 853 1728 - São Paulo

TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER E NÃO TINHA ONDE.

- CD 200 A MELHOR RESPOSTA EM COMPACT DISC

Em Moema, ao lado do Shopping Ibirapuera, na Av. Iraí, 200, você encontra e aluga o CD de sua preferência. Maiores informações pelo [illegible]

- DISC LASER CLUB EM FORMA COM OS LANÇAMENTOS

Na Companhia Athética você não precisa suar para alugar o seu disc laser. A loja é aberta para todos e fica na Rua Kansas, 1582 Brooklin Novo. Ou ligue para 240-8023/61-3319/61-5653 e peça sempre ra[illegible]

- LASER DISC EXPRESS SEU CD EM CASA

Se você não mora em São Paulo pode receber o seu CD pelo correio através do Laser Disc Express. CD video, compact discs, acessórios e fitas de video nacionais e importados, é só escrever para Caixa Postal 18385 CEP 04699 e receber em sua casa. Solicite nossos catálogos (FAX (011) 275-6569.)

- ASSISTÊNCIA TUDO SOBRE CDS

Também para comerciantes, realizamos assessoria para futuras lojas e locadoras de compact disc levando qualquer tipo de informação: desde como montar uma loja até o publico alvo

DISCO BOX
AUDIO e VIDEO

APRESENTA

EM TODO O BRASIL
DISCOS IMPORTADOS
ESPECIALIZADOS EM
DANCE MUSIC, ITALO-HOUSE, MIAMI, COOL ...
COMPACT DISCS
ATACADO E VAREJO
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJAS
EQUIPAMENTOS PARA CASAS NOTURNAS
SOB ENCOMENDA

ATENDEMOS TODO O BRASIL

DISCO BOX O MAIOR ACERVO DO SUCESSO
AV. LEÔNCIO DE MAGALHÃES, 120
SANTANA — S.PAULO
FONE (011) 298-3825
OUTROS ESTADOS ENVIAMOS POR SEDEX

BIZZ

A revista Bizz atinge 658.000 leitores
(Pesquisa Marplan).

Faixa etária de 15 a 19 anos - 63%
de 20 a 29 anos - 30%
Classe A B - 56%
Sexo Masculino - 51%
Sexo Feminino - 49%

Para anunciar seu produto ou serviço em INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS ligue para (011) 211-7866 r. 224 Editora Azul.

JAMES MARCUS SMITH

Um grande intérprete, fugindo do sucesso

Uma sedutora e curiosa personalidade da musica pop, o texano James Marcus Smith jamais conseguiu desenvolver uma carreira normal, parecendo sempre empenhado em sabotar o propno sucesso. Chame-o de *freak* ou excêntrico, mas ele fez o que póde para fugir do starsystem com tamanha diligência, que nos deixa comovidos em saber que pelo menos *um* dos grandes artistas que admiramos jamais se rendeu.

No inicio ele foi "Jett Powers", cantor de rock n'roll nos anos 50 e ator de cinema em Hollywood, compôs para Johnny Burnette, Jack Scott e Rick Nelson. Cantou, em grupos ao lado de David Gates, Leon Russell, Glen Campbell e Kim Foley. Gravou incontaveis *demos* para Johnny Cash, Elvis, B.B. King e Little Richard. Foi tambem "Orville Woods", gravando blues e imitando impecavelmente o sotaque dos negros do Tennessee. "P.J. Proby", a mais gloriosa das suas criações, foi surgir somente no começo dos anos 60, gravando para a Liberty. Em 63, ele estrelava em Los Angeles a peça *Othello*, quando foi convidado a participar do musical *Around The Beatles* que a TV inglesa transmitiu para toda a Europa. Durante os ensaios em Londres, gravou um compacto que se tornou um super-hit, "Hold Me" e "Together". Entusiasmado, mudou-se para a Inglaterra, onde em plena beatlemania fez um sucesso arrasador. Lustrava os botões da sua fantasia de pirata, piscava os olhos, sacudia o rabo-de-cavalo e as garotas se debatiam em histena coletiva. Bolou um truque para incrementar seu *stage act*: num determinado momento do show suas calças de veludo se rasgavam (!). Descoberto, foi boicotado por meses a fio, impedido de aparecer em publico. Nos EUA foi ignorado (seu único hit, "Niki Hoeky", atingiu o 23.º lugar na Billboard, no inicio de 67). Na Inglaterra, mesmo com todo o sucesso, administrou tão mal as finanças que foi à bancarrota. Conseguiu voltar em 69 para gravar em Londres o LP *Three Week Hero* quando, por acidente, inventou o Led Zeppelin. Esqueçam as elucubrações dos historiadores: tudo aconteceu por acaso. Precisando de um grupo heavy para gravar algumas musicas, Proby chamou os melhores musicos disponiveis, John Paul Jones, John Bonham e Jimmy Page. O misterio é saber como Robert Plant, desconhecido, conseguiu se intrometer e fazer um biscate tocando gaita. Page, dono do espolio de seu ex-grupo, os Yardbirds, e um contrato para tocar na Escandinavia, pressentiu que o grupo dana conta do recado. O resto e história.

Só reapareceu em 77 no LP *Focus Con Proby*, fruto de estranha associaçao com o grupo progressivo holandês. De repente, bem ao seu estilo, abandonou-os para estrelar a peça *Elvis* em 78, em Londres. O grande sucesso de publico e critica foi demais para P.J., que deixou de seguir o script e atuava bebado. Demitido, voltou ao fundo do poço. Nos anos 80 retomou a carreira, passando a gravar singles independentes. Alguns são espantosamente bons, como "Tainted Love", "Heroes" e "Love Wil Tear Us Apart", sim, aqueles hits regravados. Agora está recolhido num suburbio ingles com sua nova esposa adolescente. Mas ainda pode nos surpreender muito. E o único rocker que mergulhou de cabeça no pop mais pegajoso e saiu ileso. Um intérprete originalissimo quando quer, mas imita perfeitamente de Gene Pitney e Elvis a Billy Eckstine e Jackie Wilson. Um iluminado imprevisivel.

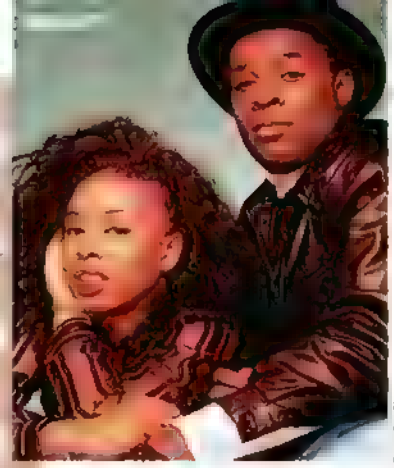
RENE FERRI

Ele foi um astro no auge da beatlemania

JUKEBOX

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Somewhere
(Liberty/março/65) EUA
P.J. Proby
(Liberty/agosto/65) EUA
At His Very Best
(See For Miles, 86) Inglaterra
At His Very Best, Vol. 2
(See For Miles, 87) Inglaterra



A EXPLOSÃO DO TECNO

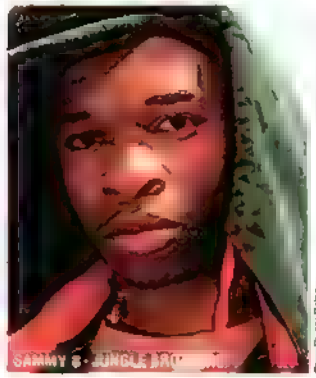
É como se as máquinas de fliperama e as secretárias eletrônicas tivessem saído formando bandas. Uma das correntes mais fortes na *dance* inglesa no ano passado e no início deste ano é o tecno, apelidado de "bleep music" (barulhinho eletrônico tipo bip de médico, que quase todas as faixas de tecno têm).

Netos de Kraftwerk e filhos do triunvirato tecno de Detroit (Kevin Saunderson do Inner City, Derrick May e Juan Atkins), dezenas de grupos, vindos principalmente das regiões de Leeds e Manchester (norte), estabeleceram a trilha sonora dos raves locais. São faixas praticamente sem vocais, radicalmente computadonzadas, econômicas nas variações e com um ritmo tipo "manada raivosa de rinocerontes". Em pouco tempo, nomes como LFO ("LFO"), Tricky Disco ("Tricky Disco") e Together ("Hardcore Uproar"), foram dos raves para o paradão oficial (o LFO chegou ao 10.º lugar). O precursor dessa cena inglesa é, com certeza, A Guy Called Gerald, que, com seus LPs *Hot Lemonade* e *Automanikk* e faixas como "FX" e "Voodoo Ray", estabeleceu que sinais e pulsos eletrônicos ritmados eram OK.

Para quem quiser se aventurar pelos chips desses músicos, aí vão algumas dicas. Dois selos importantes e prolíficos são Network e Warp; outros grupos são Nexus 21, Rhythmatic, Unique 3, Sweet Exorcist (com Richard Kirk, do Cabaret Voltaire), Dream Frequency. Há uma coletânea da Network chamada *Biorhythms*.

E do outro lado do Atlântico? Bem, o afável Kevin Saunderson, depois de excursionar promovendo o novo LP do Inner City, *Fire* , está concentrado com as atividades de seu recém-montado selo, KMS. Kevin também se associou a um remixador do Inner City, Andrew Komins, e ao selo Network para a abertura de um estúdio em Nova York. Segundo Komins disse à *MixMag*, será uma "fábrica de hits dançantes. Dance music acessível com aquele sabor R&B para a era pós-tecno".

GEE STREET FECHA, DECONSTRUCTION ARRASA



A Gee Street Records, um selo dance independente inglês, fechou as portas depois de enfrentar sérios problemas financeiros e de distribuição no ano passado. No catálogo da Gee Street estavam Richie Rich, o primeiro LP e singles do Jungle Brothers, Stereo MCs e Outlaw Posse.

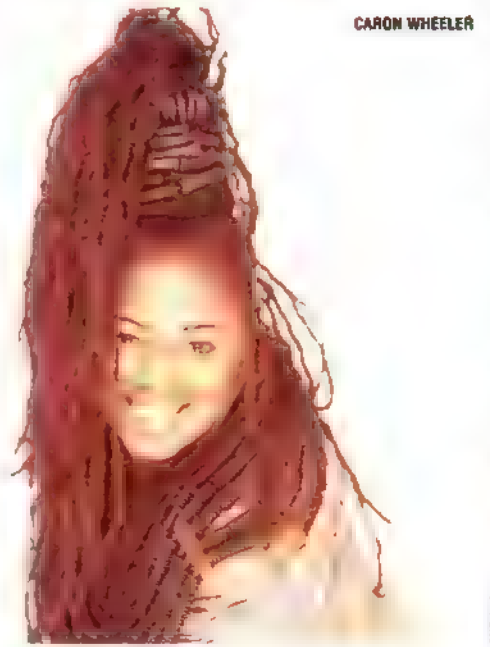
O DeConstruction — selo inglês do Black Box, propriedade do DJ do Hacienda, Mike Pickering — não marcou passo com a polêmica em torno da voz do grupo. A propaganda do novo single do BB, um mercenário megamix de seus três primeiros hits (feito pelo conceituado companheiro de Pickering, o DJ Graeme Park), tem como chamada "Quem canta? Quem se importa? ("Who sings? Who cares?")

O DeConstruction também lançou uma tentadora compilação com seus recentes lançamentos, inclui versões 12" de "Everybody", de Wendell Williams (produzido por Arthur Baker), "Anthem", do N-Joi e "Fantasy", do Black Box.

CHAMANDO TODOS OS DJS! CHAMANDO TODOS OS DJS!

Dedos afiados e ouvidos antenados, atenção! A Emergency Comércio Exterior, e a Chorus Instrumentos e Sistemas Musicais irão promover no fim deste mês o 1.º Campeonato Brasileiro de DJs Emergency para profissionais e amadores de qualquer idade. Toda a renda do campeonato será destinada a APAE de Diadema, SP. DJ de bom coração interessado: preencha a ficha de inscrição que veio na BuZZ de janeiro e deposite a taxa de Cr$ 1.000,00 na conta 3998-5 (agência 0717X) do Banco do Brasil, em nome da APAE - Diadema, o que pode ser feito em qualquer agência do BB. Feito isso, remeta o comprovante do depósito e a ficha de inscrição à Rua Joaquim Nabuco 1695/1743 - Brooklin - São Paulo-SP, CEP 04621. O aviso é de última hora sim, então não reclame e corra!

SOUL II SOUL CAIDAÇO



CARON WHEELER

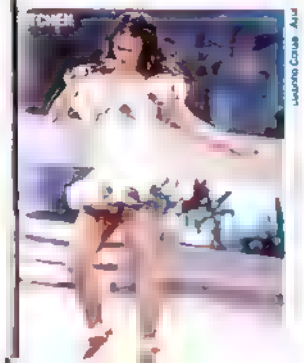
O Soul II Soul lançou um dos melhores LPs do ano passado, conquistou a América e chegou-se a comentar que Jazzie B ina trabalhar com o nosso ET de plantão, Michael. Jazzie deveria estar sorrindo à toa — mas os últimos informes recebidos da Inglaterra deixam claro que nem tudo são flores no reino dos Funki Dreds.

Seus ambiciosos shows, que incluíam desfiles de moda, quinze músicos no palco e dançarinos tentando números clássicos (Jazzie de Deus!), não foram poupados pela crítica inglesa. Devido a um acidente rodoviário, várias datas da turnê americana foram canceladas e especula-se que a vendagem de ingressos foi fraca no geral.

Depois, a noite semanal promovida pelo Soul II Soul no club londrino Fridge, desde junho de 1989, foi encerrada. Segundo o grupo, devido a "necessidade de começar algo novo". O gerente da casa, Andrew Czezowski, disse, porém, que foi o clube que deu um pé no SIIS, após atritos financeiros e descaso do grupo com a promoção do evento. Segundo o gerente, o sucesso subiu à cabeça de Jazzie e turma e eles já achavam que o Fridge era parte de seu "império".

Críticas amargas também foram disparadas por Rose Windross e Caron Wheeler. A primeira cantou e compôs "Fair Play", primeiro single do SIIS, e Caron foi a voz de "Keep On Movin'" e "Back To Life". Ao que parece, as duas deixaram os tentáculos da organização por terem sido manipuladas pelo grande irmão Jazzie, que nunca lhes deu o devido crédito pelo seu trabalho, pois estava mais interessado em promover a imagem corporativa do SIIS. Caron disse ao *NME* que "todo aquele papo de que 'somos todos irmãos é conversa para boi dormir. Enquanto isso, eles te exploram".

Como se não bastasse, as vendas de *New Decade* foram bastante inferiores às do primeiro disco, tanto nos EUA como na Inglaterra, assim como seus respectivos singles. "People", do segundo LP, não entrou nem no Top 75 do paradão inglês. Como se vê, a "nova década" não começou muito fácil para o SIIS.



Deee-Lite e Betty Boo incluem uma forte dose kitsch em sua imagem, enquanto alguns como Ice MC e Locomia são só caiçaras mesmo. Seja como for, o namoro da dance e do caiçara, intencional ou não, é fato consumado. Do Rio, o DJ Zé Pedro, do Kitschinet (4.ª a 6.ª, R. Barata Ribeiro, 543) e Banana Café (Sábado a 3.ª, R. Barão da Torre, 368), não teve pudor em nos dar o seu *Top 5 camp* para a pista de dança.

1. "Dance A Little Bit Closer" Charo
2. "Conga Conga Conga" Gretchen
3. "Ring My Bell" Anita Ward
4. "Daterni Um Martelo" Rita Pavone
5. "I Love To Love" Tina Charles

Charlatans "The Only One I Know"

Do meio das franjinhas e das roupas "baggy" (largas e soltas), uma das melhores faixas a sair do congestionado cruzamento indie rock/dance music.

Doug Lazy "H.O.U.S.E."

Um barão da hip house vem com um balaço tirado de seu primeiro LP. Seria a resposta dos 90 à brejeira "D.I.S.C.O.", do Ottowan, de 1980.

Splash "I Need Rhythm"

Trata-se de mais um clone deslavado do Snap! Portanto, esqueça noções como originalidade e ética e dance com o melhor carbono do gênero.

George Michael "Freedom 90"

Ele não perde o bonde, seja para qual pista for. Com direito a "empréstimos" de Sinead O'Connor e Soul II Soul, uma batida funky, um piano acompanhando o ritmo, um entusiasmado coro soul e aquela melodia.

Young Disciples "Get Yourself Together"

Se não fosse pelo sample de "Sign O' The Times", de Prince, eu jurava que esse soul/funk não foi gravado em 1990. É sério, ele soa 1972.

Monie Love "Down To Earth"

Esta é como todas as outras dela: um ritmo funky, o mesmíssimo rap, muitos samples da idade de ouro da disco e o típico refrão-gancho. É ordinário e não dá para entender por que tanta gente incluiu Monie entre as melhores de 1990.

Plaza "O-Oh"

Refrão: "O-oh, O-oh, Na-na-na-na-ra-na-na". O Plaza adota a abordagem Patrick De Meyer para fazer dance: "É tudo uma grande bosta comercial". Um som de bumbo de Kevin Saunderson vale mais que toda a carreira dessa gentalha.

CAMILO G. ROCHA

CONEXÃO BRASIL

BELO HORIZONTE

Nélio Rodrigues

"Rock não é cultura, é estilo, é jeito de viver." A afirmação, que não parece guardar nenhuma afetação *poseur*, é feita à queima-roupa por Pat, uma das proprietárias da mais bem-sucedida loja alternativa de discos da cidade: a Cogumelo.

Com dez anos de atividade, por si só a trajetória da Cogumelo se mostra suficiente para corroborar as palavras de Pat. Se no início a opção pela especialização em punk e heavy-metal já a distinguia da concorrência, a criação de um selo, em 85, acabou indo de encontro à efervescência musical local que, na época, fazia surgir uma banda diferente a cada esquina. Daí materializou-se o split-álbum *Overdose — Século XX/Sepultura — Bestial Devastation*. Com as boas vendas do *début*, vieram também os primeiros problemas com a vizinhança, que, de tempos em tempos, convocava a polícia ao local, isso quando não despejava bacias de água gelada sobre seus assíduos frequentadores!

Hoje, tendo um catálogo com cerca de quarenta títulos autoproduzidos — que vai de grupos locais aos de outros estados (o DeFalla é o mais novo afiliado) — e finalmente em paz com a comunidade, a Cogumelo começa a invadir o mercado externo, vide o licenciamento mundial obtido para os LPs *Rooting*, do **Sarcófago** (pela distribuidora inglesa Music For Nations) e *Schizophrenia*, do **Sepultura** (para o selo ianque Roadracer).

Tanto sucesso fazia por merecer uma comemoração, e foi o que rolou em dezembro passado, quando os grupos Overdose, Chakal, Sarcófago e Holocausto se apresentaram no ginásio do Ginástico para quase duas mil pessoas. Após três horas de violência musical explícita, a noitada terminou reunindo todos os músicos presentes para "War Pigs", do Black Sabbath.

ARTHUR G. C. DUARTE

OVERDOSE

SARCÓFAGO

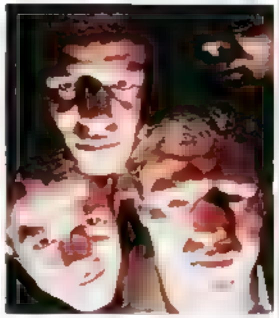
CHAKAL

Nélio Rodrigues

SÃO PAULO

Mauá é um distrito industrial do subúrbio paulistano que já revelou para o Brasil uma de suas melhores bandas punkrock/hardcore: Garotos Podres. Agora um novo míssil foi engatilhado na plataforma de lançamentos da cidade.

Formado em 87, o **Acidus Maximus** atravessou um período de turbulência até atingir o ponto de baixa, em meados do ano passado. Mantém um pé no hardcore, mas mira outro alvo com coordenadas contemporaneizadas. Living Colour é um dos dados novos



Divulgação

que entraram na fórmula bombástica do grupo. Bases rápidas em escalas cromáticas, baixo e bateria pesados como chumbo, guitarra saturada a mil por hora, um vocalista que preserva traços de agressividade sem se perder nas modulações rítmicas e tonais do instrumental. Tudo redondo.

Em um estúdio de Santo André a banda gravou uma demo, mas não gostou do resultado. "Então nós levamos um porta-estúdio para casa (*Tascam, quatro canais*) e fizemos do jeito que a gente queria", conta o vocalista/letrista Marcos. Mantenham os ouvidos atentos. Ah, ao vivo eles fazem covers de Living Colour e Red Hot Chili Peppers. Não é qualquer um que se aventura por este terreno de topografia tão complexa sem escorregar.

CELSO MASSON

DISCOS

Fog é uma banda que qualquer gravadora com um mínimo de bom senso nem pestanejaria em investir num segundo disco. O primeiro ela já gravou, às próprias custas, numa produção totalmente independente e, o que é melhor, de qualidade.

Trata-se de um *power trio* superentrosado, com músicos que entendem de seus instrumentos (principalmente o guitarrista Eugenio). O que faltou ao grupo, neste disco de estréia, foi uma direção artística bem definida. O repertório é bom, alternativo mas suficientemente comercial; as letras têm altos e baixos, mas a voz foi bem encaixada ao longo das melodias de todo o vinil. Apesar do título *Rock*, o LP reserva várias surpresas a quem estiver disposto. Contatos: (016) 726-3329, com Eugenio.

C.M.

RIO DE JANEIRO

Divulgação

"Somos uma banda de guitarra, influenciados pelo psicodelismo", define o guitarrista e vocalista Fábio L., 27 anos. Junto com Francisco Kraus, baixista e vocalista da mesma idade, Fernando Kamache, guitarrista de 18 anos e o baterista Dalton Viana, 21, formam o Second Come, uma das mais promissoras bandas cariocas.

Fábio e Francisco são oriundos do Eterno Grito, que chegou a gravar um mini-LP independente em 87, pelo selo Toc Discos. "A banda acabou por divergências musicais. Nosso trabalho novo nada tem a ver com o Eterno Grito", explica Francisco, que cita Soup Dragons, Happy Mondays, Jane's Addiction, Faith No More e De La Soul como bandas admiradas pelo Second Come.

A banda prepara para o início deste ano o lançamento de seu primeiro LP, também pela Toc. "Gravar por selos independentes ainda é a saída para as bandas novas". Fábio cita os Squonks, do Rio, Pin Ups e TSAS, de São Paulo, e City Limits, de Santos, como bons grupos da nova safra do rock.

O fato de só compor em inglês é explicado, primeiramente, pela sonoridade; e em segundo lugar por uma questão prática: conquistar o exterior. "Temos contatos fora do país e achamos que temos chance de lançar o disco no mercado externo", diz Francisco.

ANDRÉ BARCINSKI

PORTO ALEGRE

A Escalada Do Rock não levou ao palco do Rock In Rio II exatamente as melhores bandas novas do Brasil. Nada contra Vid & Sangue Azul ou Laura Finokaro, mas como normalmente acontece neste tipo de escolha, a pré-seleção negligenciou bons representantes da nova safra do rock brasileiro.

Uma das bandas que não passou pela peneira foi a **K30** de Porto Alegre. Duas de suas músicas atravessaram a triagem inicial e foram remetidas numa fita cassete para dois críticos junto com as de outros candidatos. Antes disso a banda já havia gravado um LP — que retrata uma outra fase, com formação e repertório bem diferentes do atual.

Agora, com um pop/rock bem propício a vastas execuções em FM, Fernando Klauk, Cesar Moraes, Jorge Kazado e Leo Do Canto estão retrilhando sua própria escalada. Para isso contam com uma demo gravada em DAT (digital audio tape) no próprio estúdio da banda. Quem quiser checar, ligue para (0512) 34-7170.

C.M.

Divulgação

- *Anão Zangado* é o emblemático nome do zine editado por Alecsandro Widner, uma alusão direta ao extremo potencial de comunicação social através de pequenos focos editoriais, como dizia o próprio [illegible] de graça e um fanzine do tempo em que [illegible] as frases de efeito do Faustão era apenas mandar o Faustão à puta que pariu. Engraçado como poucos, fala de drogas, rock'n'roll e abobrinhas a granel. Escreva para Alecsandro Widner Dos Santos, R. Conde D'Eu, 327, CEP 95600, Venâncio Aires, RS.

- Outro zine thrashmetálico é o *Whiplash*, que nos convida para a [illegible] Whiplash [illegible] em breve pelo selo Whiplash Records. O fanzine e o selo saíram da loja de discos homônima. Mostram uma parte do nordeste desconhecida no sul: zines e mais zines, bandas às pencas, demos etc. Valeu a cortesia. [illegible] Natal, RN.

- Soteropolitanos que se queixam do monopólio dos ritmos afro-baianos nas rádios da cidade já têm ao menos uma opção: *O Rock Não Morreu*, dedicado exclusivamente ao mais inquieto e autêntico rock [illegible] na Itapoan FM. Apresentação de Tony Lopes e Eduardo [illegible].

- Para você que lê a BIZZ [illegible] Nossa homem em Belo Horizonte não só colabora nesta seção todo mês como também [illegible] outras páginas da revista. [illegible] a generosidade de [illegible] reserva agora uma boa nova [illegible] programa de rádio que [illegible] as melhores novidades da música mundial da [illegible] de seus [illegible] moderados. Não percam: sábados, das dezesseis às dezessete horas na Rádio Terra FM, 99,9 MHz.

AO VIVO

ROCK IN RIO II

Um evento megalo, com 47 shows em nove noites de altos e baixos. O áudio era precário — por mais que a Artplan alardeasse uma sonorização de primeiro mundo — provando que o "maior estádio de futebol do mundo" não é o melhor lugar para o rock. Mas, quem sobreviveu à maratona musical — que começava às 6 da tarde e muitos dias terminava depois das 3 da madrugada — e suportou as péssimas instalações do Maracanã — transformado no maior mictório do mundo — pôde curtir alguns bons momentos. Confiram, dia a dia, o que rolou no Rock In Rio II

18/01

Cerca de 60 mil pessoas aguentaram o pop-reggae de *Jimmy Cliff*, o pop-rock do ex-Men At Work *Colin Hay*, o vozerão de *Joe Cocker* — imerso em arranjos e o repertório idem —, e ainda quase duas horas de intervalo, até o genioso e genial *Prince* dar o ar de sua graça. Quem aguentou de pé, dançou, no bom sentido.

19/01

Com um pastiche de Ozzy Osbourne, o grupo *Vid e Sangue Azul* abriu os trabalhos no sábado, seguidos do "cover" de Idol, *Supla*, numa performance ousada visualmente. Já os *Engenheiros do Hawaii* não suaram muito para conquistar a platéia com suas canções-palavras-de-ordem. O clima estava quente, um público de 80 mil, quando *Santana* tentou um "back to Woodstock". Ele continua um excelente solista e foi um precursor da world music, mas tudo soou datado. Na sequência, *Billy Idol* voltou a aquecer a galera com seu estilo rebel-boutique. Mas o melhor da noite ficou mesmo com o *INXS*, que cresce muito no palco, comandado pelo charmoso Michael Hutchence e o instrumental dos Farriss bros. e cia.

20/01

Com o estádio superlotado — muita gente com ingresso ficou de fora —, Amaldo Brandão esgoelou-se, mas o *Hanoi Hanoi* não decolou. Já os *Titãs* contaram com um coro de 130 mil pessoas. Sonoramente, no entanto, a noite foi de *Faith No More*, enquanto *Billy Idol* (substituindo Robert Plant) injetou mais adrenalina na sua receita. Fechando a noite, os *Guns N'Roses* tinham a platéia nas mãos e não decepcionaram.

22/01

Depois de um dia de folga, muita gente aproveitou para também descansar durante os shows dos *Inimigos do Rei*, *Roupa Nova*, *Run DMC* (que não funcionou num grande estádio) e *New Kids On The Block*. Um dos menores públicos do festival — 30 mil, segundo a Artplan — pôde confirmar que os New Kids realmente cantam, o que não muda muita coisa.

23/01

A noite mais pesada foi muito bem introduzida pelo furioso thrash do *Sepultura*. Na sequência, *Lobão* só resistiu duas músicas, vaiado do palco pela ala mais radical do metal. O *Megadeth* deu o que todos queriam: porrada. O bombardeio culminou com uma cover de "Anarchy In The UK", dos Sex Pistols. Se recuperando para o final da noite, o povo foi até condescendente com o *Queensrÿche* e sua flácida mescla progressive-hard-rock-pop. Mas o *Judas Priest* recolocou a locomotiva metal de volta aos trilhos, numa devastadora apresentação, passando dezessete anos heavy a limpo. Depois disso, os *Guns N'Roses* não tinham muito o que fazer, e Slash ainda desperdiçou munição com um bisonho solo de "Feelings" (do nosso Morris Albert). Homenagem ou piada?

24/01

Um patético *Serguei* deu o tom mais grotesco, esbanjando cara, bocas, perucas, trejeitos. Totalmente fake. *Laura Finocchiaro* segurou a bola depois, com sua word music requentada. Já *Alceu Valença* rodou a "pernambucabaiana", reclamou da péssima equalização sonora, abandonando o palco após três canções. Conseguiu provar que os brasileiros realmente estavam sendo discriminados e acabou voltando para fechar a noite — depois de *Prince* — com uma boa ponte entre o rock e o som nordestino. A platéia, beirando as 30 mil, ainda viu um *Santana* com mais tesão (com canjas de Pat Metheny, Djavan e Gilberto Gil) e outra dose de *Prince*.

25/01

Ed Motta merecia horário melhor e mais tempo, mas soube aproveitar sua chance. *Elba Ramalho* exagerou no coquetel de lambada, forró Olodum, samba, frevo e o diabo a quatro. Já o *Deee-Lite* decepcionou, desperdiçando feras como Bootsy Collins (baixo) e Bernie Worrell (teclados). O som estava embolado e sem peso, os DJs Dimitri e Towa Towa perdidões no palco e a razoável cantora Miss Kier não conseguiu salvar o barco. A sexta-feira era de *George Michael*, com banda e show impecáveis.

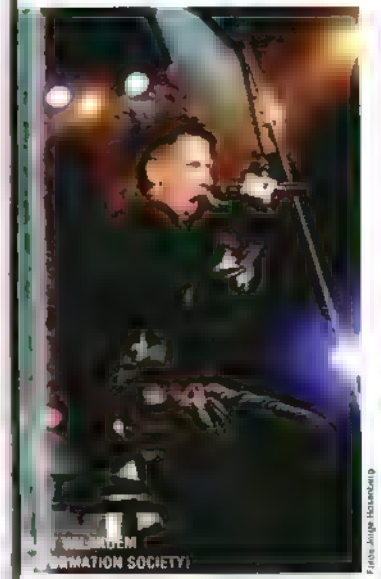
26/01

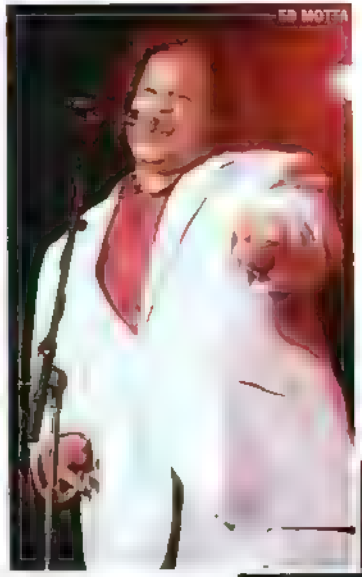
A noite mais Pop In Rio teve *Nenhum de Nós* e *Capital Inicial* na abertura. O Maracanã superlotado vibrou com o techno pop do *Information Society*, suportou *Debbie Gibson* (sob a direção musical do guitarrista Carlos Alomar) e voltou a delirar com a mesmice pop do *A-ha*. *Paulo Ricardo* lembrou o finado RPM e se deu bem. E os *Happy Mondays* (que não puderam tocar na sexta por problemas técnicos) foram...infelizes. O público, que não era o deles, estava exausto e uma chuva torrencial desabou. Mas, quem estava na mesma sintonia mental dos rapazes de Manchester não perdeu a viagem.

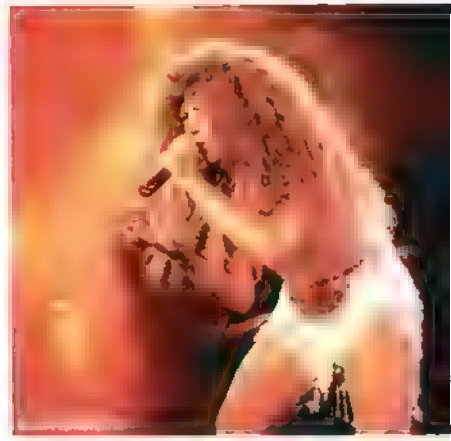
27/01

Fim de festa e *Leo Jaime* teve direito aos seus 30 minutos de abobrinhas, enquanto *Moraes & Pepeu* procuraram desviar o leme para Salvador. Na sua segunda tentativa, o *Deee-Lite* novamente soou como um peixe fora d'água. Já *Lisa Stansfield* canta como uma soulwoman, mas o repetitivo repertório cansa. E foi *George Michael* quem de novo reinou — apesar daquele apêndice já extirpado, Andrew Ridgley, que fez figuração nos números do bis. Teve ainda, no final, a escola de samba *Flor Do Amanhã*, mas aí a coisa já tinha virado macumba para turista.

A.C.M







ROCK IN RIO II (DESTAQUES)

FAITH NO MORE

Não existe absolutamente nada, nem de longe, parecido com o Faith No More. O som deles é uma mutação imprevista, um frankenstein composto de hard rock, hardcore, hip hop, progressivices épicas na linha Rush-ELP e música de festa californiana.

Quem tinha (ou tem) alguma dúvida sobre a originalidade do FNM, precisava estar no Maracanã na noite de domingo. A pauleira começou com "From Out Of Nowhere". Com quinze segundos no palco, Mike Patton já estava tendo espasmos epilépticos. Depois veio "Falling To Pieces", hit da banda à la Living Colour, seguida da igualmente forte "Underwater Love" e da baladinha (a única do grupo) "Edge Of The World".

Os cento e não sei quantos mil presentes já estavam se descabelando à toda quando teclados laibachianos introduziram "Epic", que dispensa comentários.

Detonar seus dois hits antes de chegar à metade do show dá uma pala clara da atitude do Faith No More. Os caras não jogam para a plateia, fazem o que estão a fim e boa. No Rock In Rio, a jogada funcionou legal. "Zombie Eaters", a instrumental "Woodpecker From Mars" e duas antigas — "Introduce Yourself" e a ótima "We Care A Lot", do mesmo LP (que precisa ser lançado aqui já) — mantiveram a moçada batendo cabeça.

No final, dois grandes momentos: uma versão longa e dramática de "War Pigs", o clássico do Sabbath, e no bis, "I'm Easy", aquela de Lionel Ritchie fase Commodores, numa cover fidelíssima.

Resumindo: o Faith No More é inteligente, dançável e tem um puta ataque. Seria o melhor show do festival, não fosse por alguns problemas no som (os teclados, com exceção do piano elétrico, queimaram a dois terços do show; e o guitarrista Jim Martin ficou sem retorno no meio de "War Pigs"). Mesmo assim, foi um massacre. Já disse e repito: até prova em contrário, o Faith No More é o futuro do rock'n'roll.

ANDRE FORASTIERI

GUNS N'ROSES

Eles chegaram finalmente ao Brasil, e arrastaram milhares de fãs ao Maracanã.

Uma grande banda de rock, na mais mitológica acepção da palavra. Sim, os *Gunners* não são idolatrados simplesmente por suas músicas; estão circunscritos de forma mítica no cérebro e olhos de seus fãs. Era uma oportunidade única de ver humanizada a trilogia sexo-drogas-and-rock'n'roll.

Pouco importa se o Faith No More deu um banho de performance; pouco importa se Mike Patton, vocalista do Faith, possui mais garra, voz e *punch*. A plateia continuou achando Guns N'Roses o melhor. Porque eles foram lá para ver o Guns. No domingo, 20, o Maracanã quase veio abaixo quando a megabanda adentrou o palco. O grupo, que não é bobo, deu ao público o que este queria: um rosário de sucessos enfileirando "Welcome To The Jungle", "Sweet Child O'Mine", "Patience" e, é claro, "Knockin' On Heaven's Door".

Diga-se a verdade: Axl não fez jus à sua fama. Logo na metade do show já apresentava sinais de cansaço. No bis ("Paradise City") a voz já falhava clamorosamente. A sorte de ser mito e que os tropeços se incorporam ao charme e tudo vira lucro.

O show da quarta foi basicamente igual ao primeiro, com a vantagem que Axl estava mais humorado e disposto. Slash continuou insistindo em fazer aquele solinho com o tema de "O Poderoso Chefão" e, não bastasse, ainda arriscou uma versão de "Feelings" (a própria). Quem continuou roubando o show foi o baterista Matt Sorum, que fez sua estréia como substituto de Steven Adler e foi responsável pelo solo de bateria mais longo e violento do Rock In Rio — dez minutos de bombardeio ininterrupto com direito a solo de gongo com a cabeça.

Sim, os fãs ficaram satisfeitos, os decibéis chegaram ao limite. Houve o brilho polido e correto que se espera de uma banda profissional. Por mais que o Guns tenha se esforçado (e não foi tanto assim), ficou algo de previsível no ar.

JEFERSON DE SOUZA

PRINCE

Ele tinha bagagem de sobra para fazer o melhor show do Rock In Rio II. Seu repertório é excelente, a banda que o acompanhava, mesmo sem o nível da Revolution, estava cheia de cobras e o pequeno gênio de Minneapolis já aprontou de tudo nos palcos — quem conhece pelo menos o vídeo da turnê *Sign O' Times* pode imaginar. Só que o festival ainda tinha pela frente um George Michael com muita fome de bola.

De qualquer forma, as duas noites de Prince Rogers Nelson deram para o gasto. Sua receita de soul, funk, gospel, pop, continua aliciante. Em uma hora e meia, ele trocou de roupa duas vezes — com os buracos tapados pela banda e a cantora (e tecladista) Rosie Gaines — e estendeu por demais suas canções. Grooves hipnóticos, puxados por uma usina funk muito bem azeitada, mas se melhor dosados permitiriam mais músicas no repertório. Estavam lá "Let's Go Crazy", "Kiss", "Purple Rain" — com seu hendrixiano solo —, "Take Me With You", a nova "Jughead" (um rap apenas burocrático) e sua versão para o megassucesso que entregou a Sinead O' Connor, "Nothing Compares 2 U", e pouco mais. Muita coisa boa ficou de fora.

Se a estrutura musical era até radical, sem concessões, Prince beirou o populismo ao se dirigir à platéia. Berrou umas vinte vezes "Rio!", pediu pela paz, e pegou garotas do gargarejo para dançar. Tudo bem, se ele explorasse melhor seu bau de canções. No mais, dançou muito, tocou guitarra, teclados e piano acústico. Por sinal, os momentos em que solou seu piano acústico azul, em contraponto à maquinaria funk, foram definitivos.

Enfim, para quem vive uma dieta rala de música black, até que valeu. Mas, no fundo, Prince ficou nos devendo mais de seu inegável talento.

A.C.M

GEORGE MICHAEL

Nesses três anos em que evitou os palcos, George Michael fez uma revisão crítica de sua carreira, mais rigorosa do que esboçaria o mais cético preconceituoso de plantão.

Assim, o Maracanã teve o privilégio da estréia de uma turnê, cujo repertório se apoia num cardápio de covers de extremado bom gosto e conhecimento de causa. Soul, *disco* e house numa caldeirada suculenta que estremeceu o concreto do estádio, desde a abertura, uma surpreendente fusão de Adamski ("Killer") com Temptations ("Papa Was A Rolling Stone"). Tamanha cara-de-pau em colocar lado a lado composições próprias com clássicos dançantes das últimas décadas — e decepcionar fãs que foram ouvir o ídolo e seus hits apenas — foi devidamente recompensada com uma orgia dançante.

Crédito deve ser dado à banda-dinamite arregimentada pelo rapaz — oito instrumentistas e três backing-vocalists (entre eles, a fenomenal Lynne Mabry, cuja garganta comandou "Calling You", tema de *Bagdá Café*, e a explosiva versão de "Back To Life", do Soul II Soul).

Nesta noite de zebra milagrosa, até "I'm Your Man" — e hoje o Wham! não figura como nada além de um prevestibular para o talento de George Michael — manteve a combustão embutida em "Ain't No Stoppin' Us Now" (McFadden & Whitehead, um dos últimos monumentos da era *disco*). Encerrado o coquetel — que incluiu ainda duas baladas de Elton John, David Bowie ("Fame"), Gladys Knight e Rufus, G.M. tirou do colete um bis duplo de sua autoria — a inevitável "Careless Whisper", uma das mais belas baladas pop e "Freedom 90". Ou ele está no ápice, ou esse cara vai longe.

J.A.L.

AS OUTRAS FONTES DE PESQUISA ESCOLAR ESTÃO NO MÍNIMO UM ANO ATRÁS DO ALMANAQUE ABRIL 91.

O Almanaque Abril é a única enciclopédia atualizada e publicada todo ano.

A única que pode estampar um 91 bem grandão do lado superior esquerdo da capa.

Nesta edição, por exemplo, você pode consultar todos os fatos marcantes no Brasil e no mundo de setembro de 1989 a dezembro de 1990.

E também fatos que aconteceram 3.000 anos antes de Cristo.

O Almanaque Abril 91 traz 768 páginas com mais de 1 milhão de informações fresquíssimas.

Absolutamente tudo sobre o Brasil e o mundo, com mapas detalhados sobre cada um dos 169 países (inclusive já com a Alemanha unificada e o novo Estado de Tocantins). E também as bandeiras de cada país, com todas as suas cores.

Além de temas atualíssimos como ecologia, os problemas da Amazônia, Pantanal e Mata Atlântica, o buraco na camada de ozônio, o efeito estufa, as chuvas ácidas.

Compre o Almanaque Abril 91 na banca mais próxima da sua casa ou escola.

Especial: um super manual de pesquisa escolar.

Nas bancas.

RED, HOT + BLUE VÁRIOS
(CHRYSALIS/EMI-ODEON)

A causa é indiscutível: uma coletânea pop cuja renda será investida diretamente na pesquisa de tratamento anti-AIDS, até agora a única ocasião em que artistas do gênero se uniram com esse objetivo. O produto, em si, já são outros quinhentos.

Faz sentido combinar uma campanha anti-AIDS com um tributo a Cole Porter, um dos maiores compositores pop da música americana e, como boa parte das vítimas da síndrome de imuno-deficiência, gay. Os artistas que participam deste álbum duplo tiveram a chance de transportar para os anos 90 algumas das canções mais populares das décadas de 30 e 40, uma época de ouro — contrapondo assim a inocência, o frescor e as metáforas do passado (a musa de Cole não era feminina, como as músicas faziam o público supor) com a ironia e o sofrimento que os romances despreocupados trazem agora. O casamento no repertório do disco entre artista e canção, entretanto, muitas vezes mingua a possibilidade de uma compreensão ampla da posição e da importância de Porter na música pop.

Exemplos do que deu certo em *Red, Hot + Blue* são vários. "In The Still Of The Night", com os Neville Brothers, é o equivalente a uma superprodução ultracomercial que poderia ter rendido um hit de parada se lançado agora numa gravação de, digamos, Anita Baker. Debbie Harry e Iggy Pop saem-se os mil maravilhos como o prademinno casal *bon vivant* em "Well, Did You Evah?". A inteligente versão samba de morro que David Byrne fez para "Don't Fence Me In" traz um papo de malandro com justo parentesco a um Moreira ou um Bezerra Da Silva. Neneh Cherry transforma uma canção de amor ("I've Got You Under My Skin") num sombrio rap anti-AIDS. Jimmy Somerville, ao mesmo tempo doce e melancólico, aparece em "From This Moment On". Raddy Frame, do Aztec Camera, pode soltar seu vozerão — um dos melhores da safra inglesa dos últimos anos — na clássica "Do I Love You?", de 1939. Uma canção pop como a Albion atual não conseguiria fazer nem por decreto.

Por outro lado, não podena haver nada pior do que o pompa pseudo-solene do U2 em "Night And Day" (aliás, se o grupo não se cuidar, vai virar caricatura de si mesmo rapidinho) e a patuscada semi lonante de Sinead O'Connor ("You Do Something To Me"). Por uma aberração, foram as faixas que ganharam maior divulgação e espaço no rádio e na TV, somente pela fama de seus interpretes.

Mesmo assim, para quem não conhece Cole Porter — ou para quem tem jogo de cintura para uma visão atualizada da obra do compositor —, vale a pena investigar *Red, Hot + Blue*.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

LOVEGOD — The Soup Dragons (Polydor/PolyGram)

Só interessa o que não é meu". Canibalista por excelência, o obsoleto rock (sic) continua fazendo do mote oswaldandradeano sua própria razão de viver. É o que se pode concluir pelo que está acontecendo com algumas *guitar bands* do Reino Unido, que — para desespero dos DJs e dance-adictos mais ortodoxos — vêm se apropriando de alguns aspectos da dance music (o *groove*, o uso de samplers etc.) para integrá-los a novos contextos, novas ambiências.

Ainda que não seja um pioneiro nesse tipo de assimilação antropológica, o grupo escocês The Soup Dragons tem realizado curiosas incursões no gênero. Tal qual as imagens fractais (um *insight* do matemático francês Benoit Mandelbrot), ampliadas por computador, que escolheram para ilustrar a capa de seu segundo LP, *Lovegod*, a música dos Soup Dragons alude a um outro vislumbre da natureza e carrega o ouvinte numa viagem por escalas cada vez mais fascinantes.

A idéia de descontinuidade, de fratura, está dispersa por todo o disco, mas é em "I'm Free" que encontra melhor representação. Em exatos quatro minutos de duração, os Soup Dragons pulverizam um obscuro lado B dos Stones por meio de artifícios como uma batida ectópica, o improviso *toast* (cortesia do ex-Black Uhuru, Junior Reid), viscosos riffs de guitarra e um coro de nítida inspiração gospel. É como para reiterar tal vocação para o caos, o cantor Sean Dickinson faz questão de explorar ao máximo o sentido do verso "I'm free to do what I want, any old time" ("Sou livre para fazer o que quiser, a qualquer hora"). Impossível qualquer contra-argumentação.

Prosseguindo por entre referências que sinestesicamente sugerem beatitude, lascívia e um onirismo estupefaciente, nos deparamos com os pulsos do tecno-mantra "Mother Universe", o apelo à entropia de "Love You To Death", o langor cósmico de "Dream-E-Forever" e a dubiedade de "Beauty Freak", enquanto, encharcado de *ecstasy*, o fantasma de Marc Bolan revisita os prazeres da carne em "Sweet Meat".

Mais do que uma mera reciclagem, *Lovegod* acena com a possibilidade de um conceito distinto e, como tal, faz por merecer sua inscrição entre os principais lançamentos do ano passado.

Arthur G. Couto Duarte

MIXED UP — The Cure (Fiction/Polygram)

Botar Cure para uma pista de dança ficou novamente demodée depois que com o hip hop e house a música negra ocupou de novo seu devido lugar nas seleções dos DJs. Com a adesão em massa dos grupos de rock ingleses ao beat dançante, Robert Smith achou que, de repente, tinha a vez lançar essa coletânea. Chamou DJs conceituados na praça como Paul Oakenfold (mentor da mutação musical dos Happy Mondays), William Orbit e Mark Saunders e jogou sua carreira no liquidificador. Boas mesmo são "Close To Me" e "Lullaby" (o 12" original; este não é um remix novo) e uma ou outra passável. O resto é como se alguém tivesse aberto a tampa do liquidificador antes de desligá-lo. *C.C.R.*

CURE FOR SANITY — Pop Will Eat Itself (RCA/BMG-Ariola)

Suponha que Frank Zappa tem 25 anos e que, em vez de estudar regência e harmonia, ele passe as tardes vendo TV com o mão do controle remoto funcionando a ele, ao mesmo tempo que ouve. Suponha que ele goste mesmo é de rock'n'roll, mas não despreza rap e dance. Finalmente, imagine que este Zappa ... nativo e ... tem um ... senso de humor e resolve gravar um LP de ... para banda e o ... que este ... paz imaginar o ... Para tirar as dúvidas, ouça a declaração de princípios "X, Y & Zee", o ... Dr. Nightmare's Medication, o ... instrumental "Touched By The Hand of Cicciolina" e "Nightmare At 20 000 ..." homenagem a um dos mais famosos episódios de *Além Da Imaginação*. *A.F.*

MIDNIGHT STROLL — Robert Cray (Mercury/PolyGram)

Há um problema central em Cray: sua mescla de blues com pop moderno geralmente parece forçada e oportunista. É certo que ele é um exímio guitarrista, mas quando se trata de composições, arranjos ou mesmo do autêntico *feeling* do blues, deixa a desejar. Este LP é mais substancial que seus antecessores, mas não foge à regra. Só que, desta feita, Cray escorou-se descaradamente no soul dos sixties, "chupando" Otis Redding e Wilson Pickett. O resultado não poderia soar mais *fake*. *C.P.*

GREATEST HITS — Kid Abelha (Warner) **ARQUIVO — Os Paralamas Do Sucesso** (EMI-Odeon)

Duas coletâneas que têm em comum uma trajetória de hits a partir de 83 e uma música ... em cada. As dessemelhanças ficam por conta das bandas. Ninguém precisa de óculos para notar o crescimento dos Paralamas rumo à MPB desde a fase "Patrulha ... Cover ... com ... E Sua Mo..." (aqui em versão ligeiramente mais pesada) até "Alagados" e "Perplexo". Já Kid Abelha poderia ter sua carreira resumida em "Pintura Íntima", pois muito pouco mudou. No seu lugar, a fórmula ... põe o ... em ... será que estamos parados, congelados no espaço? Parece que no tempo também. *J.E.S.*

THE RAZOR'S EDGE — AC/DC (Atlantic/WEA)

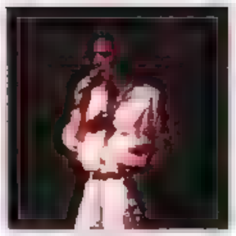
Após três anos, eles estão de volta com baterista novo (Chris Slade, ex-Uriah Heep e The Firm) e com uma porrada sonora para você sair batendo cabeça. Há tempos o AC/DC não provocava tanto entusiasmo, e a partir do carro-chefe deste novo trabalho, "Thunderstruck", o grupo destila muito peso, poucos temas lentos e nada de baladas melosas. Os destaques ficam com "Fire Your Guns", "Money Talks", "Are You Ready" e "Shot Of Love". *L.R.*

RHAPSODY FROM GRONTOLAND — Revenge (Heavy Metal Maniac)

Este disco é de estourar o saco e só ... do começo ao fim. Desde ... abertura ... canção ... o que temos é um metalzinho ... o besta cheio de vocais empolados, músicas óbvias e solos de guitarra que entram sempre na hora errada. No mais, dá para acreditar num álbum de metal com uma música chamada "Melodie Pour Le Temps"? *C.E.M.*

VISION THING — The Sisters Of Mercy (East West/WEA)

A imagem de principe gótico ... desgastada ou francamente ..., dizem os detratores, mas Andrew Eldritch ... o exemplo do LP anterior, *Floodland*, garante a ... peso e qualidade de som. Desta vez com uma banca inteira, a mesma que tocou no Brasil, com Tony ... James no baixo e nada menos que três guitarras), Andy ... à maneira ensaiar uma ... mais natural de voz e até ... aproximação a Bowie em "...ation Boulevard". O lado 1 especialmente engana bem. *A.A.*



CHICO BUARQUE NÃO VAI PASSAR — Chico Buarque (RGE)

Depois do belo tributo a Maysa, a RGE desencava de seus arquivos outra caixa de cinco LPs, desta vez dedicada a Chico Buarque de Hollanda. Trata-se de 53 registros compreendendo a primeira fase da carreira do compositor, desde as primeiras gravações ("Pedro Pedreiro" e "Sonho De Um Carnaval", de 65) até a temporada que passou na Itália em 69 (com as versões do disco 5). Pelo período passam "A Banda", "Carolina", "Roda Viva" ... e outras maravilhas. *C.P.*

UNDER THE RED SKY — Bob Dylan (CBS/Sony)

Se todos os discos de Bob Dylan fossem clássicos, ele não seria Bob Dylan: um artista inquieto, preguiçoso, ciclotímico, inconsistente e imprevisível, inseguro?! A carreira de Dylan é repleta de altos inspiradíssimos e ... embaraçosos, tanto assim que ninguém mais tem firmeza para pôr a mão no fogo por ele.

Para desalento dos fãs, *Under The Red Sky* encaixa-se na última categoria: é mais um rascunho que um álbum propriamente dito. Quem se embeveceu com o transcendental *Oh Mercy* (89) vai cair para trás com o novo disco: Dylan parece estar inventando um besteirol instantâneo enquanto grava acompanhado por uma trilha musical desorientada e pouco inspirada. É difícil crer que o Dylan, a voz articulada e poética dos anos 60, seja o mesmo dos versos infantis de faixas como "Wiggle Wiggle", "Unbelievable" e "Handy Dandy". Ou está transitando para algum outro estilo, ou simplesmente se desinteressou do ofício.

A banda que acompanha Dylan é um verdadeiro *who's who* do rock, com ecléticas e variadas participações dos irmãos Vaughan, George Harrison, David Lindley, Slash, Elton John, David Crosby e outros. Mas, apesar das contribuições individuais serem de elevadíssimo quilate, o trabalho em conjunto sucumbe à mesma falta de entusiasmo do dono da festa. A julgar pelo *Vol. 3* dos Traveling Wilburys, o melhor de Bob Dylan está sendo desviado para outras destinações. *E.N.*

HIP HOP NA VEIA (A RESPOSTA) — Thaíde E DJ Hum (Eldorado)

Em suas modalidades mais acessíveis, o rap é o estilo mais popular dos EUA. Em 1990, a parada americana foi dominada por MC Hammer, um Sammy Davis Jr. mafioso; por Vanilla Ice, um rambo texano; e pelos New Kids On The Block, cinco branquelos de Boston que regurgitam chavões da música negra por todos os orifícios e se fantasiam de *b-boys*. O programa de maior audiência da MTV americana é *Yo! MTV Raps* e chegou num ponto em que até a molecada dos cafundós do Arkansas se veste e fala como os negros do Bronx. Um processo de "crioulização" da América branca de resultados ainda imprevisíveis, que merecerá estudos sociológicos sérios — isso se sociólogos fossem uma raça séria.

Enquanto isso, no Brasil, o rap nem chegou à maioridade. Mas o novo disco de Thaíde e DJ Hum, *Hip Hop Na Veia*, está quase lá. Apesar de algumas escorregadas para o terreno do chavão ("o movimento hip hop lhe ajuda a vencer". Vencer o quê? Esse papo é meio Kolynos) e da redundância (caso de "Porcos No Poder", que defende a inovadora tese de que a maioria dos políticos são pulhas), o LP impressiona. Thaíde continua sendo a única voz verdadeiramente brasileira do nosso rap: seu jeito malaco-malemolengo de falar sugere um elo perdido entre Bezerra da Silva e Flavor Flav. Ideal para rappear suas letras mais pé-no-chão, como "Ritmo Da Vida", em que ele descobre que "fora o farol da polícia, algo irá me iluminar". A imagem é forte. Thaíde deveria explorar mais esse veio de letras autobiográficas. É quando ele se dá melhor.

O DJ Hum desempenha à altura. Suas colagens são de primeira e um dos maiores atrativos do disco — cheque seu trabalho em "Movimento De Rua", "Luz Negra" e na infecciosa "Não Pare O Funk", que só não toca no rádio porque os programadores são cretinos. Finalmente, crédito para quem merece: boa parte das qualidades do disco se devem à produção, que ficou a cargo de Nasi e André Jung, do Ira (sim, sim, me rendo ao talento), com participação de R.H. Jackson e Akira S.

Hip Hop Na Veia não é perfeito. Não chega nem perto disso. Mas está quilômetros acima de qualquer outra coisa do gênero já feita no Brasil. *André Forastieri*

CASSETE ◯ COMPACT DISC

FULL MOON DEPRESSION (EP)/STROBOSCOPIC CHERRIES — Maria Angélica Não Mora Mais Aqui (Vinil Urbano)

Parcialmente modificado — saem Lu Stopa e Carlos Nishimiya e entram Deborah Freire (baixo, ex-Dumbos) e Kim (guitarra, ex-Misto Quente e Made in Brazil) — em seu *line-up*, o Maria Angélica está de volta aos trilhos do rock regressivo. Se em seu LP de estréia o grupo exibia uma sonoridade raçuda e deliberadamente afiada, estes dois novos discos, um EP e um LP, conseguem conciliar a urgência de antes a um recém-achado refinamento, algo que vale tanto para as melodias e letras quanto para os arranjos, os vocais de apoio e os timbres de guitarra. Pena que algumas vezes falte gás ao vocalista Naporano que, ao baixar o tom da voz, quase embaça a beleza de algumas canções como "An Affair To Forget" e "Silence In Tears". *A.G.C.D.*

KILLING IS MY BUSINESS... AND BUSINESS IS GOOD — Megadeth (Combat/Sony) **RUST IN PEACE — Megadeth** (Capitol/EMI-Odeon)

Thrash metal quase sempre glorifica os temas que supostamente está condenando — violência, guerra nuclear, suicídio etc. E tudo meio parecido: porrada, solinho supersônico, queda de bpm e mais porrada. Além disso, praticamente não dá para ouvir em casa.

Mas às vezes você acorda com o espírito especialmente feroz e nada cai melhor do que um discaço de *thrash*. Se a sua prateleira ainda não tem um, considere *Killing Is My Business...*, de 85, primeiro LP do Megadeth. Dave Mustaine, então recém-despedido do Metallica, fez um disco de *speed metal* cheio de sangue. O resultado é matador: cheque a faixa-título, "Rattlehead" e em especial "The Boots" — versão revista de "These Boots Are Made For Walking", aquela da Nancy Sinatra. Se você gostar, fuja de *Rust In Peace*, o mais novo do Megadeth. É mais rápido que o outro mas é chato. Dave anda numa fase "saúde" que embotou sua criatividade e o novo guitarrista Marty Friedman tem pretensões satrianescas. *A.F.*

ALDERAN — Esfinge

Se a Esfinge pretende reeditar o maior fenômeno do pop brasileiro, achou o grupo e o produtor — só que tarde demais. Na esteira do *boom* RPM, este disco faria o maior sucesso. O grupo apareceria no Globo de Ouro e tudo mais. Mas o mercado por aqui mudou e quem ocupou este segmento foi Domino, Polegar, Paquitos etc. Xerox do grupo de Paulo Ricardo, autenticado pelo próprio Luís Schiavon (no caso, o produtor do LP, que também é dedicado a ele), o Alderan está fora de sincronia. Mas acredita no que faz, isso vale. *C.M.*

BOOMANIA — Betty Boo (Rhythm King/Stiletto)

Vamos direto ao assunto: perder este disco será imperdoável. Esta rapper inglesa nos presenteou com a melhor coleção de maravilhas pop dançantes deste verão. "Boomania" é cheia de referências ao pop dos anos 60 (nada de Doors ou Beatles, a coisa aqui está mais para Archies e Phil Spector) e dance dos anos 70 — Sly Stone e James Brown, é lógico, mas Boney M. e Olivia Newton-John também. Dá para comparar com o Deee-Lite numa boa, mas enquanto estes gostam de falar de positividade, o poder do amor e boas vibrações, Boo segue a tradição Motown e canta ou rapeia sobre o namorado que se foi ("Where Are You Baby?"), a sua vingança contra o professor da escola chato ao retornar gloriosa como popstar famosa ("Doin' The Do"), seu inconformismo diante de um DJ pentelho e careta ("Hey DJ/I Can't Dance", gravada com os Beatmasters), a flayra do namorado com outra ("Mumbo Jumbo") ou sobre como ela é esperta e ninguém a segura ("Boo Is Booming" e "Doin' It To Def"). Ela também é positiva e alegre, mas espera que você perceba sem ela precisar dizer.

A música é excitante e bem-sucedida nas suas variações e fusões. Há o saltitante funk "B-52zado" de "Where Are You Baby?". O hip house entezado de "Hey DJ". O funk *mainstream* americano na linha Jam & Lewis de "24 Hours". O ambient house "Valentine's Day". A união da base rítmica na linha Stock Aitken Waterman, como na sua excelente "FLM", de Mel & Kim, com um etéreo vocal anos 70 em "Don't Know What To Do". O clima Kate Bush com batida hip hop em "Leave Me Alone". E o frenético house "Doin' The Do" enfeitado de referências dos anos 60, como refrões adolescentes e guitarrinha surf, entre outras estrepolias.

Betty Boo é uma garota de 20 anos com perfeito controle de uma arte perdida ou quase sem lugar nestes dias de segmentação radical: fazer pop — não música popular, que vende muito, mas pop do tipo que acabou com Blondie e Abba. Das doze faixas de "Boomania", ela só não participa na produção de duas, é co-autora de oito e autora de quatro, participa na concepção de tudo na sua carreira, do que veste aos vídeos (uma matéria à parte). Além disso, ela é excepcionalmente bonita (mistura de escocês e malaia) e bem-humorada. E então, estamos diante da nova Madonna ou o quê? *Camilo G. Rocha*

SLAVES AND MASTERS — Deep Purple (RCA/BMG-Ariola) **NAKED THUNDER — Ian Gillan** (WEA)

Se os velhos fãs já ficaram céticos com a volta do Purple em 84, imaginem como estão agora com o grupo tendo como vocalista Joe Lynn Turner (ex-Rainbow e banda de Yngwie Malmsteen), nunca muito bem-visto pelas hordas metálicas. Dizer que este é um LP interessante é muita bondade. Na verdade só "King Of Dreams" aparece um pouco, graças ao órgão de Jon Lord. Uma desonra ao nome do Deep Purple que, assim como o desrespeitado Black Sabbath, devia ser melhor preservado. Por sua vez, o ex-vocalista do grupo, Ian Gillan, retoma sua carreira solo com um belo disco, pautado em suas origens musicais (vide o arranjo para o tema tradicional "No More On The Brazos") e em levadas purpleanas ("Nothing To Loose", "Gut Reaction" e "No Good Luck"). *L.R.*

THE VERY BEST OF ELTON JOHN — Elton John (Rocket/PolyGram)

Uma compilação na qual a primeira metade compensa plenamente a segunda. Isso porque é [illegible] que se concentra a fase [illegible] da dupla Elton John-Bernie Taupin, desde o primeiro hit, "Your Song", de 69, até canções do LP [illegible] Fantastic And The Brown Dirt Cowboy, 75. As seleções posteriores, incluindo a inédita "You Gotta Love Someone", já denunciam um Elton pouco empenhado e confortavelmente instalado em sua fortuna de sucesso. Mesmo assim vale a pena. *L.P.*

THE BLOOD RUSH — Stan Gameks / STEADY ON — Shawn Colvin / PEACE — Anything Box (CBS/Sony)

Este pacote de insignificâncias musicais cumpre perfeitamente sua função: fazer fundo para aquelas propagandas veiculadas de [illegible] [illegible] quem sabe, com um novo esporte de ação [illegible] em para [illegible]. Shawn Colvin visualmente é meio Dulce Quental, meio Marina. Musicalmente, a quem que andou ouvindo demais as piores baladas folk melancólicas de Tracy Chapman e Michelle Shocked. O Stan Games, produzido pelo excelente Stephen Hague, são [illegible] Monkees e um pouco de Pretenders numa centrífuga poderosa que elimina nada além de possível energia. Quanto ao Anything Box, tem uma voz que gostaria de ser Marc Almond e melodias, ritmos que soam ser confundidos com sobras de estúdio do Depeche Mode ou [illegible] do New Order. *C.C.P.*

TOO WICKED — Aswad / SOCA DANCE PARTY — Arrow / SORO — Salif Keita / NANGADEEF — Ray Lema (Mango/PolyGram)

A entrada da Mango Records no Brasil não poderia ser melhor, com o lançamento de *Jammin'* — compilação de reggae altamente recomendada por esta redação em edições passadas. Agora é preciso ficar atento: nem tudo que vem da Mango é ouro.

O trio britânico Aswad (negro, em árabe), em quinze anos de carreira fez coisas bem melhores que *Too Wicked*, seu décimo LP, gravado na Jamaica, no final de 89. "Don't Turn Around", de 88, incluído em *Jammin'*, foi o grande hit do grupo — que agora adentrou de vez no *dance hall*, aquele modelo de reggae eletrônico, com mil teclados, baterias digitais e tal. Serve para pistas de dança, mas não é boa coisa para se ostentar em sua discoteca particular, a menos que você adore o gênero.

Você conhece *soca*? Pois é, o nome vem das primeiras sílabas de *soul* e *calypso*, o que parece até uma boa união. Mas o santo nome *soul* foi usado em vão, já que a soca é apenas roupagem modernosa do ritmo caribenho. Arrow é hoje o grande nome deste estilo — que vem sendo bem executado nas lambaterias que buscam reciclagem. Se você já aprendeu uns passinhos de lambada não vai ter dificuldade em entrar na pista quando Arrow estiver cantando. Se você odeia Beto Barbosa, vai ser difícil engolir o Arrow.

Então, que tal um pouquinho de *world beat new age*? É isso que o membro da família real de Mali, Salif Keita, faz no disco *Soro*. Só para ter uma idéia, Wagner Tiso (ele mesmo) chamou o cara para cantar na faixa-título de seu último disco, *Baobab*. Se a palavra é etno, como garante nosso colaborador Jan Fjeld, Salif está na crista da onda. Se não é, desista de tentar gostar.

Exotismo estiloso é o caso de Ray Lema, que canta no complicado idioma senegalês *wolof*, apesar de ser do Zaire. Imagine que *Nangadeef*, o nome do disco, quer dizer apenas *oi*. Bem afeito ao estilo *world music*, o repertório de Lema une música eletrônica, traços jazzísticos, ritmos e melodias da tradição folclórica de seu país. É uma mistureba, mas o resultado não é dos piores. A título de curiosidade, dá para ouvir o disco inteiro. Para quem quer conhecer o que a Mango trouxe, é a melhor pedida. *Celso Masson*

THREE MONTHS, THREE WEEKS & TWO DAYS — Bill Pritchard (Plug/Acid Jazz/Eldorado)

Este é um daqueles discos que você ouve com prazer de ponta a ponta sem levantar a agulha. Apesar de contar com um [illegible] como Morrissey e ter o timbre muito parecido ao de Lloyd Cole, Pritchard — aqui em seu terceiro LP — consegue imprimir uma marca pessoal às suas canções, sempre envoltas em guitarras e violões no melhor estilo smithiano. Num todo homogêneo destacam-se as baladas "Cosy Evenings", "Sometimes" e "Je N'Aime Que Toi". *M.A.G.*

DON'T EXPLAIN — Robert Palmer (EMI-Odeon)

[illegible] Este é um álbum [illegible] os [illegible] se [illegible] pelo mesmo capa. O [illegible] do primeiro disco é o [illegible] de Palmer, o resto é [illegible] "[illegible] Be Your Baby [illegible]" de Bob Dylan [illegible] Paul Simon, "Housework", é um merengue que tem até um toco de [illegible] No Fubá no solo de trompete. O outro disco é [illegible] bossa-novesco [illegible] tem só treze [illegible] de cada lado. Poupe seu tempo e grana. *C.M.*

MAMA SAID KNOCK YOU OUT — LL Cool J (CBS)

Ladies Love Cool James T. Smith chegou — aos 20 aninhos — a um quarto LP consagrador. Se o anterior frustrava um pouco as expectativas geradas por *Big And Deffer*, o B.A.D. de verdade, e principalmente pelo *Radio* da estréia, *Mama...* arruma a casa, chegando ao som mais descarnado: o estilista do hip hop nova-iorquino procura atalhos de volta ao soul e ao funk e os encontra e pavimenta em faixas de molho irresistível como "Around The Way Girl", "Eaten Up (Chill)" e "6 Minutes Of Pleasure". *A.A.*

Ai vem a invasão das coletâneas: só dos **Rolling Stones** são relançadas três simultaneamente, via Rolling Stones/Sony. A mais consistente delas é **MADE IN THE SHADE** (75), que além do bom capa traz uma respeitável seleção de dez hits do grupo no período 71/74. Cinco dessas canções são repetidas em **REWIND (1971/1984)**, com certeza as melhores dentro de um repertório pouco feliz em suas escolhas. O mesmo problema também acomete **SUCKING IN THE SEVENTIES** (81), que traça um painel pouco representativo da banda pós-74. Prefira os álbuns. E, por falar em anos 70, a Epic/Sony edita quatro volumes da coleção **SEVENTIES**, que pretende traçar um panorama do rock no período. A julgar pelos *greatest hits* de três dos grupos focalizados — **Electric Light Orchestra**, **Journey** e **Kansas** —, seria melhor relegá-los ao mero esquecimento. Salva-se apenas a compilação que aborda o **Aerosmith**, único a merecer tal resgate. Aproveitando-se da recente passagem dos **Guns N'Roses** pelo Brasil, a Geffen/WEA reedita os dois discos da banda — *Appetite For Destruction* e *G N'R Lies* — e um pôster num pacote chamado **PROJETO GUNS N'ROSES**. Mais um item para as prateleiras dos fãs de Axl & Cia. Mas aos admiradores do quarteto **Stryper**, só resta o susto com sua mudança de imagem: de baluarte do *white metal* (ou "heavy cristão"), o grupo é flagrado na contracapa de seu novo LP, **AGAINST THE LAW** (Enigma/EMI-Odeon), em roupas de presidiários. Porém, o som permanece uma baba. **CHERRY PIE** (CBS/Sony), do **Warrant**, também se encaixa nesta categoria: heavy insosso e baladas metaleiras sem um pingo de criatividade. Dos veteranos guitarristas tentam quebrar o marasmo de suas últimas produções sem muito sucesso: **Santana** aparece com **SPIRIT DANCING IN THE FLESH** (CBS/Sony), enquanto **George Benson** sai com **THE BIG BOSS BAND** (Warner/WEA). O primeiro apela para covers de Curtis Mayfield ("Gypsy Woman") e Isley Brothers ("Who's That Lady"), citações musicais (Coltrane, Hendrix) e canjas celebres (Bobby Womack, Vernon Reid) com o intuito de recuperar um pouco de sua energia deixada em algum ponto do início dos anos 70. Tudo em vão, *muchacho*. Já o outro afasta-se um pouco da linha "jazz/pop FM" sua marca registrada, e incursiona por um tributo à música de Count Basie — contando para isso, inclusive, com a participação da orquestra do mestre. Uma guinada digna na sua trajetória, mas que não chega a entusiasmar. Pelas trilhas do Brasil varonil, no rastro do Carnaval, o negócio ainda é samba no pé. Se **Zeca Pagodinho** não consegue se livrar dos mais óbvios clichês do gênero em seu novo LP — **MANIA DA GENTE** (RCA/BMG-Ariola), o mesmo nunca vai se aplicar a **Martinho Da Vila.** Seu mais recente álbum, **MARTINHO DA VIDA** (CBS/Sony), é bem inferior e menos inspirada que o anterior (*O Canto Das Lavadeiras*), mas não deixa de comprovar a categoria desse sambista de Vila Isabel em faixas como "Coco Da Vida", "Me Ama Mo" e "Adeus Manaia".

CELSO PUCCI

GRAVADORAS INDEPENDENTES

Enfim, eis que chega até nós a versão em CD de um álbum de **Jimi Hendrix**. E a escolha foi exata: o duplo **ELECTRIC LADYLAND** (Polydor/PolyGram), já dissecado na *Discoteca Básica* (BIZZ 25). Gravado em 68, o disco registra o apogeu do guitarrista com a Experience — que logo após se dissolveria — e sua estréia na autoprodução. Aprofundando-se no estudo das técnicas e efeitos de estúdio, ele elaborou verdadeiras obras-primas: "Crosstown Traffic", "Voodoo Chile" em suas duas edições, "The Burning Of Midnight Lamp", "1983... (A Merman I Should Turn To Be)" e a versão definitiva para "All Along The Watchtower", de Bob Dylan. Enquanto isso, o blues também está bem servido com a presença do velho e bom McKinley Morganfield em **MUDDY "MISSISSIPPI" WATERS LIVE** (CBS/Sony), de 71. Ao mesmo tempo, os australianos do **Midnight Oil** se apresentam puxados pelo hit "Beds Are Burning", no álbum **DIESEL AND DUST** (Columbia/Sony), de 87. Pelas praias nacionais, a já extensa discografia de **Caetano Veloso** em CD é enriquecida com seis edições da Philips/PolyGram, que variam entre discos importantes — **CAETANO VELOSO** (71, gravado em Londres), **ARAÇÁ AZUL** (73), **JÓIA** e **QUALQUER COISA** (ambos de 75) — e dispensáveis: **CAETANO VELOSO** (86, gravado em Nova York) e o ao vivo **TOTALMENTE DEMAIS** (88).

CELSO PUCCI

O rock, apesar de não ter nascido no Brasil, tem memória curta. Quem se lembra do **Pylon**, grupo independente surgido no começo dos anos 80 em Athens, Georgia? Pois estes conterrâneos do R.E.M. estão de volta com um novo e inspirado álbum, **CHAIN** (Sky). Como em seus trabalhos anteriores, a guitarra continua saliente, mas os destaques são o baixo inteligente de Michael Lachowski e os vocais femininos nervosos de Vanessa Briscoe, que continuam a transmitir aquela urgência fundamental para um bom disco de rock. Acima de tudo, o álbum prima pelo equilíbrio entre as faixas, mostrando do começo ao fim toda a energia presente no retorno deste quarteto.

Formado pelos três instrumentistas do R.E.M. — Peter Buck, Bill Berry e Mike Mills — mais o veterano Warren Zevon, os **Hindu Love Gods** lançaram um álbum homônimo (Giant), em que retrabalham composições de Robert Johnson, Willie Dixon e outros. Imprimindo um ritmo próprio a estes clássicos, eles conseguem um resultado muito estimulante, como comprovam as versões para "Travelin' Riverside Blues" e "Battleship Chains". Os puristas talvez tenham suas desconfianças, mas não há como negar que o grupo explora muito bem as fronteiras entre o blues e o rock.

RICARDO LOBO

Com o nome inspirado no Orange Juice e na canção "Baby Lemonade", de Syd Barrett, o **Lemonade Hayride** é um grupo de Kentucky que se picou dos EUA (onde havia gravado apenas o EP *Halloween 72*, produzido por Mitch Easter do Let's Active) e graças ao *brilliant label* escocês Nightshift editou o estupendo LP **DUNNEBUGGY**. O som do quinteto é um nervoso amálgama que cruza influências que vão desde as remotas viagens do Pink Floyd às mais deslavadas esporas dos Flying Burrito Brothers. Mas não é só isso: eles têm aquele característico toque new wave (Elvis Costello, Graham Parker), algum enfeite country (R.E.M.) e um sinistro popismo (Todd Rundgren), compondo no todo uma sonoridade ultrapeculiar.

A magnífica gravadora francesa Dancetena, que além de grupos locais recruta ingleses, alemães, holandeses e noruegueses, nos traz agora mais uma saborosa novidade. Trata-se do já quase veterano **Venus Fly Trap**, que no LP **TOTEM** apresenta uma saudável fusão entre resquícios do som gótico, dance music, experimentalismo *noisy*, jazz e fragmentos de papices esdrúxulas. Com todas estas referências inusitadas, este não é um álbum que pega logo de primeira. Porém, se ouvido cuidadosamente, você irá descobrir por que o cultuado Jazz Butcher os considera uma das mais curiosas espécies do pop contemporâneo.

FERNANDO NAPORANO

O rei Dadá não está morto. É o que podemos afirmar pela audição de **BOA HISPAÑOLA** (Polydor), derradeira blague sônica do alemão **Phillip Boa** e seu **Voodoo Club**. Como é de seu feitio, o novo disco exibe uma intersecção quase patológica de ritmos tribais havaianos, reverberações flower-power, orquestrações *demodee* e ensangüentadas saias-de-palavras. O clima dessa deliciosa baderna pode estar na demenciação folk de "They Paint The Silence" (que inclui solos alternados de acordeão, bouzouki, mandolim e espineta!) ou mesmo no infame rock'n'roll "Boo-Diddley".

O duo inglês (radicado na Holanda) **The Legendary Pink Dots** é detentor de uma obra absolutamente desviante dos padrões convencionais. Em seu décimo segundo LP, **THE CRUSHED VELVET APOCALYPSE** (PIAS), Edward Ka-Spel e Phil Knight resgatam o caráter expansionista que grupos como Can, Faust e Slapp Happy certa feita imprimiram à psicodelia. Ele é justaposto à peculiaridade da música erudita contemporânea: as texturas pontilhistas de Ligeti, o concretismo de Pierre Henry e o som estocástico de Xenakis.

Envolvendo ao todo catorze pessoas, entre músicos, dançarinos, engolidores de fogo, contorcionistas, pintores e escultores, a trupe espanhola **Von Magnet** traz uma das mais delirantes propostas dos últimos tempos. No LP **EL SEXO SURREALISTA** (Dancetena), seus membros fundem a tradição do flamenco (inclusive na complexa alternância de palmas, castanholas e sapateado, que é inerente ao gênero) à novíssima música eletrônica.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

LETRAS

LIVED IN SPLENDOUR: DIED IN CHAOS

(Vestan Pance)

Built to stay the pace, not lazy, bleary eyed
a wide berth crazy taken easy
lived the sleazy lifestyle
on the jaws of a crocodile
wired and fired up
to erode the 90's, total overload excites me
standing naked, come to make it fall apart
for all the wild at heart, party people
with hearty appetites, start at Z
'cos we get up at night
walk a tightwire
breathing fire and thunder
then we're dead & down under
expressway to a higher heaven
a long ride up
a quick slide down
expressway to a higher heaven, a slow slow fuck &
a slow slow suck, psychedelic love flow freely
held in high esteem, held dearly
when you're near me we'll positively gravitate
just you wait you'll see, born to live & love
not to push & shove
here to give hope &
rise above all the bullshit & all the crap
'cos we got it like that
expressway to a higher heaven,
a long ride up &
a quick slide down
expressway to a higher heaven, a slow slow fuck &
a slow slow suck, slow slow slow
slow slow, I got no questions
I got all answers, I give no reasons
I got no time, I live in splendour, I'll die in chaos
I'd love to stay, but I got no time
the real deal is a steal of quality
sex & death & know no apologies
free of ties & of all the lies and disguise
I use a wise guy's eyes
when we've sown the seeds of passion we'll
explode in a most artistic fashion
first to explore a kiss before dying
now's the time for trying, the golden age
of junk-toys R us, drunken joys
in Bacchus we trust, god of wine & divine giver of ecstasy
read: sugar and stricnine, surging forward
urging persistence to the pineapple of our existence
we satisfy and gratify our senses
'fraid we're made in the 60's
born to live & love
not to push & shove
here to give hope &
rise above all the bullshit & all the crap
'cos we got it like that
expressway to a higher heaven
a long ride up
a quick slide down
expressway to a higher heaven, a slow slow fuck &
a slow slow suck,
I got no questions
I got all answers, I give no reasons
I got no time, I live in splendour, I'll die in chaos
I'd love to stay, but I got no time

VIVEU NO ESPLENDOR. MORREU NO CAOS

Feito para aguentar o rojão, sem preguiça, de olhos turvos
um louco que exitam, levado na manha
vivi o estilo de vida desleixado
sobre a mandibula de um crocodilo
ligadão e cheio de pique
para correr os anos 90, sobrecarga total me excita
ficando nu, vindo para deixar isso animado
para todos os selvagens de coração, pessoas de festas
com apetites vorazes, comecem no Z
porque a gente se levanta de noite
caminha na corda bamba
respirando fogo e trovão
então estamos mortos & la embaixo
estrada para um céu mais alto
uma viagem longa para cima
um escorregão rapido para baixo
estrada para um céu mais alto, uma trepada lenta, lenta, &
uma chupada devagar, devagar, amor psicodelico flui
mantido com alta estima, mantido com carinho
quando você estiver perto de mim, gravitaremos de verdade
espera só, você vera, nascidos para viver & amar
não para enganar & levar vantagem
aqui para dar esperança &
subir acima de toda a merda & todo o lixo
pois a gente leva isso desse jeito
estrada para um ceu mais alto
uma viagem longa para cima &
um escorregão rapido para baixo
estrada para um ceu mais alto, uma trepada lenta, lenta, &
uma chupada devagar, devagar, devagar, devagar, devagar
devagar, devagar, não tenho nenhuma pergunta
tenho todas as respostas, não dou razão nenhuma
não tenho tempo, vivo no esplendor, morrerei no caos
adoraria ficar, mas não tenho tempo
o verdadeiro negócio é um roubo de qualidade
sexo & morte & não conheço desculpas
livres de laços & de todas as mentiras e disfarces
uso os olhos de um cara esperto
quando tivermos semeado as sementes da paixão, nos
explodiremos da maneira mais artistica
a primeira a explorar um beijo antes de morrer
agora é a hora de tentar, a era de ouro
dos brinquedos fuleiros somos nós, das alegrias bebadas
confiamos em Baco, deus do vinho, doador divino de êxtase
leia-se: açucar e estricnina, rolando para frente
pedindo persistência ao abacaxi da nossa existencia
a gente satisfaz e gratifica nossos sentidos
temo que sejamos fruto dos anos 60
nascidos para viver & amar
não para enganar & levar vantagem,
aqui para dar esperança &
subir acima de toda a merda & todo o lixo
pois a gente leva isso desse jeito
estrada para um ceu mais alto,
uma viagem longa para cima
um escorregão rapido para baixo
estrada para um céu mais alto, uma trepada lenta, lenta, &
uma chupada devagar, devagar,
não tenho nenhuma pergunta
tenho todas as respostas, não dou razão nenhuma
não tenho tempo, vivo no esplendor, morrerei no caos
adoraria ficar, mas não tenho tempo

Tom Jarvis Rand

"Pop Will Eat Itself" BMG Mus. Pub. Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil a Editora Musical BMG Arabella Ltda.)

PARADA

CONVENÇÕES
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

Leitor! Sua participação é imprescindível! Escreva para "BIZZ — Parada Dos Leitores" (Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo, SP) dizendo quais discos você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone, para que voltemos a consultá-lo quando necessário.

LEITORES

1. *East Of The Sun...* (N) — **A-ha** — WEA
2. *Hack* (N) — **Information Society** — Stiletto
3. *O Papa É Pop* (4) — **Engenheiros Do Hawaii** — BMG-Ariola
4. *Na Calada Da Noite* (R) — **Barão Vermelho** — WEA
5. *Behaviour* (19) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
6. *Violator* (1) — **Depeche Mode** — WEA
7. *As Quatro Estações* (5) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
8. *Blaze Of Glory* (R) — **Jon Bon Jovi** — PolyGram
9. *Step By Step* (3) — **New Kids On The Block** — CBS
10. *The Immaculate Collection* (N) — **Madonna** — WEA
11. *X* (N) — **INXS** — PolyGram
12. *The Real Thing* (N) — **Faith No More** — PolyGram
13. *Bona Drag* (17) — **Morrissey** — EMI-Odeon
14. *Skid Row* (R) — **Skid Row** — WEA
15. *Vivo* (N) — [illegible] — BMG-Ariola
16. *Graffiti Bridge* (N) — **Prince** — WEA
17. *Packed* (N) — **Pretenders** — WEA
18. *Liberty* (R) — **DuranDuran** — EMI-Odeon
19. *Dreamland* (R) — **Black Box** — BMG-Ariola
20. *I Do Not Want...* (7) — **Sinéad O'Connor** — EMI-Odeon

Lojas consultadas: Baratos Afins, Bossa Nova, Wop Bop, Musical Box e Woodstock Discos (São Paulo); Pop Som (Porto Alegre); Sub Som (Rio de Janeiro); Cambio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte)

LOJAS

1. *The Real Thing* (1) — **Faith No More** — PolyGram
2. *Time's Up* (2) — **Living Colour** — CBS
3. *G N' R Lies* (R) — **Guns N' Roses** — WEA
4. *Vision Thing* (N) — **Sisters Of Mercy** — WEA
5. *World Clique* (N) — **Deee-Lite** — WEA
6. *No Prayer For The Dying* (3) — **Iron Maiden** — EMI-Odeon
7. *Blaze Of Glory* (10) — **Jon Bon Jovi** — PolyGram
8. *Appetite For Destruction* (17) — **Guns N' Roses** — WEA
9. *The Rhythm Of The Saints* (N) — **Paul Simon** — [illegible]
10. *O Papa É Pop* (R) — **Engenheiros Do Hawaii** — BMG-Ariola
11. *As Quatro Estações* (R) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
12. *The Immaculate Collection* (N) — **Madonna** — WEA
13. *The Very Best Of* (7) — **Elton John** — PolyGram
14. *LoveGod* (16) — **Soup Dragons** — PolyGram
15. *Rust In Peace* (R) — **Megadeth** — EMI-Odeon
16. *If* (R) — **Kamikaze** — Cogumelo
17. *Brick By Brick* (R) — **Iggy Pop** — EMI-Odeon
18. *Doolittle* (4) — **Pixies** — WEA
19. *Behaviour* (14) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
20. *Songs For Drella* (R) — **Lou Reed & John Cale** — WEA

LPs (EUA)

1. (1) *To The Extreme* — **Vanilla Ice** (SBK)
2. (3) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Houston** (Arista)
3. (9) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
4. (2) *Please Hammer Don't Hurt 'em* — **MC Hammer** (Capitol)
5. (4) *The Rhythm Of The Saints* — **Paul Simon** (Warner)
6. (10) *Some People's Lives* — **Bette Midler** (Atlantic)
7. (5) **Mariah Carey** (Columbia)
8. (R) **Wilson Phillips** (SBK)
9. (6) *The Razor's Edge* — **AC/DC** (Atco)
10. (N) *Serious Hits... Live!* — **Phil Collins** (Atlantic)

LPs (GB)

1. (2) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
2. (1) *The Very Best Of Elton John* (Rocket)
3. (3) *Serious Hits... Live!* — **Phil Collins** (Virgin)
4. (R) *Carreras Domingo Pavarotti — Concert* (Decca)
5. (N) *The Singles Collection 1984/1990* — **Vários** (London)
6. (N) *The Very Best Of The Bee Gees* (Polydor)
7. (N) *From A Distance... The Event* — **Cliff Richard** (EMI)
8. (R) *Soul Provider* — **Michael Bolton** (CBS)
9. (6) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Houston** (Arista)
10. (4) *Rhythm Of The Saints* — **Paul Simon** (Warner)

LPs Independentes (GB)

1. (1) *Pills 'N' Thrills & Bellyaches* — **Happy Mondays** (Factory)
2. (N) *Gala* — **Lush** (4AD)
3. (N) *Biorhythms 2* — **Vários** (Network)
4. (10) *Leggy Mambo* — **Cud** (Imaginary)
5. (2) *En-Tact* — **Shamen** (One Little Indian)
6. (3) *Some Friendly* — **Charlatans** (Beggar's Banquet)
7. (5) *Pigeonhole* — **New Fast Automatic...** (Play It Again Sam)
8. (N) Peel Sessions — **Chameleons** (Strange Fruit)
9. (N) Digital Dump — **Jack Officers** (Naked Brain)
10. (N) *Boomania* — **Betty Boo** (Rhythm King)

Compactos (EUA)

1. (2) "Because I Love You" — **Stevie B.** (LMR/RCA)
2. (N) "Justify My Love" — **Madonna** (Sire)
3. (3) "From A Distance" — **Bette Midler** (Atlantic)
4. (8) "Impulsive" — **Wilson Phillips** (SBK)
5. (10) "Tom's Diner" — **D.N.A.** (A&M)
6. (1) "I'm Your Baby Tonight" — **Whitney Houston** (Arista)
7. (N) "High Enough" — **Damn Yankees** (Warner)
8. (N) "Freedom 90" — **George Michael** (Columbia)
9. (N) "Love Will Never Do" — **Janet Jackson** (A&M)
10. (N) "Sensitivity" — **Ralph Tresvant** (MCA)

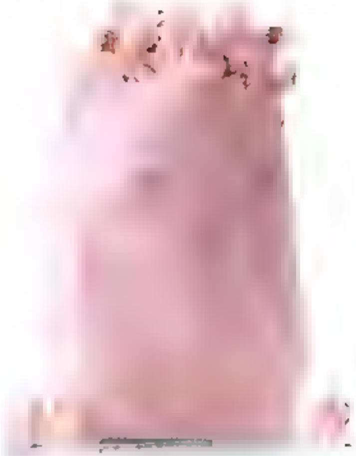
Compactos (GB)

1. (10) "Ice Ice Baby" — **Vanilla Ice** (SBK)
2. (N) "Justify My Love" — **Madonna** (Sire)
3. (N) "Saviour's Day" — **Cliff Richard** (EMI)
4. (N) "All Together Now" — **Farm** (Produce)
5. (N) "You've Lost That..." — **Righteous Brothers** (Verve)
6. (N) "Pray" — **MC Hammer** (Capitol)
7. (N) "Mary And A Little Boy" — **Snap** (Arista)
8. (N) "This One's For The..." — **New Kids On The Block** (CBS)
9. (N) "Situation 90" — **Yazoo** (Mute)
10. (N) "Wicked Game" — **Chris Isaak** (London)

Compactos Independentes (GB)

1. (N) "All Together Now" — **Farm** (Produce)
2. (N) "Hurdy Gurdy Man" — **Butthole Surfers** (Rough Trade)
3. (N) "Rave Down" — **Swervedriver** (Creation)
4. (N) "Situation 90" — **Yazoo** (Mute)
5. (N) "24 Hours" — **Betty Boo** (Rhythm King)
6. (N) "Island Head" — **Inspiral Carpets** (Mute)
7. (N) "Until You Find Out" — **Ned's Atomic Dustbin** (Chapter 22)
8. (N) "The Bee" — **Scientist** (Kickin')
9. (6) "Aftermath" — **Nightmare On Wax** (Warp)
10. (1) "Kinky Groove Afro" — **Happy Mondays** (Factory)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB) de 4/12/90 a 05/01/91. Para a Parada Dos Leitores foram consultadas as cartas recebidas até 03/01/91



VAI COMEÇAR A SESSÃO DA SET.

Todo mês, a revista Set traz os grandes lançamentos do cinema e do vídeo. Faz uma ampla cobertura dos filmes em cartaz e publica entrevistas exclusivas com os diretores, atores e atrizes que você mais curte. Com Set, você sempre se programa bem. E encontra ainda uma coleção de vídeos por gêneros, com todas as informações sobre novos lançamentos. Cada edição traz 8 fichas de cine e vídeo, para você destacar e colecionar. Você entra com a pipoca e Set com a melhor informação.

LEIA SET
SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

Uma publicação mensal da EDITORA AZUL

CARTAS

INVENÇÃO MALDITA

(...) Quando li a crítica do disco *Time's Up* do Living Colour (BIZZ 65), escrita por Celso Masson, me deparei com a seguinte besteira: "... mas não coalha o vinil com aquela maldita invenção chamada solo de guitarra". Eu acho que ele deveria ouvir um pouco de rock e blues e prestar atenção em quanto por cento do número de músicas ele vai encontrar solos de guitarra. (...) Se nós refletissemos bem, poderíamos chegar à conclusão de que se Jimi Hendrix não tivesse aparecido e reinventado a guitarra, mudando os conceitos do rock e blues em geral, talvez o Celso não tivesse este emprego atual e talvez a BIZZ nem existisse, pois não se sabe o rumo que o rock iria tomar. Então se manca cara, vá ouvir rock, blues, Jimi Hendrix, analise um pouco as coisas e pense três vezes antes de escrever abobrinhas, pois se você vê os solos de guitarra assim, com tão pouco respeito, você deveria criticar discos de samba, house, hip hop, entre outros. (...)

Fernanda Zdanowicz, São Paulo, SP

Celso Masson agradece sua carta e responde: Talvez você tenha razão, Fernando. É inegável a importância do solo de guitarra para o rock. Mas os solos percorreram um tortuoso caminho pelas mãos de guitarristas pouco criativos e muito hábeis, que minaram sua estética numa montoeira de diluições, clichês e virtuosismos piegas. Me referi a Vernon Reid como um grande guitarrista, e ele também faz solos. Só que sem abusos.

RÁ-TÁ-TÁ-TÁ

Fico contente em ver que finalmente alguém notou a importância dos Engenheiros Do Hawaii para os adolescentes que formam "a maior parte dos secundaristas brasileiros". (...) Apesar de discordar da sua opinião, sr. Celso Masson, achei este o melhor comentário seu na BIZZ. Foi bem construído, e o senhor usou argumentos sólidos. Que bom seria se em todos os lugares todos pudessem expressar suas opiniões assim.

Helio Luis Medina, Cosmópolis, SP

Celso Masson: mexer em vespeiros é perigoso, garoto! Não aprendeu, não? (...) Se você sabia que estava colocando sua cabeça a prêmio é porque sabia a besteira que estava fazendo. Eu sei que na BIZZ é moda dizer que os Engenheiros só servem para a juventude desinformada. Mas paciência tem limites! (...)

Lunara Dos Santos Corrêa, Porto Alegre, RS

(...) Concordo quando Celso Masson diz que os Engenheiros receberam o espaço merecido na BIZZ. Mas não receberam o respeito merecido. (...) Tenho pena de quem faz uma crítica pobre e não construtiva, que só é feita para o crítico se promover.

Fabio Closel Faria, São Paulo, SP

(...) Se os Engenheiros ganharam o merecido espaço nas páginas da BIZZ, é porque realmente eles mereciam, e isso pelo menos você reconheceu. Quanto aos discos serem apenas para enganar otário, me senti completamente ofendida e insultada e acho que todos que curtem se sentiram assim. (...)

Eulália Lima, Maceió, AL

Nunca imaginei que um jornalista de meia-tigela fosse detonar os Engenheiros Do Hawaii de forma tão medíocre. (...) Vê se ti manca, ô cara, jornalista de quinta categoria! Estude um pouco mais sobre rok en rrol (sic!!!).

Weiner Pedro, São Paulo, SP

Por que os críticos odeiam tanto os Engenheiros Do Hawaii? Afinal, eles são um dos grupos mais odiados pela crítica. Celso Masson exagerou na BIZZ 66 em relação a eles. (...) Manere um pouco, cara! Tenho certeza de que você ofendeu muitos fãs do grupo. Ah! Otário é o crítico que não tem sensibilidade nenhuma para julgar algo...

Fernanda Bernardes Ferreira, Conceição Das Alagoas, MG

É lamentável ter que sentir dores por alguém, mas não resisti à crítica feita por Celso Masson atacando os Engenheiros Do Hawaii. Somos otários por comprar o disco? Melhor um disco deles do que uma crítica. Os Engenheiros conseguiram um espaço no coração dos jovens brasileiros. Enquanto isso, certos críticos são odiados por criticar pessoas erradas.

Nil Ruiz, Americana, SP

(...) A crítica do honorável Celso Masson sobre *O Papa É Pop* não foi lá nada agradável. Acredito eu (mesmo não sendo fã de carteirinha do trio) que Gessinger não fez uma costura de filosofia barata, tampouco nos trouxe conselhos de almanaque. Que este seja o melhor disco do grupo, tudo bem, mas daí a dizer que, como todos os outros, este também é só para enganar otário, já é baixaria do Celso. Além de ser uma triste ofensa aos fãs. (...)

Lilian Silva, Belo Horizonte, MG

(...) Celso Masson: até acho que você adora os Engenheiros, mas como ficaria sua situação entre seus colegas se você dissesse bem do *Papa É Pop*? (...) Masson, pode ficar sossegado, pois sua cabeça ainda está na reserva. A que está em campo é a de Forastieri. (...)

Murilo P., Itararé, SP

(...) O único otário aqui é você, senhor Celso, que ainda não descobriu que crítica é uma coisa muito pessoal. Aprenda a mostrar apenas seus pontos de vista sem ofender a quem gosta, ou seja, os próprios leitores da BIZZ. (...)

Adriana e Luciane, Araras, SP

Magnífica, estupenda, sensacional... a crítica do sr. Celso Masson na BIZZ 66 sobre o disco paupérrimo dos Engenheiros, *O Papa É Pop*. É um recado ao senhor Humberto "Paquita" Gessinger: a crítica e todos as pessoas sensatas não o engolem, não pelo fato de não ser "viado" e sim pela pobreza de seus discos, que, como escreveu Celso Masson, são só para enganar otário!!!

Alessandro Victória, Campo Grande, MS

Apesar de todas as críticas da revista aos Engenheiros Do Hawaii, penso que a BIZZ está fazendo o jogo deles. Está ajudando a vender muitos discos e fazendo propaganda gratuita desta banda. Pô, por que ficar dando "tapas na cara" de Gessinger? (...) Melhor seria enterrá-lo de vez, não ficar aí fazendo propaganda do trio se sabemos que eles não acrescentam nada ao rock brasileiro. (...)

Jouberi G. Figueiredo, Balneário Camboriú, SC

Concordo em gênero, número e grau com a crítica de Celso Masson ao disco dos Engenheiros Do Hawaii. (...) Além das letras serem chatérrimas, as harmonias se parecem umas com as outras, estragaram "Era Um Garoto..." com aquele hino bunda. Prefiro com Os Incríveis. O show também é uma droga, o cara não agita porra nenhuma. Não só o disco como o show também, ambos são para enganar otário. (...) Parabéns Celso!

Jean Carlos, Tianguá, CE

Celso Masson agradece todas as cartas e responde: Já sabia que uma crítica justa de *O Papa É Pop* causaria tamanha celeuma. Deveria ter tecido elogios desmedidos ao disco e aos Engenheiros. Todos ficariam felizes e manteriam sua desinformação e ingenuidade inabaladas. P.S.: Otário não é ofensivo. Peguem o Aurélio: "Indivíduo ingênuo, de boa-fé".

A VINGANÇA DOS LEITORES

A coisa que a gente mais odeia são essas bandinhas de dance music que querem fazer sucesso metendo o pau em cima do rock'n'roll. Por que esses grupinhos tipo Que Fim Levou Robin? não ficam na deles? Pô, quem gosta de rock gosta de rock e quem gosta de dance, gosta de dance. Nos anos 60 as bandas de soul/funk viviam em harmonia com as bandas de rock. Afinal, ninguém precisa invadir o território de ninguém. Então, quer dizer que o negócio do Robin é vender um milhão, viver de playbacks? Será que eles não sabem que a cultura vem acima das vendas? O Barão pode vender só cinquenta mil, mas tem um público fiel. Se o Barão acabar, garanto que esse público não vai começar a comprar discos do Que Fim Levou Robin? E perai, qualé a do André Forastieri dizer que aquela bosta de "Aqui Não Tem Chanel" é uma letra boa? Paciência. "Aqui não tem Chanel/ Aqui não tem canal/ Chanel é soberana/ Chanel vai governar". Quem é Chanel? O Collor? *(Coco Chanel foi uma estilista francesa importantíssima. É sinônimo de elegância. Nada a ver com o Collor, evidentemente — AF)* Isso é mesmo um exemplo da música mental e material da brasilândia. O que nós mais gostamos no rock'n'roll é que nós não somos tão pretensiosos. Nós incomodamos, irritamos, fudemos, por isso sobrevivemos. Que Fim Levou Robin?... Ainda não levou, mas vai levar um tiro na testa.

Renato e Sandoval, Santa Helena de Goiás, GO

Li e gostei muito da matéria "Vingança Dos Ouvintes", de André Forastieri. É sempre bom saber que tem alguém que dê apoio à formação da dance music brasileira. Só espero que com o artigo essas bandinhas de rock nacionais se manquem e comecem a sair da idade da pedra, porque ninguém aguenta mais!

DJ Carlos Alberto Costa Rigueira, Olinda, PE

Acabei de ler a matéria "Vingança Dos Ouvintes". Achei uma falta de respeito! Alguém que pretende ser "a maior armação da música (?) brasileira de 91" dizer coisas sobre o bom e velho rock'n'roll é um absurdo. Pelo que vi nessa matéria o grupo pretende subir a escada do estrelato agredindo grupos famosos como Legião Urbana, Barão Vermelho, Capital Inicial, etc. Não sei nem explicar o desprezo que senti ao me deparar com a frase: "Para que gastar dinheiro com o Barão Vermelho?" Eu te explico: é porque alguma gravadora se preocupa em mostrar coisas boas como o Barão (...)

Clébio Cabral, Nova Friburgo, RJ

Nota da redação: A gravadora que se preocupa em mostrar coisas boas como o Barão é a mesma que contratou o Que Fim Levou Robin?

Mauro Borges, vocalista e compositor do Que Fim Levou Robin? responde: Queridos leitores: está na hora do movimento punk explodir de uma vez no Brasil, seja ele com funk, dance ou até mesmo com o "bom e velho rock'n'roll". *Destroy!*

ERRAMOS

O leitor Cássio Moreira, de Poços de Caldas, MG, flagrou quatro erros na *Ficha Completa* do Whitesnake (BIZZ 65). 1) O tecladista Brian Johnson participou do primeiro LP da banda, *Snakebite* (78). 2) O LP *Trouble* já tinha como membro da banda Jon Lord, no lugar de Brian. 3) O LP *Lovehunter* (79) não conta com Ian Paice na bateria, que só entrou na banda em 80, participando do LP *Ready & Willing*. 4) John Sykes não está entre os músicos do LP *Slide It In* (84), embora tenha entrado para o Whitesnake no ano de lançamento do disco.

No *ShowBizz* da edição 66, página 7, "Rápido e Rasteiro I", afirma-se que *Remasters*, do Led Zeppelin, será lançado em comemoração aos dez anos do grupo. Óbvio que a informação está incorreta. A comemoração é dos dez anos do *fim* do Led.

Na *Ficha* do Barão Vermelho, o ano de nascimento do percussionista Peninha está errado. O correto é 1950.

Ainda nas *Fichas* (BIZZ 66) erramos o ano de nascimento de Duff, baixista do Guns N' Roses. O correto é 1964.

Também erramos o nome do guitarrista do Faith No More (BIZZ 66) que é Jim Martin, e não Jim Morton.

MERCADO PARALELO

Vendo gravações de shows e discos piratas de mais de cem grupos, entre eles Guns N' Roses, U2, The Cure e Smiths. Delano Franco, R. Professor Sabóia Ribeiro, 47/203, CEP 22430, Rio de Janeiro, RJ

Vendo BIZZ do número 01 ao 40, menos a número 23. Todas em ótimo estado de conservação. Carlos Albagli, R. Borges Lagoa, 512, apto 154-B, CEP 04038, São Paulo, SP

Vendo coleção completa da BIZZ, desde o número um até a edição de dezembro de 90. Dalberto Mafra, R. Art. Bittencourt, 28/1104, CEP 88020, Florianópolis, SC

FÃ-CLUBES

Legião Urbana *Eternamente Legião Urbana* A/C Cida, R. Acor, 40, CEP 04837, São Paulo, SP

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abril-press
Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.° andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE
SP2: Intermidia LTDA.: av. Presidente Vargas, 1033, Ribeirão Preto, SP. CEP 14020. Fone: (016) 623-4252/623-4291
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - rua Barão do Triunfo, 720/801, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 252-4333 e 252-6794 FAX, Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h
Recife - Tel. (081) 424-1655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h
Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa.
CEP 05065, São Paulo, SP.

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

BIZZ-68

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante

Nome ______

Código de assinante ______

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço ______

Bairro ______ CEP ______

Cidade ______ Estado ______ Tel ______

Revistas que você quer receber neste novo endereço: ______

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Ferran Masson
ARTE
Editora: Deise Bonas
Assessoria de Arte: Eduardo Barreto
Diagramação: Angelo Asson, Antonio Fernando Morra, Celso da Silva Gama, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Colaboradores: Alex Antunes, Arthur G.C. Duarte, André Barcinski, Camilo G. da Rocha, Cláudia de Souza, Enéas Gomes de Souza Neto, José Júlio do Espírito Santo, Leopoldo Rey, Luís Henrique Romanholi, Otávio R. de Camargo, Paulo de Noronha Campos, René Ferri, Ricardo Lobo, (texto) Jorge Rosemberg (fotos), Alexandre Ortiz Ramos (revisão)

Diretora Responsável: Liege de Lima Dóro Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Carla Covolo, Gilberto J. P. Melo
RJ - Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Supervidora: Nancy Szirta
Coordenadora: Sandra C. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres), Massimo Toniolo (Berlin)
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex: 237670. Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 660731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Gerente de Planejamento e Controle: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: André Felipe D'Amato
Assistente: Patricia Granoni

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araújo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel.: (011) 211-7866, CEP 05479. Caixa Postal 06254, CEP 05389. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** Ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PUBLIC IMAGE LIMITED

METAL BOX (1979)

A origem da expressão *álbum musical* está nas velhas coleções de discos 78 RPM, que vinham reunidos em uma capa única, como um álbum fotográfico. Foi na virada para a década de 70 que um outro tipo de disco associou-se ao termo: o *álbum conceitual*, tara dos progressivos, com suas suítes, capas duplas ilustradas, encartes e outros bichos em torno de um mesmo tema (para distrair o ouvinte da banalidade do som, segundo um crítico).

Pois a capa deste *Metal Box* recupera, maldosa e paradoxalmente, as duas noções: o conceito é o desconcerto, um disco triplo (45 RPM) sem roteiro fixo de audição, saudavelmente desordenado como seu próprio som. E ainda por cima metido num *container* de segurança (idéia também sugerida no lúgubre e contemporâneo *Fear of Music*, dos Talking Heads) — para proteger-nos da música corrosiva ou para protegê-la do ouvinte? Tanto o invólucro encanta que a *Second Edition* do disco, em LP duplo com capa convencional (incluindo letras), parece perder um nadinha de seu charme bizarro.

O território em que o PiL se aventura no segundo disco é o tangenciado no primeiro, em que faixas urgentes como "Public Image" e "Low Life" soavam como herdeiras diretas do punk (apesar da guitarra personal de Keith Levene), chocando-se esquizofrenicamente com o improviso e a estranheza funk'n'dub das faixas mais longas. O som mais orgânico de *Metal Box* comprovou: John Lydon já não era o Johnny Rotten dos Sex Pistols; afinal, o rock'n'roll já havia sido destruído. Mas também não estava querendo parir sua versão da *Metal Music Machine*, o clássico da inaudibilidade, provocação neurotrofastênica (*aló, A.G.C.D.!*) de Lou Reed. Aliás, o fascinante caráter sônico do PiL dependia menos de Lydon do que de Levene ou do baixista Jah Wobble, irrequietos manipuladores *low tech* dos recursos de estúdio.

A referência mais imediata (e assumida) foram os alemães do Can (*lata*, em inglês...), ativos desde o fim da década de 60 e já enfocados nesta seção (BIZZ 54). Wobble, ao abandonar o grupo logo em seguida ao disco, tornou-se parceiro eventual de Holger Czukay, um destes alquimistas germânicos. Wobble também não resistiu a roubar algumas das bases gravadas para seu primeiro LP solo, produzido quase ao mesmo tempo — um confuso período de oito meses em que o PiL freqüentou vários estúdios e foi freqüentado por vários bateristas (há quatro deles no *Box*, não creditados, inclusive o próprio Levene).

Metal Box radiografa a banda em seu momento mágico: antes que as contradições da atitude livre e idealista versus as injunções do *star system* (mais a personalidade impossível de Lydon) a destroçasse artisticamente. Continuou o apego aos "conceitos" — Lydon viria a chamar um álbum de *Álbum*, pilhando o grupo americano Flipper —, mas a potência, o mistério, a beleza perversa de certas faixas — como a longuíssima "Albatross", as porradas de "Memories" e "No Birds", a releitura de "Swan Lake" de Tchaikovski (letra inspirada na morte da mãe de Lydon), a obsessiva "Chant", os magníficos instrumentais de "Graveyard", "Socialist" e "Radio 4" — estavam fadados a só se repetir eventualmente. Como em *Commercial Zone*, o disco não-oficial (raro) que Levene distribuiu em 84, ao ser expulso da banda (nada mau, para quem já havia sido expulso do Clash, em 76). Ficam os climas dos baixões pantanosos e os synths esparsos, recortados por aquela guitarra ácida e pela voz atônita de Lydon — uma hora de pura ousadia escondida ali, na lata...

ALEX ANTUNES

UNIÃO
A 96.9 DIFERENÇA ESTÁ NO AR
UNIÃO
Rua Felipe Schmidt, 56 • 13º • Edifício Comasa
Fone: 220560 • telex 482-613 • Florianópolis • SC

FAITH NO MORE

Eles estão chegando. Depois de conquistar a Europa e surpreender os americanos, o FAITH NO MORE está desembarcando no Brasil. Prepare-se. Você nunca ouviu nada igual.

Em Discos e Fitas de Cassete

STING

The Soul Cages

Depois de 3 anos
STING está de volta,
mostrando porque
é um dos maiores
artistas da música
pop do planeta.
Confira !!!

Em Discos,
Compact Discs e
Fitas de Cromo

PolyGram